



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós Graduação em Educação
Mestrado em Fundamentos da Educação

**CORPOS SUSPENSOS E EMOLDURADOS:
ARQUÉTIPOS DE UMA EDUCAÇÃO DANIFICADA**

Autora: Claudia Regina Almeida

Orientador: Prof. Dr. Luiz Hermenegildo Fabiano

Maringá

2005



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós Graduação em Educação
Mestrado em Fundamentos da Educação

**CORPOS SUSPENSOS E EMOLDURADOS:
ARQUÉTIPOS DE UMA EDUCAÇÃO DANIFICADA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em da Educação da Universidade Estadual de Maringá, área de concentração: Fundamentos da Educação, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Hermenegildo Fabiano.

MARINGÁ, 2005



Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Programa de Pós Graduação em Educação
Mestrado em Fundamentos da Educação
FOLHA DE APROVAÇÃO

Esta Dissertação de mestrado, intitulada “**Corpos suspensos e emoldurados: arquétipos de uma educação danificada**” foi aprovada pela Banca Examinadora abaixo nominada em 30 de março de 2005.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Hermenegildo Fabiano
(Orientador)

Prof. Dr. Paulo Sérgio Bereoff

Prof^a. Dra. Ednéia Regina Rossi

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que, como eu, sonham com uma sociedade onde todos tenham o direito de ser socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres.

“Aos predadores da utopia: dentro de mim morreram muitos tigres, os que ficaram, no entanto, são livres”
(Lau Siqueira)

AGRADECIMENTOS

- Agradeço às minhas paixões... às antigas, às de agora e às que virão, porque elas movem minha vida;

*“Mundo, mundo, vasto mundo... Mais vasto é meu coração”
(Carlos Drummond de Andrade)*

- A meus pais, **Claudio e Edna**, pessoas maravilhosas, companheiros de todos os momentos, por estarem impregnados em todos os meus poros, pensamentos e coração e sobretudo porque nessa vida se *“aprende que há mais de seus pais em você do que você supunha”*..
- À minha querida irmã **Erica**, simplesmente por ser minha grande companheira nessa vida, minha alma gêmea, minha força, minha inspiração. Pelos momentos de alegria, descontração e cumplicidade. Pelo poder de indignação que compartilhamos. Por ser meiga, doce, inteligente, sensível e maravilhosa. Por ser assim como eu sou... e principalmente por me fazer acreditar que *“há pessoas que transformam o sol numa simples mancha amarela; mas há também aquelas que fazem de uma simples mancha amarela o sol.”* (Pablo Picasso);
- À minha querida irmã **Sandra** que é tão inteligente e doce, sempre maravilhosa e alegre. Pelo seu exemplo de serenidade na vida, por ser tão carinhosa e companheira a me confortar por me fazer saber que ela estará sempre por perto com seus olhos de Capitu. Nela vejo que *“há tanta suavidade em nada dizer e tudo se entender”*. (Fernando Pessoa)
- Ao meu querido orientador **Prof. Dr. Luiz Hermenegildo Fabiano**, pessoa por demais encantadora, exemplo quase único de docilidade e sabedoria. Pelos elogios e pelas broncas. Pelo carinho e dedicação em fazer-me entender algumas coisas imprescindíveis. Por ser poeta, por ser TUDO!
- Ao novo amigo e cunhado **Ricardo**, pessoa tão especial e doce que raramente encontramos nessa vida. Por seu sorriso fácil, por sua alegria e por seu carinho, sempre atencioso e prestativo. Por me fazer acreditar novamente que ainda vale a pena procurar um grande amor.

- Aos professores da banca examinadora, **Ednéia e Paulo** que gentilmente aceitaram o convite para avaliar a produção teórica dessa caminhada. Em especial à professora Ednéia, por ter marcado minha graduação com sua doce sabedoria, fazendo-me despertar a paixão pela história e pela filosofia tornando-se um exemplo para minha prática profissional e pessoal.
- Aos querido amigos, que mesmo distantes me trazem muita alegria: **Natália, Paulinha e Arnaldinho**.
- Aos “meus” **queridos alunos** da Academia de Ensino Superior de Sorocaba, pelos sorrisos constantes, pela alegria que lhes são peculiares. Por me deixarem fazer parte da construção de seus conhecimentos. Por tantas coisas que me ensinaram e com certeza ainda irão me ensinar, compartilhando os prazeres e dificuldades da educação. Em especial às doces Samira e Tádía e aos encantadores Luiz Carlos, Grillo, Fabrício, Ricardo, Fernando e José Antonio.
- Ao grupo **O Rappa**, por me inundar de alegria a cada show. Pelas músicas intensas, belas e formativas que auxiliam em minhas reflexões. Por me darem um instrumento rico e novo no entrelaçamento das questões filosóficas durante a prática docente. Por me fazer acreditar que também por meio da música é possível pensar criticamente os fenômenos sociais e humanos. E finalmente porque sou “pescador de ilusões” e no final dessa caminhada pude compreender melhor que *“o mar escuro trará o medo lado a lado com os corais mais coloridos”*.
(*O Rappa*)

PESCADOR DE ILUSÕES

(Marcelo Yuca, O Rappa)

Se meus joelhos não doessem mais
Diante de um bom motivo que me traga fé, que me traga fé!

Se por alguns segundos
Eu observar, e só observar
A isca e o anzol, a isca e o anzol, a isca e anzol, a isca e o anzol
Ainda assim estarei pronto pra comemorar
Se eu e tornar menos faminto do que curioso, curioso
O mar escuro trará o medo lado a lado com os corais mais coloridos

Valeu a pena he, he
Valeu a pena he, he
Sou pescador de ilusões...

Se eu ousar catar na superfície de qualquer manhã
As palavras de um livro sem final, sem final, sem final, sem final, sem final, final...

Minha Alma

(Marcelo Yuca, O Rappa)

A minha alma
Está armada e apontada
Para a cara do sossego
Pois paz sem voz
Paz sem voz
Não é paz é medo

As vezes eu falo com a vida
As vezes é ela quem diz
Qual a paz que eu não quero
Conservar pra tentar ser feliz

As grades do condomínio
São pra trazer proteção
Mas também trazem a duvida
Se é você quem está nesta prisão

Me abrace e me dê um beijo
Faça um filho comigo
Mas não me deixe sentar
Na poltrona num dia de domingo
Procurando novas drogas de aluguel
Nesse vídeo coagido
Pela paz que eu não quero seguir admitindo

RESUMO

Considerando a perspectiva histórica de que o corpo é um dos locais onde as marcas sociais são expostas, além de ser o meio principal pelo qual as questões da Educação Física são abordadas, a possibilidade de se explorar o tema "corpo e cultura" são diversos. Entretanto, este estudo está centrado na reflexão de um possível comprometimento da consciência corporal autêntica e autônoma na sociedade contemporânea, ou seja, a existência de uma educação do corpo que assume formas cada vez mais danificadas em detrimento da formação digna. O trabalho estrutura-se da seguinte maneira: o primeiro capítulo destina-se a apontar como o corpo vem sendo tratado na linha da história, passando pela antiguidade, a idade média, a formação do capitalismo e a modernidade. O segundo capítulo, ao situar o contexto histórico, apresenta elementos que demonstram como o modelo industrial determinou o modo de organização social em que vivemos. Dentro dessa linha de investigação, segue uma análise acerca do processo de mercantilização da cultura e a apresentação dos conceitos de "Indústria Cultural" e "Semiformação Cultural". Para encerrar a investigação o terceiro capítulo analisa, à luz de reflexões desenvolvidas pelos pensadores clássicos da Escola de Frankfurt, as imagens corporais expostas na forma de outdoors para discutir a concepção de corpo difundida nos centros urbanos fazendo as possíveis relações entre a cultura danificada e a educação do corpo na contemporaneidade. Nesta etapa são utilizadas fotos de outdoor como fonte de análise da argumentação levantada, enfatizando que as imagens devem ser vistas como textos a serem lidos. Com essa investigação concluiu-se que, na linha da história, o corpo, essa singularidade multifacetada, pouco a pouco parece perder sua inteireza, identidade sensorial e liberdade. O corpo moderno tornou-se aquele que se afirma como identidade de uma sociedade que glorifica o sistema econômico. Assim, o sujeito não consegue agir de forma consciente permitindo uma identidade corpórea para a possibilidade de existência na produção da história que o determina enquanto ser social. É nesse sentido que a subjetividade torna-se comprometida com a objetividade ideológica, reproduzindo na sua particularidade uma totalidade social que exclui o seu direito de existência. Nesse contexto, o corpo passa a ser suscetível às sujeições que lhe são impostas pelo modo moderno de produzir a vida e também pelos ditames da Indústria Cultural que, através dos mecanismos de manipulação ideológica, ajudam na impossibilidade do corpo de entender-se enquanto ação histórica e estabelecer sua identidade. Acreditamos que uma educação do corpo, assim danificada pelo conjunto de processos informativos que resultam em semiformação cultural compromete aquilo que o ser humano poderia construir enquanto uma vida justa e de rejeição à barbárie. Ou seja, a educação do corpo, danificada por tais princípios de manipulação, tanto da consciência corpórea quanto a de sua situação no mundo social, torna-se um obstáculo para o esclarecimento (Aufklärung) e este é peça fundamental para uma sociedade de indivíduos emancipados. Enfim, as reflexões aqui levantadas serão de grande valia para se repensar as questões do corpo, bem como a Educação Física como possibilidade educativa emancipatória.

Palavras –chaves: Indústria Cultural, Semiformação Cultural, Educação do Corpo.

ABSTRACT

Considering the historical perspective that body is one of the places where the social brands are exposed, besides it is the main way by where the questions of Physical Education are treated, the possibility of exploring the theme “body and culture” are various. However, this study is centred at the reflection of a possible commitment of the authentic and autonomous corporal conscious at the contemporary society, i.e., the existence of a body education that assumes forms more and more damaged in place of the worthy formation. The work builds it self in the following way: the first chapter shows how body has been treated at the history line, passing by antiquity, medium age, formation of capitalism and modernism. The second chapter, when it points out the historical context brings elements that show how the industrial model determinate the way of social organisation where we live. In this line of investigation, follows an analysis beyond the culture commercialisation process and the presentation of concepts of “Industrial Culture” and “Cultural half-formation”. To finish the investigation, the third chapter analyse, in lights of reflections developed by classical studios of Frankfurt School, the corporal images exposed in outdoors to discuss the conceptions of body spread out at the urban centres doing the possible relations between damaged culture and body education at this days. In this step outdoor photographs are used as font of analysis of the argument emphasising that images must be seen as texts to be read. With this investigation we conclude that, at the history line, the body, this multifaceted singularity, starts slowly to loose its completion, sensorial identity and freedom. The modern body became that one that affirms it self as identity of a society that glorifies the economical system. In this way, the person can not act in a conscious way allowing a corporeal identity to the possibility of existence at the history production that determinate that he is a social being. It is in this way that subjectiviness become committed with ideological objectiveness, reproducing a social totality that excludes his own of existence. In this context, body became susceptible to what is imposed to it by the modern way of produce life and by what Cultural Industry says too that, beyond the mechanisms of ideological manipulation helps at the impossibility of body to understand itself as an historical action and establish its identity. We believe that a body education, damaged by the group of informative process that results in Cultural Half-formation compromises what human being could construct as a joust life and rejection to barbarian, body education, damaged by this principles of manipulation, of body conscious and its social situation of the world, becomes an obstacle to clarification (Aufklärung) and emancipated and this is the fundamental piece for an emancipated citizens society. Finishing, the reflections here showed will be very important to think one more time about the body questions, as well as Physical Education as an emancipator educative possibility.

Key words: Cultural Industry, Cultural Half-formation, Body Education

ÍNDICE

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

RESUMO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO I – O corpo na linha da história	24
1.1. Antigüidade e Idade Média	25
1.1.1. Antigüidade.....	25
1.1.2. Idade Média.....	31
1.2. Modernidade (O corpo moldado ao capital).....	37
1.3. Um parênteses para o século XIX e XX.....	43
1.3.1. A ciência e a construção do homem no capitalismo.....	45
2. CAPÍTULO II - Corpo, Cultura e Sociedade	52
2.1. O Homem e o Mundo.....	53
2.2. Razão e Cultura Danificada.....	55
2.3. Indústria Cultural.....	59
2.4. Semiformação Cultural.....	70
3. CAPÍTULO III – Corpos suspensos e emoldurados: a subserviência escancarada	84
3.1. Imagens da educação no corpo.....	86
3.2. Os corpos suspensos e emoldurados.....	88
3.3. Implicações de uma educação do corpo na atualidade.....	100
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	114

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 01: Outdoor da campanha publicitária de uma loja de roupas femininas.....	89
Fig. 02: Outdoor da campanha publicitária de uma loja de roupas femininas.....	92
Fig. 03: Outdoor de uma campanha publicitária de lingerie.....	94
Fig. 04: Outdoor de marca de bolsas.....	95
Fig. 05: Outdoor da campanha publicitária da loja de roupas	97
Fig. 06: Outdoor de loja de departamentos.....	98
Fig. 07: Campanha de promoção de troca de óleo em posto de gasolina.....	111

INTRODUÇÃO

*“Somos o que fazemos, mas somos, principalmente,
o que fazemos para mudar o que somos”
(Eduardo Galeano)*

No que se refere às questões relacionadas com a área da Educação Física, percebe-se que amplas são as discussões sobre os mais variados temas. Dentre eles destacam-se diferentes manifestações da cultura corporal de movimento tais como: o esporte, a dança, a ginástica, as lutas, as atividades relacionadas à saúde, a educação física escolar, entre outras.

Entretanto, mesmo sabendo das diversas possibilidades de se tratar o corpo, o conceito de Educação Física abordado nesse estudo é aquele ligado à intenção de constituir uma prática formativa **do e no** indivíduo, ou seja, uma Educação do Corpo. Nessa concepção, quaisquer atividades desenvolvidas corporalmente contêm uma intenção educativa. Então passamos a pensar na formação do homem em todos os aspectos de produção da vida. Falamos do homem que tem *“o corpo como primeiro plano de visibilidade humana, como lugar privilegiado das marcas da cultura (...), como espaço de imposição de limites psicológicos e sociais” (VIGARELLO citado por SOARES, 1999, p.05)*. Falamos de uma Educação Física que, sobretudo, deveria servir como uma possibilidade de resistência e de uma atitude emancipatória.

Educar o corpo também é produto das relações de poder entre ciência, política e cultura, envolvendo diversos interesses econômicos e sociais. Na linha da história, o corpo, essa singularidade multifacetada, pouco a pouco parece perder sua inteireza, identidade sensorial e liberdade. Enfim, fatores como o desligamento dos seres humanos da totalidade (que reforça a crença no individualismo) e produção da vida numa sociedade altamente racional acabam engendrando um indivíduo com o corpo extremamente adestrado.

A modernidade é o período histórico onde se realizam mudanças decisivas para o que vemos configurar como uma concepção de corpo na atualidade. Com o desenvolvimento pleno das regras do capitalismo, a sociedade vai tornando-se extremamente racional. No ocidente, o interesse pelo conhecimento é transfigurado em ciência que luta para se impor com total credibilidade, pois deveria respaldar a construção do homem necessário ao capital, ou seja, um homem produtivo. Esse tempo apoia-se na crença desmedida pelo “progresso” e pauta as práticas sociais nos parâmetros ditados pelos “métodos científicos”. Dessa forma, impregna a vida do indivíduo com pragmatismos onde tudo deve ser medido, classificado.

Nesse momento, a Educação do corpo estará intimamente ligada à construção do novo homem e se expressará através dos gestos disciplinados e da saúde. Os valores e hábitos corporais propagados com o desenrolar da sociedade burguesa tiveram como alvo a consolidação de um homem saudável fisicamente, na mesma medida em que tornava-se adequado física e moralmente aos padrões desta sociedade emergente. O pensamento de produtividade, necessários à consolidação do Estado burguês e da burguesia como classe foi gestando um pensamento científico, que “cuidaria” do homem em seus aspectos mentais, intelectuais e corporais.

Há, ainda, uma outra consideração de central importância: o século XIX será primordial para entendermos os conceitos básicos sobre o corpo e sua utilização como força de trabalho. Além disso, a construção do novo homem é engendrada em todos os espaços: no campo, na cidade, na fábrica, nos lares, na escola e na família.

A Educação Física como ponto de partida e de chegada

*“A experiência não é o que aconteceu com você,
mas o que você fez com o que aconteceu”
(Audous Huxley)*

A Educação Física, entendida como prática de homens concretos, determinada histórica e socialmente, logo, sujeita a contradições e conflitos sociais e individuais, assumiu em sua existência histórica categorias que vão ao encontro da perspectiva da transformação ou da reprodução das relações sociais tal como se apresentam .

Entretanto, nos moldes do capital, a Educação de uma maneira mais ampla e conseqüentemente a Educação Física vem desempenhando o papel burguês à medida que não assume uma visão crítica do processo. Mesmo apresentando várias conotações (a higienista, a militarista, a pedagogicista, a competitivista, entre outras), quase não mudou seu suposto objetivo histórico: atender às necessidades burguesas dando continuidade ao modo de produção capitalista. (GUIRALDELLI JR., 1988, p.33) Através da forma como os conteúdos da cultura corporal são tratados, acaba interferindo na forma como a Educação Física transmite os valores dominantes.

Há longo tempo essa área de conhecimento específica vem concentrando seu ato pedagógico, principalmente, nos aspectos técnicos, baseando-se metodologicamente na fisiologia e na biologia, buscando sempre a perfeição dos movimentos corporais em detrimento de aspectos tão imprescindíveis em nossa época como os conhecimentos históricos, filosóficos, econômicos e políticos. Justaposto a esses conhecimentos destaca-se a importância da experiência sensorial e experiência formativa com os fenômenos da cultura corporal de movimento.

No que concerne à prática da Educação Física dentro do contexto escolar, o esporte, que segundo o COLETIVO DE AUTORES (1994) se encaixa na denominação de esporte na escola, manifesta-se como um de seus principais conteúdos, tornando-se muitas vezes o aspecto que a legitima. Todavia, salienta-se que o problema não é o esporte em si, mas a forma como ele se produziu na

sociedade capitalista. Ele vem se constituindo como estratégia burguesa de relacionar a prática corporal à vida social do indivíduo que, no entanto, não se apresenta de outro aspecto que não o funcional, isto é, adequando seus praticantes à atual estrutura, sem, contudo, refleti-la, compreendê-la ou contestá-la. A prática do esporte de acordo com a forma burguesa de concebê-la, parece forjar um indivíduo “conformista, feliz e eficiente”. Outra faceta do esporte na sociedade capitalista é sua estreita relação com o mundo do consumo.

Para complementar essa abordagem sobre a esportivização da Educação Física escolar recorreremos às palavras de Francisco Mauri de Carvalho Freitas (1995, p 07), que sempre ao tom de seu peculiar palavreado, observa que “*na Educação Física sem matiz, incolor, amorfa politicamente, o desporto se concebe como fenômeno desculturado, construído por ‘generatio aequivoca’ (geração espontânea) e portanto despolitizado*”.

As considerações feitas anteriormente caracterizam uma Educação Física sem continuidade de conteúdos, demasiadamente técnica, antieducacional, esportivizada, tornando-se muitas vezes desapropriada às necessidades históricas dos sujeitos no processo social. Em suma, prática social desvinculada da realidade no que se refere às possibilidades de resistência e/ou atitude emancipatória.

Recentemente a Educação Física escolar é **mais** marginalizada porque não serve necessariamente para impor um determinado modo de vida como aconteceu nas décadas de 1930 e 1940 no Brasil. Nessa época, tal disciplina da grade curricular era primordial na formação de um homem higiênico, “reto” e patriota que iria representar o fortalecimento da nação¹, configurando-se como aparelho ideológico do Estado. As investidas da Indústria Cultural na atualidade dão conta de moldar a consciência (também corpórea) dos sujeitos a uma sociedade pautada no individualismo, no consumismo e nas regras do capital.

¹ Reflexões realizadas tendo por base o estudo de Katia Danailof “Corpos e Cidades: lugares da Educação” – Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação – Unicamp – Campinas – 2002.

Ao contrário do que acontece com a Educação Física escolar, o corpo ganha enorme visibilidade na contemporaneidade histórica porque se tornou objeto de manipulação ideológica à medida que se transformou em mercadoria. O corpo é o centro das atenções em vários segmentos da sociedade, mesmo que essa atenção seja na esfera da aparência para o consumo e o discurso sobre o mesmo desprovido de historicidade² e significado real à contribuição de uma vida humana mais justa.

Nessa visibilidade do corpo, as atividades físicas relacionadas à saúde e principalmente à estética corporal tornam-se coqueluche entre os indivíduos, envolvendo nesse contexto um padrão de corpo estereotipado, alienado e fetichizado que corresponde aos mais perversos mecanismos de manipulação subjetiva que pouco tem a ver com qualidade de vida.

Partimos da Educação Física quando decidimos discutir a educação do corpo e a ela retornamos por apresentar-se como uma das formas possíveis de “organização” do corpo, de uma educação do corpo pelas experiências formativas dignas, atendendo a interesses coletivos e pessoais. Na medida em que agrega o biológico, o simbólico e o pedagógico, essa área de conhecimento configura-se como uma possibilidade formativa no sentido da emancipação.

Cabe destacar que, embora tenham sido elencadas aqui as especificidades da área da Educação Física não se pode perder de vista que as questões formativas engendradas na sociedade refletem-se no aspecto educacional institucionalizado (na escola), como por exemplo a falta de um projeto educacional mais responsável e/ou a negligência do Estado no compromisso com uma formação digna e verdadeira no âmbito da educação formal.

Portanto, não se trata de culpar a Educação Física e os profissionais que nela atuam pelo fato de conceberem uma educação danificada. Isso deve também ser considerado, mas o foco da atenção para o entendimento da formação dos sujeitos deve se dar no plano mais geral da sociedade, na sua conjuntura, que é o elemento que deve ser posto em questão como originário de muitos fatores externos à boa ou

² O uso da expressão “desprovido de historicidade” se deve ao argumento de que, embora o corpo esteja na história, e nesse sentido ele é repleto de historicidade, a consciência histórica não se fala no sujeito.

má vontade dos profissionais da Educação Física ao repassar conteúdos ideológicos.

A teoria crítica como referencial teórico

“Todas as teorias são legítimas e nenhuma tem importância, o que importa é o que se faz com elas.” (Jorge Luiz Borges)

Refletir sobre essas questões remete aos conteúdos que fundamentam a perspectiva de abordagem dos objetos sociais estabelecidos pela *Teoria Crítica*. Esta constitui uma teoria que objetiva a reflexão crítica da sociedade e elege a crítica à razão instrumental como um dos maiores alicerces de reflexão. A reflexão dialética tornou-se a essência dessa teoria, no qual a razão constitui-se, muitas vezes, o elemento desestabilizador da sociedade ao mesmo tempo em que pode remeter a uma sociedade mais justa.

Na Teoria Crítica, cultura e formação cultural formam outro alicerce para as reflexões concernentes a reprodução social. Para Bruno Pucci e Antônio Álvaro Soares Zuin (1995), foi a partir do momento que a cultura se transformou em Indústria Cultural, que a manipulação da consciência tornou-se massificada. Daí a relevância da cultura constituir-se como uma das principais atenções dos pensadores críticos.

Mais do que uma proposta teórica, a Teoria Crítica compõe uma forma concreta de resistência, “resistência ao irracionalismo da barbárie fascista, do autoritarismo estalinista, da semicultura capitalista. Resistência individual e coletiva, resistência através da razão, da cultura, da educação, da arte” (ADORNO citado por PUCCI, 1995, p. 29.). Considera-se ainda que a primeira regra para a Teoria Crítica é a orientação para a emancipação, fator importante que deve permear todo o estudo.

A partir das reflexões de Theodor Adorno (1903 – 1969) e Max Horkheimer (1895 – 1973), a Indústria Cultural transformou-se em categoria explicativa da dominação cultural no capitalismo monopolista/decadente. Nesse sentido, Theodor Adorno enfatiza que *“a Indústria Cultural determina toda a estrutura de sentido da vida cultural pela racionalidade estratégica da produção econômica, que se inocula nos*

bens culturais enquanto se convertem em mercadorias; a própria organização da cultura, portanto, é manipulatória dos sentidos dos objetos culturais, subordinando-os aos sentidos econômicos e políticos, logo, à situação vigente.” (ADORNO, 1985, p.21)

Adorno (1985) também aponta que a formação cultural torna-se o caminho para a emancipação humana, mas também, pode converter-se no seu contrário: a barbárie. No âmbito dessas possibilidades, através dos elementos da cultura na sociedade atual, é possível uma reflexão sobre a educação do corpo a partir da exposição das contradições imanentes do processo de (semi) formação cultural sob a égide do capitalismo decadente; até porque “a reprodução da sociedade está diretamente ligada à produção [reprodução] e distribuição de suas mensagens culturais” (GIROUX, 1997, p. 113).

Sobretudo, é preciso não apenas levantar preocupações com o que a sociedade inclui de concreto em sua tarefa formativa, mas, sobretudo, no que é difundido como normas e valores culturais, sendo tais explícitos ou ocultos. Assim, parece ser significativo compreender o modo como a Indústria Cultural e a semiformação se inserem e influenciam a constituição do corpo enquanto momento particular que não oculta o universal. Principalmente quando Herry Giroux (1997) expõe *que “aquilo que não é dito é tão importante quanto aquilo que é dito”*.

A Conjuntura (Teoria Crítica e Corporeidade)

“Não somos, de maneira nenhuma escravos de nosso destino. Mas seus donos e criadores; o destino é inevitavelmente nossa própria e exclusiva obra”.
(Helena Blavatsky)

As reflexões dos pensadores da Escola de Frankfurt, especialmente as de Adorno e Horkheimer, relacionadas à amplitude e a influência dos fenômenos culturais sobre a formação dos indivíduos, e conseqüentemente sobre a educação do corpo parecem atuais, pois o corpo não se reduz aos seus aspectos biológicos e sim possui relação íntima com a cultura, política e economia que socialmente são determinantes.

No processo de consolidação da sociedade burguesa a cultura foi submetida às regras do mercado capitalista e a ideologia da indústria, baseada na idéia e na prática do consumo de produtos. Sob a égide do capital, a cultura tende a constituir-se como instrumento de inclusão num modelo de sociedade burguesa, tido como ideal para impor um sentido prejudicado de subjetividade, que, por sua vez incorpora-se como fator objetivo de reprodução material da sociedade. Ou seja, a própria cultura se torna um instrumento útil à dominação.

Nesse sentido, a formação do sujeito no capitalismo transforma os bens culturais em mercadoria e os indivíduos em consumidores desses bens. Produzido não pelas massas, mas para elas, os bens culturais não são também mercadorias, mas somente mercadorias. Ao transferirem a importância da cultura de seu conteúdo para seu lucro, homogeneizam-na.

No pensamento frankfurtiano, o resultado desse processo de enfraquecimento da formação cultural, devido à relação dos homens com os elementos da cultura, produziu uma formação cultural danificada, ou o que eles chamaram de *Semiformação Cultural*³. A semiformação trabalha no âmbito da subjetividade e encontra na Indústria Cultural um meio privilegiado para sua existência. A Indústria Cultural impossibilita o acesso dos trabalhadores a todos os pressupostos para uma formação cultural digna. Assim, a formação cultural, ao ser danificada resulta em semiformação.

Nesse contexto, a semiformação não pode ser refletida, pura e simplesmente, na dimensão pedagógica, mas deve penetrar pelos meandros da reflexão social e filosófica. A Indústria Cultural, por trabalhar com a consciência e a inconsciência dos indivíduos, mantém o controle subjetivo de milhares de sujeitos solapando uma construção corporal autêntica e legitimando o processo de coisificação do corpo no processo de produção.

³ Estudiosos da Escola de Frankfurt alertam que a palavra semiformação pode deixar a entender que se trata de uma de uma formação pela metade, entretanto a Semiformação não é a carência ou falta de cultura/conteúdos culturais, mas a apreensão de uma cultura com sentido formativo prejudicado.

A cultura construída social e historicamente passa a transmitir, pelos grilhões da Indústria Cultural, a escravização do padrão único, a negação do diferente, a negação do dissonante: o arcabouço da *“lógica do sempre igual”*. Esse processo permitiu o aparecimento dos estereótipos que, através de signos ocultos, impõem carregados de ideologia.

No que concerne aos meios de comunicação no Brasil, vemos que em sua maioria acabam por definir qual “cultura” (ou “anti-cultura”) o indivíduo deve ou não ter acesso, como ele deve se comportar, como deve ser, o que ele deve pensar e sentir. A dominação e manipulação se lançam de maneira estrondosa no íntimo espaço particular, nos próprios lares e meandros da vida cotidiana dando forma a uma sociedade administrada”. Uma sociedade pautada na ganância, no individualismo, na competição exacerbada, com indivíduos preocupados em sobreviver num mundo globalizado.

De alguma forma os indivíduos acabam sendo cercados pelos mais diversos mecanismos de dominação e alienação, que reduz ao máximo as reações opositoras, passando a desacreditar e muitas vezes a não se darem conta da necessidade das formas de contestação coletiva, da reflexão sobre o próprio homem, os meandros da sociedade, da participação, permanecendo imersos na banalidade humana, na passividade

O estudo

“Porque arriscar-se a ser seguro se é muito mais divertido ser original”

É característica marcante na literatura voltada às discussões da Educação Física a reflexão acerca das crises que ela tem enfrentado ao longo de sua caminhada histórica. Entretanto, dentro desta crise da Educação Física há outra que diz respeito à educação do corpo e que pouco tem sido discutida, mas que é consequência também de uma determinada forma de ser da Educação Física na sociedade capitalista.

Sendo esta área de conhecimento manifestação humana inerente a uma referida sociedade concreta, historicamente situada, a mesma caracteriza-se como atividade mediadora no seio da prática social global. Portanto, torna-se necessário enfatizar seu caráter contraditório/dialético, podendo manifestar-se a favor da transformação ou da reprodução social, envolvendo em seu interior as variadas crises e problemas para a disputa de objetivos distintos e antagônicos.

Considerando esse estreitamento da Educação Física com a realidade social é inevitável que ela esteja intimamente ligada não somente com as questões específicas da sua área de conhecimento, mas também da formação humana de maneira ampliada. Esta formação extrapola os meios educacionais institucionalizados e passa por todas as esferas formadoras da consciência dos indivíduos na sociedade, até aquelas que aparentam ser mais ingênuas.

Nesta perspectiva, questões formativas do imaginário social, que ultrapassam os limites do ensino escolar, não devem ser desconsideradas no entendimento do processo de formação dos indivíduos na sociedade brasileira atual. Os conteúdos informacionais veiculados pela Indústria Cultural acabam interferindo na autenticidade da construção corpórea à medida que veiculam a ideologia dominante.

Considerando a perspectiva histórica de que o corpo é um dos locais onde as marcas sociais são expostas, além de ser o meio principal pelo qual as questões da Educação Física são abordadas, a possibilidade de se explorar o tema "corpo e cultura" são diversos. Entretanto, neste momento estamos centrados na reflexão de um possível comprometimento da consciência corporal autêntica e autônoma na sociedade contemporânea, ou seja, a existência de uma educação do corpo que assume formas cada vez mais danificadas em detrimento da formação digna.

É interessante observar que a Indústria Cultural reforça e naturaliza um determinado tipo de educação corporal, portanto, exerce o papel de legitimação do processo de alienação determinado pelo processo de produção social já que ela é produto da sociedade capitalista.

Neste ponto destacamos a formação de diversas concepções de corpo alienantes e estereotipadas que se caracterizariam como um fator de enfraquecimento do indivíduo no movimento da teia social. Essa educação do corpo comprometida na perspectiva dos estereótipos veiculados pela Indústria Cultural acarretaria uma falsa consciência corporal, pois, se as experiências se realizam através de estereótipos, a possibilidade da conquista da autenticidade acaba prejudicada e o sujeito debilitado. Voltando a questão da formação do indivíduo, a priori, a Indústria Cultural foge do âmbito educacional institucionalizado, mas acaba influenciando na formação humana, a medida em que veicula a ideologia de maneira sutil na vida cotidiana dos sujeitos. Alguns conteúdos ou facetas da Indústria cultural podem ser pensados como uma cultura danificada que causa interferência sobre a formação do indivíduo no capitalismo tardio. Isso nos leva a seguinte indagação: qual a relação entre a concepção de corpo veiculada pela Indústria Cultural e a educação do corpo na sociedade contemporânea?

Esse estudo se propõe analisar de que forma as imagens corporais veiculadas pela indústria cultural nos centros urbanos acarretam em si um fator preponderante na educação do corpo. E ainda, como acabam refletindo uma determinada concepção de corpo alicerçado na racionalidade técnica que vem se construindo desde a modernidade.

Para garantir a organização das idéias ao longo desta investigação optou-se por dividi-la em três capítulos. Devido à preocupação de tratar o corpo numa perspectiva histórica relacionada à formação do homem para posteriormente analisarmos a concepção de corpo na atualidade, o primeiro capítulo destina-se a apontar como o corpo vem sendo tratado na linha da história, passando pela antigüidade, a idade média, a formação do capitalismo e a modernidade. Também foi abordada a questão de como a modernidade vem destruindo a possibilidade do corpo de construir na sua autenticidade.

O segundo capítulo, ao situar o contexto histórico, apresenta elementos que demonstram como o modelo industrial determinou o modo de organização social em que vivemos. Dentro dessa linha de investigação, segue uma análise acerca do processo de mercantilização da cultura e a apresentação dos conceitos de “Industria Cultural” e “Semiformação Cultural”.

Para encerrar a investigação o terceiro capítulo analisa, à luz de reflexões desenvolvidas pelos pensadores clássicos da Escola de Frankfurt, as imagens corporais expostas na forma de *outdoors* para discutir a concepção de corpo difundida nos centros urbanos fazendo as possíveis relações entre a cultura danificada e a educação do corpo na contemporaneidade e como essas imagens refletem uma educação do corpo ao mesmo tempo que educam o corpo na atualidade histórica. Nesta etapa são utilizadas fotos de *outdoors* como fonte de análise da argumentação levantada, enfatizando que as imagens devem ser vistas como textos a serem lidos.

Acredita-se que as reflexões aqui levantadas serão de grande valia para se repensar as questões do corpo, bem como a Educação Física como possibilidade educativa emancipatória.

CAPÍTULO I

O CORPO NA LINHA DA HISTÓRIA

Referindo-se a história européia, ADORNO (1985) diz que *“ela consiste no destino dos instintos e paixões humanas recalçados e desfigurados pela civilização.”* Portanto, admite a existência, em outro momento, de homens com instintos livres.

Pensar em um corpo livre é pensar num corpo equilibrado, ou seja, em estado de harmonia com a natureza terrestre e humana. Os homens primitivos, talvez sejam aqueles cujos corpos mais se aproximaram desse conceito pois desfrutavam uma vida onde o trabalho e o corpo não estavam associados a uma organização de vida imposta pelos ditames de uma determinada “civilização”. A sensorialidade e a corporeidade eram vividas plenamente na produção da vida.

A civilização, com suas ambigüidades, acarretou, entre outras coisas, uma mudança na relação com o corpo. Um corpo que outrora era livre passa a atender às necessidades específicas de um modo de vida e também a configurar-se como agente reprodutor de interesses hegemônicos.

Partimos do pressuposto de que a forma de tratar o corpo está extremamente relacionada à forma que a sociedade se organiza. Portanto torna-se fundamental a recuperação do contexto social de alguns períodos históricos distintos para entendermos as concepções de corpo que antecedem a forma social assumida pelo capitalismo hoje, pois não bastaria verificar apenas a concepção de corpo na linha da história e na atualidade mas entender os motivos que fizeram com que determinado enfoque aparecesse em determinado momento histórico.

A transição de uma forma de viver para outra, não pode ser marcada em uma data do calendário, pois está acompanhada pelo nascimento e estruturação de outra forma de pensamento que acarreta uma negação da antiga forma de viver. Ao se caracterizar o corpo na sociedade contemporânea, não se pode deixar de situá-lo

numa certa contextualização histórica que permite entendê-lo nos seus limites e possibilidades atuais. Nesse caso, nosso recorte analisa dois momentos distintos: o período que antecede a modernidade ou a concepção de mundo burguês e modernidade.

Antigüidade e Idade Média

A antigüidade e a Idade média foram períodos bastante peculiares no que concerne à educação do corpo. Esses períodos históricos possuem características marcantes e bem distintas entre si e poderão contribuir para uma reflexão crítica e imanente da educação do corpo atualmente difundida.

Antiguidade

A literatura grega é dividida e classificada pela historiografia em três partes: Idade Jônica, Idade Ática e Idade Helenística. Nesses períodos destacaram-se alguns autores importantes para compreendermos a antigüidade. Homero e Hesíodo, na Idade Jônica, Platão e Aristóteles na Idade Ática são os mais expressivos. Priorizamos em nossa abordagem da concepção de corpo grega o período da Grécia antiga por expressar nuances que se estenderão até a Idade Média.

Antecedendo a Grécia Clássica (século V e IV a.c.) existiu a Grécia Gentílica que foi marcada por duas fases distintas, o período homérico e o período arcaico. Estas são duas organizações sociais diferentes e que em determinado momento travam um processo de luta pela permanência ou transformação de alguns ideais. A forma de se conceber o corpo e sua educação também são distintas.

A análise dos poemas épicos do poeta Homero, principalmente “A Ilíada” (s.d) dão subsídios para falarmos do período heróico da Grécia antiga. Homero e sua obra são expressões da realidade vivida pelos homens em determinado período, através dos quais podemos entender o comportamento daqueles homens, a visão que tinham do corpo ou do tratamento dado a ele para que as necessidades fossem satisfeitas.

Nesse momento os homens mantinham fortes vínculos familiares com a terra, da qual tiravam seu sustento e enterravam seus antepassados. O conceito de propriedade privada não existia, ou seja, tudo que estava sobre ela era de posse comum. Notamos nos poemas homéricos uma referencia à paternidade no sentido de prestígio sempre que se falava de algum herói que se orgulhava por um dia poder ser enterrado junto com seus antepassados.

Na medida do possível os homens trabalhavam nas terras onde ficava sua família (os genos). Porém, as pobres características naturais do local, em virtude da localização geográfica da Grécia, impulsionavam os homens a recorrerem aos saques como atividade necessária a subsistência. Para saquear era necessário guerrear.

Sendo a posse da terra comum e a guerra a atividade responsável pela existência da sociedade, podemos afirmar que o conceito de indivíduo, tal como entendemos hoje era impossível sob tais condições. Era preciso aos homens um sentido de coletividade para alcançarem seus objetivos. Fazer parte de um todo era imprescindível à vida. Carlos Herold Júnior (1997) em suas análises acerca da sociedade grega observa que

“o homem era pensado como parte de um todo, sendo sua vida, sua morte e seus atos julgados, avaliados e enaltecidos de acordo com a importância que tinham na prosperidade da organização social na qual viviam. (...) Podemos ver que a exaltação do herói não chega a caracterizar-se como culto ao indivíduo que realizava proezas na guerra, mas sim a exaltação da família a qual é beneficiada por este ou aquele heroísmo. (...) Assim, Aquiles, Agamenon, Nestor, são corporificações da tribo ou organização a qual representam (HEROLD JÚNIOR, 1997, p.1538)

Com esse destaque da guerra e da coletividade, as qualidades físicas do homem guerreiro eram extremamente valorizadas pois o corpo forte, robusto e ágil atendiam às necessidades colocadas pela prática social. Portanto tudo o que era contrário a essa concepção de homem, tanto no sentido corporal como no sentido psicológico (a fuga, a covardia, a fraqueza do corpo e do espírito) era acompanhado de severas críticas.

Nas descrições de Homero o corpo era valorizado de duas maneiras. Primeiro na exaltação das qualidades físicas dos heróis que ao defenderem com destreza sua pátria, eram com orgulho elogiados pelo corpo social. Segundo no realismo com que as cenas de morte e sepultamento eram narradas.

A forma de organização da Grécia nesse momento não colocava como imperativo qualquer meio de conscientização para que os homens fossem dotados de força, destreza e coragem porque esses requisitos eram necessários à conservação da vida e não uma opção. Não era necessário treinar o indivíduo para a guerra, preparando-o para tal, a própria prática dos homens encarregava-se desse “papel educativo”.

Apesar das obras de Homero representar bem essa concepção de homem e de corpo existente na Grécia antiga, pode-se perceber também, alguns vestígios de que a organização social em questão estava apresentando sinais de desgaste. Os germes da transformação social começavam a se colocar e algumas práticas iniciam um quadro de declínio. Um exemplo é a desavença entre Aquiles e Agamenon em “A Ilíada” já indicando um posicionamento oportunista e egoísta de Agamenon quando se acha no direito de ficar com quantidade superior aos demais na divisão dos saques. Da mesma forma verifica-se a posição de Aquiles, que reclama pelos bens que não recebera. Essas posturas contradizem os princípios de coletividade cultivados no momento.

Seguindo o mesmo princípio, a moral guerreira e a força corporal dos homens, antes inquestionável e absoluta, começam a entrar em decadência. De uma forma mais desacortinada, Hesíodo retratará essa nova condição social que passa da valorização da guerra para a valorização do trabalho. Os valores coletivos também vão se converter em valores individuais pois um homem só se preocupa com o outro na medida que prejudica ou é prejudicado em seus interesses. Nesse contexto a forma de conceber o corpo também passa por reformulações.

Hesíodo (1991) começa a delinear aquilo que será sua preocupação central: a nova forma como os homens devem viver. O sustento dos homens não mais se daria pelos saques obtidos nas guerras e sim pelo trabalho. Hesíodo relata sobre a

diferença entre o homem homérico e hesiódico na lenda das cinco raças. A raça de bronze representa o antigo homem guerreiro que tem no seu físico as virtudes já em desuso e por isso muitas vezes é zombado e criticado, sinalizando que o valor guerreiro já não mais responde às necessidades dos homens.

Em contrapartida, a raça de ferro caracteriza-se por aquela que sobreviverá com o suor de seu rosto. Entretanto ao trabalho não é atribuído o prazer e o amor que eram concernente à guerra. Sua necessidade para a sobrevivência não o eximia de causar sofrimento aos homens.

Essa nova forma de produzir a vida acaba causando mudanças de valores. Como o indivíduo basta-se a si mesmo, os laços familiares se quebram, tanto afetivamente como hierarquicamente. *Se antes todos se uniam e, juntos lutavam, literalmente, pela sobrevivência da sociedade, agora a luta é entre indivíduos.*(HEROLD JÚNIOR, 1997, p. 1541). Assiste-se também a desagregação dos genos e conseqüentemente o processo de formação das cidades-estados ou pólis. Na pólis se engendra a divisão da sociedade em classes e o surgimento do aristocrata rural (um grande proprietário de terra) e o comerciante.

A produção da vida na sociedade grega começa então a se realizar através da agricultura, do artesanato e do comércio. Era mais valorativo viver do cultivo da terra do que das guerras. Dessa forma, o corpo passa a desenvolver-se fisicamente pautado nas qualidades requisitadas aos trabalhos de agricultor. Entretanto, esse corpo destinado ao trabalho era para os homens que não possuíam terras (escravos e camponeses).

O trabalho braçal é valorizado apenas no sentido econômico produtivo mas ainda é tido como algo digno e construtivo para a prática humana. Aos aristocratas cabia possuir um corpo modelado, desenvolvido a partir dos jogos e práticas atléticas. Pois o ser belo, ter corpo escultural (como os deuses) servia para preservar o poder pessoal através de uma postura dominadora.

Embora Hesíodo fale das transformações reais de uma sociedade, onde a principal mudança era a conversão do coletivo para o individual, considera que elas não são

perfeitas. A predominância do interesse individual faz Hesíodo pensar em valores que devem existir mas não existem. Se na prática existe a cobiça, a inveja, o egoísmo, elas devem ser freadas com a idéia de justiça, ou seja a instituição de leis para conter os “excessos” dos homens.

Nesse interim, o corpo, expressão máxima do homem guerreiro, torna-se menos importante que o trabalho, a palavra e a habilidade de fazer leis, o que deixa explícito que a antiga necessidade do corpo forte e ágil está se tornando ultrapassada. Herold Júnior (1997, p. 1543) observa numa passagem da Teogonia, de Hesíodo, *“a inteligência e a língua são um tesouro(...)”*.

Ao contrário do que Hesíodo pensava em relação ao trabalho⁴, esse adquire valor estritamente funcional pois deveria estar a serviço da acumulação de riquezas para a aristocracia e liberação destes para o ócio e não promover uma vida justa a todos os homens. Dessa forma, o corpo passa a ser visto somente como instrumento de trabalho, mão de obra.

Essa forma de conceber o trabalho ainda permanece por todo o período da antigüidade, mesmo na fase onde Platão e Aristóteles atestam o valor dos exercícios físicos e os colocam em igualdade às manifestações artísticas e culturais na formação do homem, além de terem especial contribuição higiênica e terapêutica.

“A Grécia, entrou em ruína, mas deixou para a posteridade (o Império Romano) sua ideologia sagrada e o valor dos exercícios físicos como agente da educação” (...) Roma se desenvolve numa terra onde já havia duas civilizações (...). Da Grécia, herdou Roma sua cultura, mas sua civilização se caracterizou pelo seu espírito prático e utilitário.” (RAMOS, 1982, p89)

Portanto percebemos que começa a configurar-se uma distinção no trato com o corpo que se caracteriza de duas formas: o corpo como força física para o trabalho e o corpo sendo cuidado, esculpido para expor uma aparência bela e obter êxito nos

⁴ O poeta Hesíodo não associava trabalho à acumulação desenfreada de riquezas nem com a miséria do mau pagamento, mas apenas com a dignidade de uma existência virtuosa.

jogos e demonstrações físicas. No segundo caso isso era obtido através da realização de exercícios e jogos manifestados nos ginásios da Grécia Clássica.

Na civilização grega, as atividades corporais como os desportos e a ginástica constituíam-se como requisitos de cultura para a formação integral do homem. (...) A educação corporal tinha lugar de destaque, adquirindo padrões de eficiência educacional, fisiológica, terapêutica, estética e moral compatíveis, dentro das limitações da época” (RAMOS, 1982, p. 96)

As contínuas guerras enfraqueceram os estados gregos. Disso se aproveitou Felipe da Macedônia, para estender seu domínio sobre a totalidade do território. Sob o comando de Alexandre, após grandes vitórias militares, foi estabelecido vasto império. Morto o grande conquistador, tudo se desfez; formaram-se os estados helênicos. Resultante da fusão da cultura grega com a dos povos orientais surgiu a chamada civilização helenística.

Mais tarde, sobretudo após a conquista romana, a Grécia entrou em decadência. Roma assumiu a liderança do mundo constituindo o chamado Império Romano. No Império Romano, as atividades relacionadas ao corpo estruturaram-se segundo alguns fatores referentes à dinâmica social. Consequentemente evidenciam formas distintas já que o Império Romano paulatinamente transfigurou-se num quadro de ruína.

Primeiramente, no tempo da monarquia romana, os exercícios físicos destinaram-se a preparação militar dos soldados para defender Roma. No tempo dos cônsules predominou a preparação guerreira devido aos tempos de conquista de territórios, porém foram retiradas algumas práticas higiênicas e esportivas que vigoraram na Grécia. No tempo do Império mantiveram-se as práticas anteriores que pouco a pouco foram sendo abandonadas, salvo o espetáculo circense, tão cruéis e sanguinários como os combates dos gladiadores que visavam o entretenimento dos imperadores.

Com o tempo, os romanos, inspirados nos jogos gregos, procuraram criar os seus jogos, porém, sem o brilho helênico já que as atividades realizadas eram orientadas

para os adestramentos militares. Entretanto, os artistas romanos sempre estiveram motivados pelos exercícios físicos, sobretudo no campo da escultura e da arquitetura. Ao lado de obras de arte, Roma conserva, até hoje as recordações de suas admiráveis instalações esportivas. As termas, o circo, o anfiteatro e os estádios constituíam os principais locais de práticas corporais, embora normalmente abastardadas nas finalidades de uma atividade corporal racional.

Depois de largo tempo de esplendor, junto ao surgimento de um novo conceito de vida com o Cristianismo, o abastardamento do povo, as lutas políticas e as práticas sangrentas e amorais acarretaram a decadência de Roma, completada com a invasão dos germanos.

Idade Média

A negação da antiga forma (antigüidade) começa a acontecer a partir da era cristã, quando ocorrem sistemáticas modificações no interior do Império Romano. Crises econômicas e a perda da função social da antiga educação levam a alteração no pensamento do homem sobre a vida que leva.

A forma de produzir a vida se transforma no momento em que a relação social de servidão substitui o escravismo. Essa transformação não se dá em momento definido, mas sim no momento em que a sociedade cria novas necessidades para a sobrevivência; necessidades estas evidenciadas nos acontecimentos políticos, culturais e religiosos que paulatinamente vão dando outro contorno ao pensamento humano vigente.

A formação do novo pensamento está diretamente relacionada ao despontar da nova era cristã, que dava uma nova forma de conceber a dependência dos homens a Deus e também ao estabelecimento de uma hierarquia de deveres que se expressavam na obediência onde todos os homens de diferentes níveis teriam de obedecer ao “plano divino”.

Temendo ao castigo e também por dever de consciência é que os indivíduos se submetiam às “autoridades cristãs” que representavam Deus. Nesse momento, em toda a história da igreja, que antes era tido como movimento clandestino, ela está

tendo uma organização digna de se tornar *“a nova organização dos homens baseados em direitos e deveres que vão se tornando mais claros, à medida que a servidão se impõe em detrimento do escravismo.”* (NAGEL, 1996, p.12).

Após o triunfo do cristianismo, por volta do século VIII, ocorre um formal início da Idade Média. Com a permanência da hierarquia da obediência, a igreja se fortalece cada vez mais e conseqüentemente conseguia manter uma estrutura social pautada no trabalho subordinado ao poder espiritual.

O período de supremacia cristã se deu, principalmente devido ao empobrecimento cultural, pelo qual a igreja católica passou e, acima de tudo, expressou a possibilidade de vida desse período. Destruída a sabedoria que simbolizava a Grécia antiga restava a “ignorância” sobre o mundo dos homens.

O feudalismo é um modo de regime resultante do enfraquecimento do poder central e que une estreitamente autoridade e propriedade de terra, estabelecendo entre vassalos e suseranos⁵ uma relação de dependência.

A igreja católica representa uma unidade que se torna política nessa sociedade onde um terço das terras do mundo feudal lhe pertenciam, o que a caracterizava como o “maior dos senhores feudais”. Daí espalhar por todos os lugares o culto ao divino. Portanto, *“a característica de ter a alma (essa alma ter sido criada por Deus) exige que todo o empenho educativo dirija-se ao aprimoramento espiritual, religioso de cada um.”* (NAGEL, 1985, p.15)

A expressão da formação do homem da Idade Média eram os mosteiros que disseminavam as regras de moralidade, exercendo assim uma influência sem precedentes no ensino. Com a afirmação da fé em Deus e a negação das ciências dos homens, o ensino se pautava no ascetismo, disciplina, contemplação, jejum, penitência, flagelação, extorsão, exercícios exaustivos, uso de roupas desconfortáveis e insuficientes, silêncio, desrespeito ao cultivo do intelecto e do estético.

⁵ Na Idade Média havia uma relação de dependência entre proprietários de terra e camponeses (vassalo). O proprietário de terra, ao ceder parte dela a um indivíduo tornava-se o suserano e recebia em troca a prestação de serviços de quem recebeu a terra tornando-se seu vassalo. Criava-se assim um vínculo pessoal entre suserano e vassalo.

A crise desencadeada pela ruína do Império Romano permitia ao pensamento a suposição imediata de um mundo fora do controle dos homens, favorecendo ainda mais o domínio da superstição. O mundo se explica pelo “bem” (Deus) e pelo “mal” (demônio), onde o bem se identifica com a negação do corpo físico, com a negação da natureza humana imutável, que é condenada à danação contínua, perpétua.

A negação do conhecimento dos homens e a afirmação da fé para Deus levam ao cultivo “intelectual”, aqui no sentido contrário ao de corpo. Os assuntos escolares centravam-se na vida dos santos, contos de ordem moral, comentários bíblicos ou resumos condensados, já destruídos na sua essência, que devem ser reproduzidos com absoluto rigor em relação à síntese cristã já feita.

Nesse contexto, nota-se o desprezo pelo corpo e o culto somente da alma. Verifica-se também a ênfase à negação dos estudos clássicos (gregos), pois eram investigações das coisas pertinentes aos homens.

A obra “A regra de São Bento” (1992), do autor clássico SÃO BENTO, nos dá subsídios concretos para uma identificação do perfil de homem necessário para a sociedade feudal, bem como para uma abordagem da concepção de corpo desse período. O modelo de homem pretendido nesse momento retrata a não valorização da atividade corpórea e educação do corpo, e sim, a valorização, sobretudo, do divino no intuito de humanizar os sujeitos.

A obra citada trata dos conhecimentos disseminados pela igreja como normas/regras de conduta para a vida dos homens em todos os aspectos, inclusive a educação do corpo.

A rejeição ao corpóreo coloca-se de forma tão absoluta na sociedade feudal que não vê nenhuma virtude no trabalho, justamente por se caracterizar enquanto atividade física. O trabalho humano, responsável pela produção dos bens materiais necessários à sociedade, torna-se castigo. Quem trabalha nesta época segue a vontade de deus, como castigo pelos pecados cometidos. Aliás, os castigos divinos consistiam justamente em mortificar o corpo, sendo a única forma ‘correta’ de pagar aos pecados e alcançar o bem, salvando a alma”. (GUILHERMETTI, 1990)

Dessa forma, o trabalho configura-se como o responsável para a produção da vida mas é tido como esfera de indignidade humana perante o poder divino que só “admitia” a contemplação e obediência a Deus.

Através de um certo tipo de educação dos homens também se revela o desenvolvimento da sociedade cristã que estimulava, acima de tudo, a vida emotiva e religiosa, não tendo interesse na educação cognitiva e do corpo. A nova religião coloca-se em oposição ao corpo, como expõe Oliveira (1983): *afogado em crenças e dogmas religiosos, surge um homem que só é encorajado à vida celestial. “O total descaso pelas coisas materiais estabelecia um absoluto divorcio entre o físico e o intelectual”*, ou seja, o corpo e a alma.

É nos mosteiros que se constituíam os formadores de opinião que iriam disseminar um discurso em defesa das doutrinas cristãs que acabaram por influenciar o pensamento do homem de todo um momento histórico. Aspectos como esse evidenciam que nesta época a igreja exercia um domínio muito forte sobre as pessoas, fazendo com que elas vivessem em função da ideologia pregada: a rejeição da vida terrestre e total dedicação à vida eterna. Um exemplo importante encontramos nas regras do Mosteiro de São Bento onde era ensinado, acima de tudo:

primeiro amar o Senhor Deus de todo o coração, de toda a alma, com todas as forças. Depois amar ao próximo como a si mesmo; abnegar-se a si mesmo para seguir a Cristo; não abraçar as delícias; não ser guloso; ter pavor ao inferno; desejar a vida eterna; nada colocar acima do amor de Cristo; amar o próximo; abstenção à carne... (SÃO BENTO, 1992).

Uma característica marcante do período feudal foi o trato com o corpo onde este era visto como subordinado à alma. Segundo as reflexões de Guilhermetti (1990), este período marca uma fase obscura para as manifestações esportivas e culturais onde todas as atividades atléticas herdadas dos gregos e romanos foram pouco a pouco perdendo o prestígio até cair totalmente no esquecimento.

Partindo do pressuposto de que *“nada existe no intelecto humano sem que antes tenha passado pelos sentidos”*, a concepção de corpo está determinada por uma

forma de existência. São as exigências colocadas pela organização social que irão definir maior ou menor valorização da atividade corpórea. Desta forma buscamos fugir a uma explicação que atribui uma intenção maniqueísta, uma vontade subjetiva ao fato de valorizar ou não a atividade corpórea.

Outro fator interessante relacionado ao corpo nesse período histórico trata das manifestações esportivas que:

“assumem um caráter folclórico, como os jogos eqüestres (principais jogos do período feudal). A cavalaria converte-se na ordem social como responsável pela proteção e manutenção das terras feudais . Assim a educação cavaleiresca impõe o aprendizado da esgrima, da caça, da luta, da equitação e até mesmo do xadrez; no entanto, nem a leitura nem a escrita eram tratadas na formação dos cavaleiros.” (GUILHERMETTI, 1990)

Também, os que não se adequavam a esse tipo de tratamento com o corpo eram extremamente criticados. É o caso, por exemplo dos acrobatas e funâmbulos, artistas de ruas que utilizavam o corpo de forma livre e lúdica, atitudes consideradas como “excessos do corpo”.

Verifica-se que o período feudal é marcado como uma fase obscura para as manifestações esportivas e culturais que tiveram tanta importância na formação do homem grego e romano. O corpo foi relegado a um segundo plano sendo o espírito e até mesmo o “resgate da humanização do homem” (para os bárbaros) a preocupação primordial do período. O homem feudal é diferente do homem grego, romano e também do homem burguês, eles são distintos pois os elementos convocados na formação de um e de outro são completamente diferentes.

Com a descaracterização do feudalismo, as terras passaram a ter uma utilidade mais lucrativa, fazendo com que os senhores feudais expulsassem os servos das mesmas. Este servo, por sua vez, evadiu para as “cidades”, aglomerando-se e formando pequenos centros urbanos, o que propiciou o nascimento do comércio.

Mais adiante assistimos a um processo de profunda transformação marcando o período que compreende o século XV e XVI. Este período é conhecido como

“período de transição”, onde estão as questões relacionadas com a estrutura da sociedade que passa do modo de produção feudal para o advento do que iria se consolidar como modo de produção capitalista.

Modernidade (O corpo moldado ao capital)

“Quando a dominação assume completamente a forma burguesa mediatizada pelo comércio e pelas comunicações e, sobretudo quando surge a indústria, começa a se delinear uma mutação formal. A humanidade deixa-se escravizar, não mais pela a espada, mas pela gigantesca aparelhagem que acaba, é verdade, por forjar de novo a espada”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.217)

A modernidade é o período onde ocorrem mudanças realmente decisivas para o que vemos configurar como uma concepção de corpo na atualidade. O nascimento desse período histórico foi marcado por acontecimentos desestabilizadores da visão de mundo anteriormente colocada. Os valores cultivados como normas para a Idade Média definitivamente caem por terra com o fim da transcendência e da aristocracia, o triunfo da racionalidade instrumental, e o alargamento do processo de dominação subjetiva.

Na transição do feudalismo para o capitalismo, ou seja, entre a Idade Média e a Idade Moderna observa-se uma fase denominada Renascimento, que se caracteriza enquanto um período de manifestações intelectuais e culturais que evidenciam uma nova civilização. Pode-se também referir-se a este período como Humanismo.

Esse período histórico difere muito do período feudal pela sua concepção de homem pois, mesmo sem negligenciar a religião, dirige-se novamente ao homem, inspirando-se nas obras da antigüidade clássica. Neste momento, valoriza-se a realização terrena, contrapondo-se às concepções medievais que tem a única preocupação na salvação da alma.

Juntamente a este movimento que valoriza novamente o homem e todas as suas manifestações, observa-se o surgimento das fábricas e indústrias no sistema

produtivo, a passagem da manufatura para a mecanização promove significativo rendimento na produção de mercadorias.

Entre as mudanças sociais que vão ocorrendo insere-se o Movimento Iluminista e a busca pela emancipação através da razão. Contudo, o conhecimento científico converte-se em dominação do próprio homem e do ambiente social em que vive com o intuito de promover o desenvolvimento tecnológico dos meios produtivos segundo os interesses da classe economicamente dominante. Essa forma instrumental de conceber a racionalidade humana tem como conseqüência a consolidação de um sujeito reificado.

A prática social relacionada ao trabalho, que vai constituindo um novo mundo, coloca a necessidade de apreensão teórica deste movimento. Um dos mais significativos pensadores desse período é John Locke, que em sua obra "*Segundo tratado sobre o governo*", publicada na Inglaterra em 1690, faz uma reflexão radical da época.

Ao questionar o poder absoluto do rei, Locke coloca teoricamente o homem que o século XVII está produzindo, a necessidade de serem compreendidos no estado de natureza onde todos os homens são livres e iguais. Desta forma torna-se ilegítimo o poder do rei (outorgada pela vontade de Deus, segundo as concepções anteriores), que assim, iguala-se ao mais humilde súdito.

Os pressupostos divinos são quase todos destruídos, sendo agora o trabalho humano sobre a natureza a única coisa que diferencia os homens. Locke coloca assim, o novo conceito de propriedade: ..."*cada homem tem uma propriedade em sua própria pessoa, a esta ninguém tem o direito, senão ele mesmo. O trabalho de seu corpo e a obra de suas mãos, pode dizer-se são propriedades dele.*" (LOCKE, 1978, p.43).

Portanto, tendo uma propriedade em seu corpo o homem pode trabalhar para si ou para outrem, pois tem liberdade para tanto, retomando a valorização do ato de trabalhar. Explicitando o trabalho como direito e propriedade, Locke acaba

legitimando na teoria a prática social de interesses burgueses de seu tempo (a forma do assalariado e do capitalista que estava em formação).

Diante do crescimento no processo de industrialização, a nova sociedade traz a necessidade de mais conhecimento da natureza (ambiental e corporal) para prover os homens de novos recursos e inventos. Daí o papel da ciência para o desenvolvimento industrial que ao mesmo tempo opõe-se a igreja. Assim,

“passo a passo com a ascensão da burguesia produzia-se um grande ressurgimento da ciência. Volta-se a cultivar a astronomia, a mecânica, a física, a anatomia e a fisiologia. A burguesia necessitava para o desenvolvimento da sua produção industrial de uma ciência que investigasse as propriedades dos corpos físicos e o funcionamento das forças naturais. Mas até então a ciência não havia sido mais que uma servidora humilde da igreja, não lhe sendo permitido transpor as fronteiras estabelecidas pela fé (...) Agora a ciência rebelava-se contra a igreja; a burguesia precisava da ciência e lançou-se com ela na rebelião” (ENGELS citado por GUILHERMETTI, 1990).

Na consolidação dos ideais capitalistas, a ciência pautada na dimensão instrumental da razão se constitui em canal para a veiculação da visão de mundo burguesa e fornecerá as justificativas para seu modo de ser e de viver. Esse objetivo da ciência moderna reflete que *“o século XVIII vem construindo uma nova mentalidade (...), prática e paradigmática, baseada na ciência e na técnica como formas específicas de saber.” (SOARES, 2002, p.18).*

O ressurgimento das atividades corporais, a preocupação com o corpo vem ao encontro com as necessidades desta nova ordem social em formação. Com a valorização do indivíduo e da ciência, o corpo ganha destaque. Por isso encontra-se referência à educação corporal em inúmeros pensadores como Bacon, Locke, Da Vinci, Rosseau, Pestalozzi e outros, que passa a ser valorizada enquanto elemento de educação.

A preocupação com o corpo baseava-se em garantir um corpo forte e saudável, conseqüentemente, produtivo e necessário à sociedade nascente. Portanto a

questão agora é o trabalho e não mais Deus. Estão dadas as condições necessárias para se repensar o corpo, sobretudo, um corpo produtivo, voltado para o trabalho.

Entretanto, a valorização do corpo se dá devido à força de trabalho como instrumento da produção_e não como sujeito da produção. Sanches (2003, p. 26) considera que a noção de corpo instituída nos primórdios da industrialização, salvo devido distanciamento histórico, ainda fundamenta a concepção de corpo na atualidade. Tal encaminhamento histórico sobre o conceito de corpo baseia-se na adequação ideológica que ele ainda acarreta: reprodução do modo de produção social vigente.

O mundo do trabalho nas sociedades capitalistas prescreve a necessidade de alienação do indivíduo do seu próprio eu e de suas manifestações corporais. Se foi pela socialização do trabalho que o homem se humanizou, a divisão social do trabalho, própria do capitalismo, particularizou a atividade laboriosa e retirou do indivíduo a dimensão da totalidade ao mesmo tempo que acomodou-o na execução de tarefas ritmadas por máquinas.

Nesse sentido verifica-se que o trabalho na antigüidade e no feudalismo pouco se assemelha ao trabalho que vemos configurar na sociedade capitalista, pois nesta etapa do desenvolvimento da sociedade burguesa o corpo explorado do trabalhador representava o mal, e as atividades corporais ligadas ao ócio representavam o bem. Transfigura-se nesse contexto de controle sobre o corpo uma relação que Adorno e Horkheimer vão chamar de “amor-ódio pelo corpo”.

“O amor-ódio pelo corpo impregna toda a cultura moderna. O corpo se vê de novo escarnecido e repelido como algo inferior e escravizado, e, ao mesmo tempo desejado como o proibido, reificado, alienado. É só a cultura que conhece o corpo como uma coisa que se possa possuir, foi só nela que ele se distinguiu do espírito, quintessência do poder e do comando, como objeto, coisa morta, ‘corpus’. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.217).

É importante não tomarmos como natural a associação da produtividade com a educação do corpo na modernidade, uma vez que ela se coloca como cultural e histórica devido aos fatores que regiam o nascimento de uma nova ordem para

produzir a vida. Existe uma complexidade de acontecimentos sociais dedicados a educar os corpos, principalmente numa época assombrada pela degeneração do homem e encantada pelas promessas de progressos científicos e tecnológico em todas as áreas.

Junto a um pensamento de produtividade, necessários à consolidação do Estado burguês e da burguesia como classe, foi gestado um pensamento científico, que “cuidaria” do homem em seus aspectos mentais, intelectuais e físicos. A Educação do corpo estará intimamente ligada a construção do novo homem pois *“será a própria expressão física da sociedade do capital. (...) Se faz protagonista de um corpo ‘saudável’; torna-se receita e remédio para curar os homens de sua letargia, indolência, preguiça, imoralidade...”* (SOARES, 2001 p.06)

A Educação do físico dos indivíduos foi necessária na modernidade para a instauração de uma nova ordem e uma nova racionalidade, sobretudo exigidas pela instauração da sociedade industrial na medida que foi preciso transformar camponeses em operários. Também ajudando na construção de uma unidade social estão a ginástica e o esporte. Esses fenômenos da cultura corporal de movimento encontram-se no interior das instituições como a escola e tem como suposto objetivo a higiene e a saúde. No entanto, o que se observa é a preocupação com corpos retos e rígidos, corpos sem excessos, corpos fortes e servis. Corpos moldados e adestrados para encaixarem-se na dinâmica de reprodução da sociedade industrial a serviço de um determinado modo de organização social.

Vemos, agregado à ascensão do progresso industrial, o nascimento de um corpo quantificável, mensurável, puramente biológico e estatístico. O caráter instrumental e parcelar do corpo a serviço da ciência. O corpo desprovido de subjetividade, o corpo não-sensível, o corpo pouco humano. Sobretudo, a história nos permite compreender como se constituíram diferentes expectativas de corpo a partir do momento em que este se separa da natureza e constitui-se em “objeto” da ciência.

A modernidade, na sede pelo domínio da natureza, considerando-a como um outro a ser dominado coloca-se em um paradoxo. Ao pensarmos que também somos natureza, ou que temos parte da natureza em nós tornamo-nos outro em relação a

nós mesmos, objetos perante um espelho. Nosso corpo (o que há de natureza em nós) também é tido como algo a ser dominado, domesticado, apaziguado. Ao tornar o corpo objeto de domínio, o ser humano torna-se sujeito a ser dominado por ele próprio.

*Não se pode mais reconverter o corpo físico (körper) em corpo vivo (leib)*⁶ (Adorno e Horkheimer, 1985, p.218), ou seja, um corpo puramente biológico e administrado, que vem se concebendo na modernidade, em um corpo livre, pois esse corpo é reflexo de um “progresso” a que não se abre mão. O que está em questão porém não é o progresso em si, mas como ele foi desenvolvido na modernidade. A reflexão sobre esse modelo visa a superação das injustiças que ele oculta. A crítica deve buscar maneiras que possibilitem formas de existência autênticas desse corpo.

Os valores e hábitos corporais propagados com o desenrolar da sociedade burguesa tiveram como alvo a consolidação de um homem saudável fisicamente, na mesma medida em que tornava-se adequado física e moralmente aos padrões desta sociedade emergente. O corpo passou a ser tratado como qualquer outro objeto, destituídos de sentimentos, pensamentos e aspirações. Foi analisado e tratado como matéria e objeto de uma única ciência empirista, isolado da totalidade e, portanto, reificado.

Freitas (1994) ajuda-nos no entendimento dessa nova configuração corporal refletindo que *“o corpo é coisificado pelo capitalismo (...) como uma entidade observável por via empírica, que referenda a continuidade de uma ordem econômica barbárica que impede o livre desenvolvimento do homem social”*. (FREITAS, 1994, p.37). Portanto, a imagem do corpo é assim reificada com vistas a perpetuação de um sistema que ao fragmentar o indivíduo, desumaniza-o, tirando-lhe a possibilidade de transcendência e transformação da realidade.

O quadro social que a modernidade vai delineando evidencia o distanciamento dos homens de uma formação genuinamente integral, e, portanto, emancipadora, como

⁶ Adorno e Horkheimer, nas notas e esboço da Dialética do Esclarecimento utilizam para referirem-se ao corpo duas expressões: Körper e Leib. Explicam que na língua alemã corrente elas são sinônimos porém o termo körper é usado por filósofos para designar o físico e o termo leib para designar o orgânico, o corpo vivo.

idealizaram os Iluministas. Ana Márcia Silva (1999, p. 08) justifica esse acontecimento defendendo, entre outros fatores, a tese de que o homem é constituído essencialmente de natureza⁷ e que a partir da modernidade ocorre uma intensificação no processo de separação entre o ser humano e a natureza. O entendimento de totalidade⁸ vai se desfazendo concomitantemente ao crescimento dos moldes impostos por uma sociedade sedenta de conhecimento para se dominar essa natureza⁹. A autora enfatiza que

“O progressivo desligamento dos seres humanos da totalidade (...) já vinha sendo identificado desde a idade média, com as práticas de isolamento e preocupação por si, não comuns em períodos anteriores. (...) A esse processo de desligamento entre ser humano e natureza corresponderá um tipo muito específico de interesse pelo corpo, que caminha muito mais próximo da dominação e da sujeição, tal como se busca realizar com toda a natureza (...)” (SILVA, 1999, 08)

Posteriormente, a perspectiva da individualidade/independência tornar-se-á individualismo (no sentido de separação de todos os seres humanos entre si para tornarem-se indivíduos). Na esfera da estética corporal esse individualismo pode ser caracterizado pelo narcisismo. Entretanto esse processo não se dá de forma clara, está entrelaçado às mudanças ocorridas gradualmente nos séculos XVIII e XIX onde o homem vai passando a ser *“moral, independente, autônomo e assim, essencialmente não social”* (Dumont citado por SILVA, 1999, p.08).

Um parênteses para o século XIX e XX

“O século XIX merece a atenção daqueles que desejam compreender o homem e a sociedade do ocidente. A Europa, que consolida uma dupla revolução, é o lugar da formação de um novo homem e de uma nova sociedade regida por um ‘espírito capitalista’ que passa a dominar quase exclusivamente aquele presente.” (SOARES, 2002, p.10)

⁷ Essa gênese humana é relatada na antigüidade pelo poeta Hesíodo, mas também está presente nas tradições judaico-cristãs que acopla ao homem a essência divina e foi registrada por milênios em diversas culturas espalhadas por todo o planeta.

⁸ A totalidade se contrapõe ao conceito de bastar-se a si mesmo, ser um homem não social, um individualista.

⁹ Ana Márcia Silva demonstra nas suas análises acerca da perda da totalidade pelo homem moderno um dado importante dizendo que “é no século XIX que aparecem as primeiras precauções ambientais, formalizando a separação entre ser humano e natureza. (SILVA, 2001)

A partir do século XIX a modernidade vai se configurando como agente destruidor da possibilidade do corpo se construir na sua autenticidade devido as normas, aos padrões e as regras que são difundidos objetiva e subjetivamente no intuito de reproduzir a sociedade capitalista. Nesta perspectiva podemos observar como o corpo foi violentado na sua proposta de existência a partir da promessa de humanização que a modernidade não concretizou. Carmen Lúcia Soares, prefaciando o livro de Ana Márcia Silva, adverte que *“o corpo, este território múltiplo, polissêmico e idiossincrático parece que perde, a cada dia, sua inteireza (...)”*. (SILVA, 2001, 27)

Notamos que, com o desenvolvimento pleno das regras do capitalismo, a sociedade vai tornando-se extremamente racional. O interesse pelo conhecimento é transfigurado em ciência que luta para se impor com total credibilidade, pois deveria respaldar a construção do homem necessário ao capital, ou seja, um homem produtivo, um homem biológico. Esse tempo apoia-se na crença desmedida pelo “progresso” e pauta as práticas sociais nos parâmetros ditados pelos “métodos científicos”. Dessa forma, impregna a vida do indivíduo com pragmatismos onde tudo deve ser medido, classificado.

Assiste-se uma fase de transformação do ser humano em objeto de conhecimento e conseqüente valorização da dimensão corporal no sentido de entendê-lo mecanicamente, biologicamente e fisiologicamente. O pensamento médico higienista é bastante difundido no sentido de dar saúde ao “corpo biológico” e também ao “corpo social” através da disseminação dos hábitos apropriados à família moderna.

Também a modernidade se responsabiliza pelo despertar de um interesse com a aparência do corpo (que se torna crescente até os dias atuais) como sinônimo de felicidade e bem estar físico e social. Essa preocupação será responsável também pela reificação do sujeito também na sua corporeidade que começa a educar-se através de estereótipos sem se dar conta das sutilezas de dominação que este acarreta imanentemente a si. O narcisismo será por conseguinte um fenômeno a alastrar-se mais e mais.

Por fim, essa ditadura da aparência incorrerá no erro da identificação da personalidade pela aparência além das patologias modernas como anorexia e bulimia.

A ciência e a construção do homem no capitalismo

*“O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder”
(ADORNO & HORKHEIMER, 1985)*

O homem da modernidade acaba transformando a si próprio em objeto de conhecimento da ciência quando começa a utilizar o corpo humano como fonte de experiência. Ao milimetricamente conhecê-lo, detalhando-o, mensurando-o¹⁰, o homem se convence definitivamente de seu poder de dominação da natureza. Esse conhecimento inaugura uma nova concepção de conhecimento corporal que extrapola a experiência humana do vivido, próprio do ser humano.

As experiências realizadas com corpos humanos pautavam-se na lógica instrumental da razão, portanto reducionistas, desconsiderando a complexidade inerente à realidade humana. Não tardou o fato de que as conseqüências das descobertas científicas comesçassem a ditar normas e padrões de vida, alterando as práticas corporais juntamente ao pensamento higienista e eugenista que se propagava no século XIX.

O interesse pelo corpo na modernidade é marcado pelo credo na materialidade manifesta do mesmo, no qual o indivíduo vai se identificando com um corpo altamente visado pelas ciências biomédicas destinadas à medicina privada. Os hábitos dos sujeitos vão se adequando e essa nova ordem instaurada. A assepsia, na época representada por Pasteur, vai interferindo nas atividades cotidianas dos indivíduos alterando suas práticas corporais.

O médico vai ditar como deve ser o trato com o corpo que perde sua dimensão lúdica para ter uma dimensão extremamente utilitarista na sociedade (no sentido de

¹⁰ Ver mais em SILVA, 2001 – Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca de um novo arquétipo de felicidade. (capítulo 01)

higiene) que deve se afirmar como modelo de ordem para uma suposta felicidade. Um exemplo da perda da ludicidade corporal refere-se a forma de como o corpo ao se relacionar com a água vai se modificando. Os banhos (inclusive o de mar) deixam de ser momento de convivência e festividade para se tornar obrigação médica que posteriormente é arraigada no imaginário social somente como utilidade à limpeza do corpo. Portanto,

“a atividade dos médicos vai ser fundamental no processo de subjetivação que ocorre na modernidade, com um incentivo especial à identificação do indivíduo com sua dimensão corporal” (SILVA, 1999, p. 14)

“A medicina e a expectativa corporal do século XIX se rendem à lógica dos laboratórios, acreditando se beneficiar com os prestígios da ciência e da nova racionalidade que se instauram” (SILVA, 2001, p.17).

A fragmentação do corpo para estudos científicos de seu funcionamento e o individualismo como expressão ideológica do capitalismo industrial tem relação íntima com o conceito que se estabelece de partes constituintes da sociedade. *“A perspectiva de movimento apontada pela ciência é a mesma que se estrutura nas sociedades de mercado, com a livre circulação de mercadorias” (SILVA, 1999, p. 20).*

Nesse desenvolvimento da medicina percebe-se a valorização e a preocupação com o conhecimento técnico-científico subsidiado pela racionalidade instrumental, pois as revoluções burguesa e industrial, símbolos da modernidade, operam a transformação do ser humano em objeto de conhecimento e conseqüente crescimento do interesse pelo corpo.

“É esse indivíduo que subsiste numa sociedade que se coloca como “liberal”, que transforma a si mesmo em objeto de conhecimento e instrumentaliza sua dimensão corporal, como realiza com toda a natureza” (SILVA, 2001, p.38)

A importância que a medicina dá ao corpo nesse período pode ser considerado como exemplo da forma como o corpo é tratado na cultura capitalista emergente. Vemos claramente como uma racionalidade burguesa destinada à reprodução de uma sociedade governada por interesses hegemônicos, a serviço dos interesses

mercadológicos, domina a vida íntima do homem tanto objetivamente como subjetivamente.

Além da medicina, outras esferas sociais seguem essa lógica; a arte por exemplo, apresenta-se como elemento importante para a compreensão de como o corpo era concebido pelos homens. O processo de individualização pode ser percebido devido ao surgimento de auto-retratos mais realistas na dimensão corpórea. Algumas obras de arte também seguem uma tendência a revelar a vida cotidiana de forma mais elementar.

Os estudos de Ana Márcia Silva (1994) revelam também que a literatura contribuiu para essa articulação da ciência com a arte. Um exemplo clássico é a obra *“Madame Bovary”* de Gustave Flaubert¹¹ que, de certa forma, populariza as descobertas científicas sobre o funcionamento do corpo humano. Essa mesma autora também cita a divulgação da fotografia e a difusão do uso do espelho como fatores importantes no acentuamento do interesse dos homens por sua dimensão corpórea.

Em seus escritos sobre as imagens da educação no corpo, Carmen Lúcia Soares (1999) constata que *“forma-se no século XIX, de um modo mais preciso que em outros momentos da história do homem ocidental uma pedagogia do gesto e da vontade, configurando-se assim, uma ‘educação do corpo’, já conhecida como importante”*. (SOARES, 2002, p.17).

Nesse sentido, um dos grandes responsáveis na educação/adestramento do corpo dos homens durante todo o século XIX na Europa foi à ginástica. Ela configura-se como grande aliado dos ideais burgueses por dar forma a uma prática pautada nos rigorosos métodos científicos tão valorizados na época. De certa maneira a ginástica correspondia a expressão física para um novo “código de civilidade”.

Evidenciando seu vínculo com a ciência, a ginástica, ao promover a retidão corporal, ao possuir em seu interior princípios de ordem e disciplina, ao permitir que o

¹¹ Ana Márcia Silva (1999) registra em suas análises que esse romance específico do autor traz detalhes de procedimento médicos e a descrição do quadro de sintomas que envolve o suicídio da protagonista.

indivíduo internalizasse uma noção de economia de tempo e energia, desenvolve-se como norteadora de princípios organizadores do cotidiano.

O movimento ginástico científico também objetivava a regeneração da raça e promoção da saúde já que a sociedade sofria com o alto nível de mortalidade e doenças, sem contudo alterar as condições de vida e trabalho. Mas a finalidade maior foi moralizar os indivíduos da sociedade, intervindo radicalmente no seu modo de ser e viver, justificando inclusive sua inserção nos currículos escolares.

Nessa empreitada da ciência da sociedade capitalista em adequar os indivíduos à afirmação do sistema, vemos a negação da globalidade do corpo, de sua utilização como entretenimento e de manifestações livres e lúdicas. A utilização do corpo no não-trabalho deveria assemelhar-se também a uma prática condizente ao princípio de utilidade. Assemelhando-se aos mecanismos da Indústria Cultural, as manifestações corporais são sutilmente impostas por essa forma de organização social para controlar o corpo do homem em todos os momentos da vida.

Nesse sentido as manifestações corporais mais autênticas, como aquelas praticadas por artistas de rua e artistas circenses, foram redesenhadas no imaginário popular através de sua negação e marginalização por parte das autoridades da sociedade (os cientistas). Esses artistas viviam fora da idéia de utilidade, pois apresentavam movimentos realizados por um corpo ágil, alegre e cheio de vida, numa expressão de liberdade corporal, mas sobretudo contrários à qualquer regra e norma. *“Opunham-se aos novos cânones do corpo acabado, perfeito, fechado, limpo e isolado que a ciência construía, da vida fixa e disciplinada que a nova ordem exigia”* (SOARES, 2002, p.25). Transfiguravam-se portanto como perigo à sociedade.

Para que melhor se compreenda a utilização do corpo e forma de vida nos círculos artísticos recorremos a uma passagem que Carmen Lúcia Soares faz sobre o universo circense.

Artistas, estrangeiros, errantes. (...) Traziam o corpo como espetáculo. Invertiam a ordem das coisas. Andavam com as mãos, lançavam-se ao espaço, contorciam-se, encaixavam-se em potes, em cestos, imitavam bichos, vozes, produziam som

com as mais diferentes partes do corpo, cuspiam fogo, vertiam líquidos inesperados, gargalhavam, viviam em grupos.
(SOARES, 2002, p.25)

Dessa forma foi inevitável que ocorresse uma negação e marginalização dos artistas circenses que ameaçavam a “ordem” com seus espetáculos. Em contrapartida, a ginástica começa a configurar-se como espetáculo a ser assistido para suprir uma necessidade do público. Inicialmente as aulas de ginástica realizadas em ginásios foram freqüentada por pessoas que desejavam divertir-se com exibições corporais, mais adiante a ginástica será demonstrada pelos grupos escolares. Posteriormente vemos nascer a ginástica como esporte e que sela definitivamente a falta de “espetáculos”.

Outro fator que levou a sociedade moderna a marginalizar as atividades corporais circenses foi o caráter de liberdade e espontaneidade corporais expressadas nas exibições dos artistas, fazendo renascer *“formas de inteireza humana”* (SOARES, 2002, p. 25). Tais manifestações eram dissonantes aos padrões corporais afirmados pela ciência moderna: o corpo rígido, reto, limpo, consertado, controlado, construído, modelado, obediente, saudável, portanto útil.

É típico da sociedade burguesa também controlar o tempo fora do trabalho, por isso tantos esforços em desqualificar as atividades circenses e promover a ginástica científica mais condizente com os novos modos de vida. Outro agravante decorrente das práticas biomédicas referentes ao corpo humano é a criação de tabelas referenciais para definir as medidas corporais. A característica de generalização destas tabelas demonstra uma tendência à hegemonia de uma certa concepção de corpo imposta pelas regras que regem a sociedade e o descompromisso com as particularidades e complexidades inerentes ao corpo e à vida humana. Evidenciando que *“a ciência reduz-se ao ‘como’ e não se pergunta mais sobre o ‘porque’”* (SILVA, 2001, p. 39).

Na utilização restrita de medições, descrições, cálculos e classificações no estudo do corpo, a ciência moderna utiliza uma racionalidade reduzida ao formalismo dos dados obtidos através de verificação, o centro de critério da ciência positivista. Nesse sentido, abandonam toda a pretensão do conhecimento que se realiza no

“desdobramento de seu sentido social, histórico, humano” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985).

Outro aspecto que foi importante para a consolidação da forma de tratar o corpo na modernidade, especialmente a partir do século XIX e que perdurará até a atualidade histórica, foi a deificação da aparência/estética/imagem corporal. A valorização da dimensão corporal, entre outros fatores, acaba consolidando a aparência corporal como sinônimo de felicidade.

A partir do século XIX a necessidade de reprodução social cria ideologicamente um mundo de aparências, principalmente no que diz respeito à aparência a ser apresentada em público. Nesse momento, os valores humanos estavam extremamente relacionados com o desenvolvimento social e deveriam fortalecer um modelo de produção que se afirmava: o modelo capitalista. Portanto, a normatização dos comportamentos, a verticização dos corpos, a higienização dos atos públicos e privados, bem como a valorização da estética corporal colocavam-se como fatores importantes a serem difundidos entre os indivíduos para que os mesmos se integrassem a essa sociedade. Nesse sentido verifica-se que

O corpo vigoroso, ativo, autônomo, é o primeiro sinal de um mundo em estruturação. A imagem de elegância, de sobriedade, de comedimento, de perfeito auto-domínio. À correção das indumentárias escuras, das camisas e dos colarinhos brancos, do movimento adequado e das capacidades que se desenvolvem pela vontade, pela regularidade, pela repetição e pelo exercício, pelo ensaio e pelo erro, a imagem e eficiência acompanha cada corrente. (HASSE, 2002, p. xii)

Vale destacar que é na modernidade que são construídos muitos dos valores que vemos prevalecer na atualidade sobre o trato com o corpo. A concepção de corpo deste período acaba sendo responsável, em grande medida, pelo nascimento de diversas facetas da educação do corpo hoje. Com a consolidação dessa concepção de corpo vemos o destaque do cuidado com a aparência. A dimensão ideologizada da padronização da mesma, bem como os mecanismos de estereotipia corporal e sua idolatria, entre outros fatores, comprometerão a construção de uma consciência verdadeira na educação do corpo. Ao contrário de outras épocas onde existiam

possibilidades maiores para corpos diferentes, o século XXI vem se destacando por padrões únicos na concepção de corpo: os estereótipos corporais.

CAPÍTULO II

CORPO, CULTURA E SOCIEDADE

*“Sonhar mais um sonho impossível.
Lutar quando é fácil ceder.
Vencer o inimigo invencível.
Negar quando a regra é vender”
(Miguel de Cervantes)*

Para discutir algumas facetas da educação do corpo na atualidade é imprescindível analisarmos como a sociedade se engendrou na linha da história possibilitando a formação de um determinado tipo de homem e de uma forma peculiar de tratar o corpo no interior das relações humanas e produção da vida, pois existe uma relação dinâmica entre indivíduos e determinantes estruturais do meio que o cerca. Aquilo que o indivíduo é, sente e pensa apresenta uma grande conexão em relação ao contexto cultural, social, político e econômico.

Nesse sentido, as imagens corporais que entremeiam a identidade corporal na sociedade capitalista contemporânea não devem ser analisadas e discutidas sem o entendimento do desenvolvimento da sociedade industrial. A cultura que permeia essa sociedade também é algo que determina como o corpo se articula perante determinadas práticas e acaba por interferir numa formação que é específica de uma forma social que articula objetiva e subjetivamente estilos de vida para reproduzir-se.

Ao discutir a situação do corpo na sociedade contemporânea, considerando-se as determinantes históricas que o produzem, faz-se necessário uma contextualização histórica para situá-lo no processo social que se desenvolveu pautada nos princípios industriais e comerciais do conceito de homem e de corpo na atualidade. Trata-se, portanto, do desvelamento de como uma sociedade pautada nos princípios industriais e comerciais determina o modo do homem educar-se e relacionar-se com o mundo.

O Homem e o Mundo

A forma de produção da vida que antecedeu o capitalismo baseava-se no trabalho doméstico em que as famílias produziam tudo o que lhes era necessário para a sobrevivência. O excedente do trabalho era permutado por bens de uso não considerados como de necessidade básica. Romper com esta organização de trabalho foi o grande desafio do capitalismo emergente, que necessitava de uma nova ordem e disciplina produtiva.

A dissociação do trabalhador dos seus meios de produção foi um dos primeiros fatores para que a forma de produção capitalista pudesse se desenvolver e chegar ao que hoje denomina-se capitalismo tardio ou monopolista. Essa nova relação entre capital e trabalho marca uma nova forma econômica de organização da sociedade: o capitalismo clássico.

O princípio básico dessa nova organização social era a reunião de uma gama enorme de trabalhadores sob o comando de um único capital, com a finalidade de produzir mercadorias e trocá-las. Está, portanto, colocada a contradição fundamental da sociedade capitalista: a produção socializada e a apropriação privada.

Configuram-se então três fases distintas dessa nova organização para a produção material da vida: a cooperação, a manufatura e a grande indústria. Na configuração desse quadro histórico o trabalhador torna-se duplamente livre. Primeiro por não ter mais os instrumentos do trabalho e o domínio do processo produtivo (que foi evolutivo nas três fases) e, segundo, por poder vender ao capitalista sua força de trabalho em troca de um salário.

Quando a grande indústria entra em cena, a partir do século XIX, o trabalhador encontra-se totalmente desqualificado para a produção de mercadorias devido à parcialização das tarefas (simplificação do trabalho) que objetivava o aumento da produtividade na fabricação dos produtos.

Essa objetivação do trabalho humano permitiu, a introdução da máquina automática na produção e também caracteriza a desqualificação subjetiva do trabalhador, ou

seja, a habilidade e engenhosidade outrora necessários ao artesão não eram mais necessários. Marx se refere a esse processo como enriquecimento do trabalhador coletivo (as forças produtivas sociais) e conseqüente empobrecimento do trabalhador individual.

Com o aumento da maquinaria no interior das fábricas ocorreu o crescimento da desqualificação do trabalho humano ampliando o excedente de mão de obra. Daí surge o rebaixamento dos salários obrigando todos os membros da família a contribuir na subsistência familiar, inclusive mulheres e crianças. A degradação moral e intelectual, bem como o afrouxamento dos laços familiares estarão definitivamente instaurados. Marx afirma no “*Manifesto Comunista*” (2001, p.13) que “*a burguesia arrancou da família o véu sentimental e reduziu a relação familiar a uma mera relação de dinheiro*”.

Percebe-se que o avanço dos recursos técnicos na produção de bens destinados à troca (mercadorias) vem acompanhado de um processo de desumanização do homem trabalhador. Por conseguinte tal progresso social alcançado por essa nova forma de produzir a vida ameaça anular seu pressuposto ideal, o de tornar a vida humana digna em todos os sentidos. Ideais estes que posteriormente foram bem delineados pelo Iluminismo.

Para dois dos mais expressivos pensadores frankfurtianos, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, críticos das promessas libertárias do Iluminismo, essa relação entre progresso técnico e desenvolvimento humano é posta em questão. Afirma um dos autores que:

enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humano, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação das massas, o seu poder de imaginação e o seu prejuízo independente sofreram aparentemente uma redução.” (HORKHEIMER, 1976 p.52)

É nos interstícios de uma sociedade na qual a técnica se sobrepõe à reflexão que todo um modo de vida se inaugura. A razão entendida como necessária na sociedade capitalista, face aos valores do desenvolvimento humano indicam os rumo

para a formação de um homem reificado. Nesse sentido, “*o sujeito assim constituído perde a sua identidade e se objetifica na intencionalidade ideológica do processo industrial*” (FABIANO, 2002 p.228).

O quadro historicamente configurado de padronização da produção e do consumo configurou o surgimento de um corpo padronizado e fetichizado. Enfim, pouco a pouco o modelo industrial determinou o modo de organização social para a produção da vida que da mesma forma parece ter sido “industrializada”. Uma vida que objetiva a acumulação do capital a qualquer custo.

Razão e Cultura Danificada

Juntamente a esse quadro de mudanças econômicas e produtivas, o surgimento da classe burguesa determina uma nova realidade cultural. As reflexões de Pucci (1994, p.20) acerca dos ideais iluministas apontam que a cultura e a racionalidade humana se projetavam como uma promessa de felicidade. Mediante as necessidades históricas colocadas naquela ocasião elas se caracterizavam como instrumentos revolucionários de libertação e emancipação humana¹².

No ensaio “*O Conceito de Esclarecimento*”, Adorno e Horkheimer (1985, p.19), expõem que o esclarecimento (Aufklärung) teve como finalidade libertar os homens do medo, tornando-os senhores e liberando o mundo da magia e do mito. Admitindo-se que essa finalidade possa ser atingida por meio da ciência, da tecnologia, da razão e da cultura, tudo levaria a crer que o iluminismo instauraria o poder racional e humanístico do homem sobre a ciência e sobre a técnica. “*(...) Enquanto repertório histórico da humanidade com fim em si mesma [a cultura e a razão humana] se oporia como potencial emancipatório à sociedade economicamente totalizada e sua estrutura ideológica formalizante*” (ADORDO & HORKHEIMER, 1985, p. 37)

¹² Através da cultura, os indivíduos poderiam alcançar o esclarecimento (“Aufklärung”). A razão/esclarecimento e a cultura apresentavam-se como força histórica capaz de fazer do mundo um lugar de progresso e felicidade, triunfando sobre a irracionalidade social e proporcionando a vida justa. (reflexões tecidas a partir da leitura do ensaio de Immanuel Kant, “Resposta à pergunta: o que é esclarecimento” publicado em 1985)

No entanto, o que foi construído na história em relação à cultura e a racionalidade humana a partir do advento do Iluminismo, foi justamente o contrário. Bruno Pucci (1994, p.23), na leitura de Adorno e Horkheimer, aponta que a Razão Iluminista - desenvolvida pela burguesia desde os inícios da era moderna - continha em sua afirmação primeira as dimensões emancipatória e instrumental, a segunda integrada e a serviço da primeira. Porém, a burguesia, na medida em que foi impondo seu domínio às outras classes sociais, ofuscou e reprimiu a dimensão emancipatória da razão, privilegiando sua dimensão instrumental que posteriormente - com o surgimento do capitalismo monopolista – acabou se tornando onipresente.

Essa exigência foi imposta por um quadro social sedento de conhecimento técnico e pragmático, com a urgência de se dominar e explorar racionalmente a natureza externa e interna do homem e atingir o objetivo de ampliar a reprodução do capital. Esse quadro possibilitou o surgimento da cultura danificada (a cultura como ideologia). Ou seja, cultura submetida aos princípios reducionistas de uma razão instrumental e técnica, enfraquecendo assim a própria ação emancipatória da razão em termos sociais mais amplos.

A instauração pragmática do conhecimento resultante da perspectiva instrumental da razão atinge a cultura com força e brutalidade. O tom utilitarista que a cultura recebeu acabou dando a ela uma função adaptativa que debilita a sua força civilizatória. Por isso que Adorno enfatiza a necessidade da reflexão sobre a razão e ao que ela foi reduzida: racionalidade técnica, para assim resgatar a sua força na humanização efetiva da vida social. Sobretudo porque *“o iluminismo deixou de lado a exigência de se pensar o próprio pensamento... transformando o pensamento em coisa, em ferramenta (ADORNO & HORKHEIMER, 1991, p.18)*

Em grande medida, os teóricos frankfurtianos ressalvam que a situação incongruente percebida na cultura - e realizada por ela – se constitui como uma das ingerências da razão instrumental sobre o todo social. A cultura danificada é produto da racionalidade absolutizada em sua faceta instrumental e também é produtora de subjetividades e realidades [prejudicadas]. Isso resulta em um círculo vicioso perverso.

Para Wolfgang Leo Maar (1999), estudioso da Teoria Crítica da Sociedade, a cultura representa uma mediação no seio da sociedade. Mas, nos moldes em que ela fora subsumida pelo pragmatismo que a tomou como forma de ajuste ideológico, tal mediação acabou por danificar a sua dimensão formativa em relação a constituição da identidade do sujeito. Dentro desta abordagem, a cultura representaria uma mediação agressiva, que reprime e expurga toda possibilidade de experiência formativa autêntica e, portanto, de um esclarecimento (Aufklärung), ou a construção daquilo que Theodor Adorno denomina de “consciência verdadeira” ou autonomia.

A cultura se colocaria, nestas circunstâncias, como uma brutalidade social constituída a partir de objetivações isoladas, enrijecidas, formalizadas: “bens” culturais fetichizados, mercantilizados ao extremo. Essa fetichização da cultura é reforçada no capitalismo tardio, a partir do processo de fetichização dos produtos (mercadorias) onde quase tudo passa a ser permutável, coisificado, inclusive a vida íntima.

Após estudos acerca da cultura, ALMEIDA (2001, p 33), menciona que, de fato, “*na sociedade administrada, a cultura se padroniza para fins mercadológicos e não é apreendida pelos indivíduos para a satisfação de suas necessidades formativas – como valor de uso - mas como auto conservação da sociedade – como valor de troca*”. Isso mostra que os sujeitos também passam a se relacionar com a cultura não pelo seu valor formativo, mas para se integrar numa rede social em que o consumo de bens culturais é apresentado como sobrevivência num mundo extremamente consumista.

Neste ínterim, percebemos que a cultura foi submetida a uma nova servidão: as regras do mercado capitalista e a ideologia da indústria, baseada na idéia e na prática do consumo de produtos.

Diante das análises e reflexões empreendidas pelos teóricos frankfurtianos, seus comentaristas e estudiosos, entende-se que esse tipo de cultura apropriada aos princípios mercantis é produto da racionalidade embrutecida pelo fator de mera instrumentalização e passa, sob determinados alicerces, a produzir subjetividades

danificadas. Dessa forma, ela é produto e processo, reproduzindo um antiprogreso, uma incoerência cultural, uma irracionalidade sem precedentes.

O que parece é que, no contexto da racionalidade técnica, a cultura e também a cultura corporal passam a refletir e realizar um papel histórico a serviço da razão burguesa. Uma racionalidade desenvolvida na produção e reprodução da sociedade capitalista tardia que utiliza-se única e exclusivamente da razão instrumental. Entre outras questões, acaba produzindo a frieza burguesa, comportamento bastante presente na contemporaneidade, onde as relações humanas são pouco cultivadas no sentido da sensibilidade, do respeito, do afeto. Nesse sentido recorreremos às reflexões de FABIANO (1999) para dar mais autoridade a essa idéia.

“... a função da cultura, no seu sentido mais essencial e profundo enquanto principio civilizatório, desloca-se em processos de dimensões estéticas e/ou culturais esvaziados desse sentido, para então incorporar elementos de diversão e lucro cuja finalidade é subsumir o sujeito a essa forma de organização social” (FABIANO, 1999, p.35).

No capitalismo tardio, uma das principais instituições que auxilia e reproduz essa tarefa é a Indústria Cultural.

Indústria Cultural

No pensamento clássico frankfurtiano, uma das principais atenções reflexivas se refere aos mecanismos de produção, distribuição e apropriação da cultura. Isso se cristaliza através da chamada Indústria Cultural¹³. Como afirma Adorno, “através da

Ideologia da Indústria Cultural, o conformismo substitui a consciência: jamais a ordem por ela transmitida é confrontada com o que ela pretende ser ou com os reais interesses dos homens” (ADORNO, 1971, p.293).

Entretanto, de modo algum, se poderia falar em Indústria Cultural num período anterior ao da Revolução Industrial, no século XVIII. Embora esta Revolução seja

¹³ Em relação ao termo “Indústria Cultural”, ele foi empregado pela primeira vez no livro *Dialética do Esclarecimento*, publicado em 1947, em Amsterdã, por Adorno e Max Horkheimer. Essa expressão

uma condição básica para sua existência, ela não é, ainda, condição suficiente. É necessário acrescentar a esse quadro a existência de uma economia de mercado, ou seja, uma economia baseada no consumo de bens. É necessário, enfim, a ocorrência de uma sociedade de consumo forte, só verificada na segunda metade do século XIX. Esse é o quadro que coloca em evidência a Indústria Cultural: revolução industrial, capitalismo liberal, economia de mercado, sociedade de consumo.

Os meios pelos quais a Indústria Cultural se manifesta são amplos e diversos. Na época de Adorno, o cinema, o rádio, as revistas ilustradas e os LPs possuíam maior expressão. Hoje adicionamos a esses a televisão, como sendo o mais expressivo, além do vídeo e os novos recursos digitais de produção e difusão audiovisuais (CDs, DVDs, Internet). Outra faceta da Indústria Cultural é a veiculação de imagens através dos outdoors espalhados pelas cidades. Esse último se impõe de modo perverso por não dar ao indivíduo a escolha de querê-los ou não, simplesmente eles estão ali.

Diante desse contexto, a Teoria Crítica é uma referência teórica de interlocução para se repensar as categorias Indústria Cultural, Racionalidade Técnica e Formação Cultural no contexto em que surgem novas tecnologias. Nesse sentido, Rodrigo Duarte também adverte que

“enquanto nos séculos precedentes a ideologia ocorria principalmente através de discursos, de narrativas, sobre como era a realidade e como devia ser, a partir de inícios do século XX, depois do surgimento de meios cada vez mais realistas de produzir e difundir sons e imagens – num processo de desenvolvimento tecnológico que nunca se estagnou -, a ideologia passou a ter por objeto o mundo enquanto tal, ou seja, as palavras se tornam supérfluas pois o que fazer passar por verdadeiro pode ser mostrado, num processo que ‘a divindade do real’ é garantida por mera repetição. ‘Uma prova fotológica como essa, na verdade, não é rigorosa, mas é avassaladora’ (DUARTE, 2002, p.26).”

Belarmino César Guimarães da Costa (1997), que investiga a questão da Indústria Cultural pelo viés da área da Comunicação, traz importantes contribuições no

vem substituir “cultura de massas” até então utilizada em seus esboços para excluir a interpretação

sentido de se entender de forma mais atual os meios pelos quais ela (a Indústria Cultural) se faz presente na vida cotidiana da sociedade contemporânea. Ele sinaliza que a lógica do capital no campo da produção simbólica tem modificado as noções de autonomia cultural e tornando pessoal a fruição de artefatos simbólicos. Em contraposição, as novas tecnologias de comunicação vêm ampliando a circularidade de informações, a interatividade entre os agentes comunicativos. O mais importante é que isso representa

“maior horizontalidade do processo de produção e distribuição de mensagens, cuja ação acaba inserindo cada vez mais pessoas nos círculos informatizados, o que pode representar novas formas de intersubjetividade e sociabilidade, tendo a técnica como agente mediador” (COSTA, 1997, p.182).

Destaca-se ainda em suas análises a idéia de que a comunicação de massa se relaciona também com os estágios de evolução técnico-científica da humanidade. Através das novas tecnologias de comunicação, que dispõem de imagem, som, movimento, amplia-se a capacidade de representação que o homem faz do mundo. Signos, códigos, a onipresença das mensagens transmitidas artificialmente a distância (que está ao mesmo tempo em toda parte) agem no sentido do deslocamento.

Retornando aos autores clássicos frankfurtianos, em suas reflexões mais radicalizadas sobre a produção, disseminação e apropriação de bens culturais no capitalismo tardio, Adorno e Horkheimer, no ensaio intitulado *“Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas”* discutem que, por meio da Indústria Cultural o Capital reorganiza a sociedade, reescreve a sociedade. Aquilo que concretamente não revela nenhuma unidade, no plano da Indústria Cultural tem uma unidade, é a unidade constituída no plano da mercadoria, do equivalente geral e abstrato do consumo que junta todos.

Em um outro texto sobre o assunto, Adorno afirma que ela (a Indústria Cultural) *“.impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Mas estes constituem, contudo, a condição prévia de*

uma sociedade democrática, que não se poderia salvaguardar e desabrochar através de homens não tutelados” (ADORNO, 1971, p. 295).

Portanto, os mecanismos de produção e reprodução de bens culturais através da Indústria Cultural visam repetir, reafirmar e renovar as normas sociais inerentes ao modo de produção capitalista, e nisso é ideologia.

Bruno Pucci (1994, p. 32), em seus estudos sobre os teóricos frankfurtianos complementa o exposto quando reflete que *“para a Teoria Crítica, a Indústria Cultural se transformou no mais sensível instrumento de controle social e na venda em liquidação dos bens culturais. Se aparentemente, traz um ar de democratização, no fundo, se manifesta como decadência da cultura e progresso da barbárie”*. O que a Indústria cultural deixa transparecer é o seu papel de ideologia¹⁴.

Gabriel Conh (1986) vai mais além na discussão sobre a ideologia quando relaciona o conceito de Indústria Cultural à análise mais aprofundada da cultura nas reflexões de Adorno. Ao indagar se a Indústria Cultural é cultura ou indústria expõe que não é nem um nem outro pois

“... isolar um ou outro pólo é consagrar a ideologia. Tratá-los conjuntamente é mostrar no que constituem ideologia – na incapacidade de desenvolver-se, de realizar plenamente seja sua condição de cultura, seja sua condição de indústria. É por isso que, na indústria cultural, a cultura subordina-se à indústria, não na sua expressão mais moderna, mas no seu significado mais arcaico: a indústria como ardil, como engodo”(CONH, 1986, p. 19).

Em suas análises acerca da Indústria Cultural e de como ela traz imanente a si o reforço das questões relativas ao empenho da estrutura capitalista mundial para sustentar-se, Fabiano (1999) discute que:

¹⁴ Segundo comentário de Gabriel Cohn (1986p. 11-12), Adorno desenvolve, ao longo da sua obra, uma concepção de ideologia que retoma temas básicos do marxismo. Para ele a ideologia não se reduz a um sistema de idéias ou representações culturais, não é uma característica de tal ou qual modalidade de consciência social, mas é um processo responsável pela própria formação da consciência social. Não se trata também de instrumento nas mãos de alguém (classes ou indivíduos), nem de cortina para ocultar alguma outra coisa, mas de falsa experiência social. Falsa porque é incapaz de reconhecer e realizar sua própria verdade, que é a de ser resultado de uma atividade social determinada.

“Indústria Cultural enquanto expressão ideológica da cultura, tomada num sentido fetichista, resulta num fenómeno onde a subjetividade fica comprometida com a incorporação de valores culturais identificados com os interesses ideológicos vigentes, cuja finalidade é reforçar e perpetuar o seu processo de reificação.” (FABIANO, 1999, p 03)

Em tal forma de expressão e inculcação culturais, o objetivo da cultura não é outro senão reproduzir a racionalidade instrumental burguesa da qual se origina e sob a qual se estrutura.

Outra contribuição para a análise é de ZUIN (1994); esse estudioso do potencial pedagógico da Teoria Crítica remete ao caráter ambíguo da produção cultural e mostra também o caráter ideológico desta Indústria ao elaborar a seguinte idéia:

“Por detrás do processo de massificação do produto veiculado pela indústria Cultural, pode-se vislumbrar a promessa de que a produção cultural, enquanto patrimônio universal da humanidade, seria efetivamente reapropriada por todos. Não obstante, o que efetivamente ocorre é a (pseudo)democratização destes mesmos produtos. Ora, os produtos culturais são objetivações humanas que devem ser reapropriados de forma coletiva, pois podem ser utilizados tanto para a narcotização, quanto para a emancipação das consciências”. (ZUIN, 1994, p.155)

A partir das reflexões de Fabiano (1999, p 03), entende-se que a cultura se coloca como conteúdo de fácil absorção mental, onde o espectador não necessita de nenhum pensamento próprio. Uma cultura que se fecha num *“bloco informacional”* para ocultar as possibilidades de percepção da sociedade como um todo, ou nas próprias palavras do autor *“procura ocultar aquilo que informa qualquer nível de contradição ou elementos de percepção da totalidade social”*.

Ao contrário da sua função emancipatória, de educar a percepção e civilizar o indivíduo, esse tipo de cultura acaba apenas preenchendo o tempo livre que lhe resta nas formas de trabalho pelas quais esse tipo de sociedade está organizada. A sociedade, na cultura e na produção, passa a ser avaliada exclusivamente pelos valores do preço e do lucro.

Na área da Educação Física, alguns poucos autores como Alexandre Fernandes Vaz, realizam análises a respeito da Indústria Cultural e o corpo. Especificamente no seu ensaio *“Corpo, Tecnologia, Indústria Cultural”*, Vaz (2002) reflete a respeito da Indústria Cultural em algumas de suas manifestações relacionadas ao corpo e suas expressões, sobretudo no que se refere aos esquemas de incorporação tecnológicas e suas possíveis conseqüências para uma ética de reconhecimento do corpo, esse outro em relação ao sujeito esclarecido.

A utilização de imagens corporais pela Indústria Cultural é grande e diversificada, mas traz na sua essência determinados padrões que a reduzem a simples mercadorias estereotipadas evocando um único padrão estético. Destaca-se dentre as imagens corporais utilizadas os corpos femininos, geralmente *seminus* e destituídos de realidade e naturalidade.

Outro destaque conferido à Indústria Cultural é a “lógica do sempre igual”. Tudo o que essa indústria transmite é incrivelmente semelhante em sua essência. Sua engrenagem trabalha para a negação do novo, do diferente, do dissonante, pois

“Cada vez mais, a máquina da Indústria Cultural, ao preferir a eficácia dos seus produtos, determina o consumo dos mesmos e exclui tudo o que é novo, tudo o que ela configura como risco. O menor acréscimo ao inventário cultural comprovado é um risco excessivo.” (PUCCI, 1994, p. 31)

Ao mesmo tempo que gera a padronização de tudo, a Indústria Cultural atrofia a imaginação, a espontaneidade, a atividade intelectual dos espectadores. Faz desaparecer tanto a capacidade crítica como a do respeito humano. Exclui o diferente, o novo.

“Assim, por exemplo, o ar de obstinada reserva ou a postura elegante do indivíduo exibido numa cena determinada é algo que se produz em série exatamente como as fechaduras Yale, que só por frações de milímetros se distinguem uma das outras. As particularidades do eu são mercadoria monopolizadas e socialmente condicionadas, que se fazem passar por algo natural.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985 p. 145)

A identidade do domínio que a indústria cultura exerce sobre os indivíduos, aquilo que ela oferece de continuamente novo não é mais do que a representação, sob formas diferentes, de algo que é sempre igual. A mudança oculta um esqueleto, no qual muda tão pouco como no próprio conceito de lucro, desde que este adquiriu o predomínio sobre a cultura. Neste sentido Adorno enfatiza que

“não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos mas o conteúdo específico do espetáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. Os detalhes tornam-se fungíveis” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, 117)

"As estrelas de cinema, as canções de sucesso com suas letras e seus títulos irradiam um brilho igualmente calculado" (ADORNO, 1996, p. 397)

Nesse ‘universo’ onde o diferente é descartado, cada vez mais o mundo se padroniza tendo como base os estereótipos, principalmente em relação as imagens pois *"encantos desencantados, as imagens não transmitem qualquer segredo, mas são modelos de um comportamento, que corresponde tanto à gravitação do sistema total quanto à vontade dos controladores"* (ADORNO, 1971, p. 352). Adorno reflete implicitamente sobre os estereótipos em grande parte de suas análises acerca da Indústria Cultural pois o público é sempre manipulado e ajustado às exigências de um comportamento adaptado às condições sociais e que reduz ainda mais a formas de comportamento inconscientes.

Outra característica peculiar a esse tipo de mecanismo ideológico de veiculação da produção cultural é o processo de prometer e não cumprir. Nesse “comércio” propenso à enganação, onde a consciência das massas é entorpecida e os espectadores/consumidores são constantemente levados a uma ilusão, a Indústria Cultural, de forma cruel, priva aquilo que ao mesmo tempo parece oferecer. Nesse sentido,

“ao expor sempre como novo o objeto de desejo (o seio sob o suéter ou o dorso nu do herói desportivo), a Indústria Cultural não faz mais do que explicitar o prazer preliminar não sublimado que, pelo hábito da privação, converte-se em conduta sadomasiquista. Assim, prometer e não cumprir, oferecer e privar, são um único e mesmo ato da Indústria Cultural”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985 Pág.131)

Neste momento, vale destacar a importância do fascinante mundo publicitário para a afirmação, manutenção e sobrevivência da Indústria Cultural. Este é um outro mundo que nos é mostrado dentro de cada anúncio, onde produtos são sedimentos e a morte não existe. É parecido com a vida e, no entanto, completamente diferente, posto que é sempre bem sucedido. Nele não habitam a dor, a miséria, a angústia e onde existem seres vivos, paradoxalmente, dele se ausenta a fragilidade humana. Um mundo nem enganoso nem verdadeiro, simplesmente um mundo “mágico”.

Evidentemente, trata-se de uma ilusão, mas dotada de poder real, porque é aparência. Eis aqui o encantamento, o feitiço! De fato, a Indústria Cultural expressa a forma repressiva da formação da identidade da sociedade contemporânea.

“Nos dias de hoje, quando as pessoas se encontram cada vez mais dessensibilizadas, é praticamente impossível ficar insensível aos apelos sedutores feitos pela Indústria Cultural, numa sociedade cuja consolidação e reprodução da cultura prioriza o princípio da comercialização de seus produtos sob as mais variadas embalagens. No reinado dos simulacros, esses produtos são revestidos por invólucros esplendorosos, proporcionando o fascínio e o deslumbramento coletivo. Com os olhos embasbacados no glamour geral, as pessoas os consomem de forma compulsiva, na esperança de adquirir imediatamente os atributos e qualidades vinculados, tais como sexualidade, sofisticação, etc. (ZUIN, 1994, p. 153)”

A função manifesta da publicidade é aquela de “vender um produto”, “aumentar o consumo” e “abrir mercados”. Se compararmos o fenômeno do “consumo de anúncios” e o de “produtos”, podemos perceber que o volume de “consumo” implicado no primeiro é infinitamente superior ao do segundo. Em cada anúncio “vende-se” estilo de vida, sensações, padrões estéticos, visões de mundo, relações humanas, sistemas de classificação, hierarquia, entre outros, em quantidades significativamente maiores que geladeiras, roupas ou cigarros.

Adorno e Horkheimer analisam que a publicidade é o elixir da vida da Indústria Cultural porque *“como seu produto reduz incessantemente o prazer que promete como mercadoria a uma simples promessa, ele acaba por coincidir com a publicidade de que precisa, por ser intragável”* (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.151).

Com a padronização dos produtos/bens culturais em conjunto com a mundialização da imagem, sobretudo com a publicidade, a Indústria Cultural cria uma atmosfera espiritual para se pensar o mundo como “um todo articulado”. Isso permite apreensões coletivas de normatização de sentidos que, de maneira incisiva, contribuem para a reprodução da ordem social, para a formulação de um imaginário coletivo.

Na educação do corpo, a Indústria Cultural exerce uma afirmação ideológica direta na medida que consome um grande tempo na vida das pessoas, principalmente através da televisão, criando no imaginário do indivíduo, e mais facilmente no das crianças, um certo tipo de modelo ou estética corporal, no sentido de idolatria e culto ao estereótipo, um padrão de beleza, além do exarcebamento do glamur do esporte de alto rendimento, sendo quase fascista, tornando esses fatos, que aparentemente são simples, num tipo de controle subjetivo que pode ter reflexos na experiência formativa com os componentes da cultura corporal.

Nesse sentido, observa-se que a Indústria Cultural abarcou todas as esferas da sociedade, inviabilizando a prática emancipatória, dirigindo as pessoas, manipulando suas necessidades, invertendo a subjetividade de modo perverso, mudando os indivíduos de tal forma que eles se conciliem sempre à sociedade, se integrem a ela, esquecendo todo o resto. Nas palavras de ADORNO (1971, p. 294), “*a dependência e a servidão dos homens é o objetivo último da Indústria Cultural*”.

Nesse movimento de manipulação das necessidades dos sujeitos, a Indústria Cultural cria o resultado originariamente das necessidades dos consumidores. Não são as pessoas que tem necessidades a serem satisfeitas na sociedade, mas a sociedade que inventa necessidades para as pessoas se satisfazerem na mesma. Esse é o mecanismo da Indústria Cultural, trata-se do círculo da manipulação das necessidades no qual a unidade ideológica do sistema torna-se cada vez mais coesa.

A verdade em tudo isso é que o poder da Indústria Cultural provém de sua identificação com a necessidade produzida, não da simples oposição a ela. Quanto

mais firmes se tornam as posições da Indústria Cultural, mais sumariamente ela pode proceder com as necessidades dos consumidores, produzindo-as, dirigindo-as, disciplinando-as e, inclusive, suspendendo a diversão: nenhuma barreira se eleva ao próprio princípio da cultura. O fato de que milhões de pessoas participam dessa indústria imporia métodos de reprodução que, por sua vez, tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais.

O entendimento dos mecanismos ocultos de dominação trazidos pela Indústria Cultural perpassa pela reflexão desse poder de manipulação dos sujeitos, controlando suas necessidades, e com isso mudando-as de tal modo que eles se conciliem, se integrem sempre à sociedade da cultura banal, que gostem de consumir aquilo que é apresentado à eles a todo momento e esqueçam de todo o restante.

A planejada manutenção do povo em um estado de ignorância é apontada por Rodrigo Duarte (2002, p.34) como sendo uma das principais preocupações do capítulo “Indústria Cultural: esclarecimento como mistificação das massas” da obra “Dialética do Esclarecimento” de Adorno e Horkheimer. Segundo ele, os autores frankfurtianos denunciam que, a despeito de sua postura aparentemente democrática e liberal, a cultura massificada realiza impiedosamente os ditames de um sistema de dominação econômica que necessita, entretanto, de uma concordância – pelo menos tácita – das pessoas para a legitimação de sua existência.

“A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas. Os produtos da Indústria Cultural podem ter a certeza de que até mesmo os distraídos vão consumi-los alertamente. Cada qual é um modelo da gigantesca maquinaria econômica que, desde o início, não dá folga a ninguém, tanto no trabalho quanto no descanso, que tanto se assemelha ao trabalho”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.119).

Outro foco de discussão de extrema importância para se refletir a sociedade e seus variados fenômenos - como por exemplo a educação do corpo - é que geralmente as pessoas não conseguem se desvencilhar desse mundo cruel e deformador da Indústria Cultural. Nessa integração os sujeitos não se sentem desconfortáveis no processo social de reprodução material que mantém a continuidade da própria

exploração. *“Eles estão felizes na sua exploração, pois o amor funesto do povo pelo mal que a ele se faz chega a se antecipar à astúcia das instâncias de controle”* (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.125).

“O sujeito é constantemente submetido a um processo de conformismo com o qual é ajustado a reproduzir a estrutura de uma sociedade que o fragmenta pela forma como se organiza. Os valores estéticos estereotipados de que se vale tal contexto social se determinam, entretanto como elementos de sedução e formação cultural do indivíduo, embotando os seus sentidos e percepções” (FABIANO, 1999 p. 03)

Nessa perspectiva, percebe-se o quanto os sujeitos são integrados à sociedade que se reproduz passando por cima das sensações e percepções já embotadas pelos diversos mecanismo de manipulação ideológica, comprometendo a formação cultural e a formulação da consciência crítica e verdadeira. Esses mecanismos abarcam as instâncias mais intimas da vida do homem através da ciência, da mídia, da educação, fazendo-se presente no cotidiano através do trabalho e do não trabalho.

Para Fabiano (1999, p. 03-04) a cultura disseminada na sociedade adapta os sujeitos à uma ideologia, no caso, a ideologia industrial pautada na racionalidade técnica, por isso, *“a massa recebe como alimento cultural signos ociosos e clichês carentes de historicidade, cuja função ideológica é manter o indivíduo restrito a um imediatismo cotidiano que reduz seus horizontes de emancipação”*.

A apropriação da cultura pela ideologia industrial e a disseminação de uma cultura comprometida com os ideais de subserviência e integração social traz como resultado o entrelaçamento de todas as possibilidades de reprodução do *status quo*. Torna-se possível perceber, dessa maneira, o caráter “educativo” que a cultura e consequentemente a Indústria Cultural assumem.

“Conectada a todas as suas artérias e vasos comunicantes, a Indústria Cultural torna-se expressão e pressão da consciência humana inserida nesse ambiente socialmente administrado. Ela é forjada para não questioná-lo e muito menos revê-lo, perpetuando assim relações sociais que na verdade são relativas e históricas e, por conseguinte, passíveis de transformação”(FABIANO, 1999, p. 04).

Para Wolfgang Leo Maar (1997, p.31) ocorre uma totalização social nos termos da sociedade integral, em que economia e cultura se fundem num amálgama com a função de anular o curso da ação histórica dos homens, procurando fixá-los em determinadas configurações sociais por eles mesmos produzidas, mas em que se manifestam potenciais de alienação e dominação e ainda faz o alerta de que *“é preciso desconfiar da ‘cultura’, deixando de lhe atribuir valor inquestionável, nos termos da constituição de uma formação social estruturada no processo de reprodução da sociedade capitalista”*.

Adorno e Horkheimer, em suas discussões sobre a Indústria Cultural, situam o leitor sobre a função de integração dos sujeitos à realidade perversa realizada por essa indústria, e, sobretudo, pelo fato de utilizar o engodo, o engano, o logro para realizar esta tarefa de integração. Assim, sinalizam que *“o logro, pois, não está em que a Indústria Cultural proponha diversões, mas no fato de que ela estraga o prazer com o envolvimento de seu tino comercial nos clichês ideológicos da cultura em vias de se liquidar a si mesma”* (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 133-134).

Nessa ótica de pensamento constata-se que, pelos produtos da Indústria Cultural, os indivíduos se integram à sociedade alegremente, sem rumores de resistência, dúvida e reflexão. *“Com seus produtos, a Indústria Cultural pratica o reforço das normas sociais, repetidas até a exaustão e sem discussão. Em consequência, uma outra função: a de promover o conformismo social”* (COELHO, 1998, 23).

Diante desse contexto tão complexo de ideologia, a cultura, sendo tratada como mercadoria e entretenimento na e pela Indústria Cultural, portanto danificada e descaracterizada de sua dialeticidade, tende a descartar totalmente sua possibilidade de emancipação humana, despotencializando qualquer forma de autonomia, consciência crítica e experiência formativa digna. Nestes termos, a indústria Cultural projeta objetiva e subjetivamente a reprodução da racionalidade burguesa da sociedade do capitalismo tardio integrando e alienado os sujeitos em escala universal.

Profundamente relacionada com a reflexões sobre a Indústria Cultural e a cultura danificada está a questão do resgate da "formação cultural digna" (Bildung). No

pensamento adorniano fica claro que é imprescindível também repensar os aspectos e processos que tornam essa formação prejudicada no capitalismo tardio. MAAR (1997), com efeito, destaca essa necessidade em suas análises sobre a gênese da Indústria Cultural e sua relação com a formação cultural dos indivíduos.

“A Indústria Cultural oriunda do processo valorativo da produção capitalista tardia produz um objeto que conduz a sua crítica ao abismo. Somente a apreensão da gênese histórica material e conceitual da Indústria Cultural promotora da Semiformação revela a luta de classes que parece se esgotar na crítica do fetiche e precisa ser orientada à crítica das Relações Sociais Materiais de Produção reprodutoras da própria Indústria Cultural (...)” (MAAR, 1997, p. 45) (grifo nosso)

Semiformação Cultural

A partir das experiências e reflexões desenvolvidas pela Escola de Frankfurt é possível pensar que uma das formas de sujeição do sujeito é justamente a construção social de uma formação cultural prejudicada/danificada – a **Semiformação Cultural** (*Halbbildung*). É aquilo que nos anos 30 Adorno e Horkheimer vão caracterizar como a **integração** do sujeito à sociedade na perspectiva da continuidade do modo de produção Capitalista, sublinhando a dominação no plano subjetivo.

Mais especificamente, junto com essa integração do sujeito há também uma integração das formas críticas de se recuperar a dignidade da formação humana: há uma integração da cultura, por exemplo, como possível crítica do sujeito alienado. A cultura socialmente produzida (mas adulterada) deixa de ser um instrumento revolucionário de libertação. Ela também é inserida como um instrumento de integração. Esse processo de integração duplamente concebido precisa ser devidamente apreendido de maneira crítica para fazer face a construção de uma formação cultural digna, autêntica, verdadeira (*Bildung*) em momentos difíceis.

Poderíamos dizer que uma importante contribuição da Escola de Frankfurt é explicitar e pensar criticamente a semiformação, e junto com ela, também repensar e apresentar uma discussão dos instrumentos que pretendiam estar associados a uma

superação da sujeição do sujeito, como por exemplo, a cultura. Através da apreensão de uma cultura mais autêntica as relações de sujeição social poderiam ser superadas, o contrário do que aconteceria com a cultura no sentido de mercadoria.

Adorno enfrenta a questão da formação danificada (Semiformação) argumentando que o fetichismo da mercadoria produz subjetividade e que os homens, ao se relacionarem com as mercadorias, conseguem se desvencilhar de seu valor de uso. Por essas duas colocações é possível imaginar que através do mecanismo do fetichismo da mercadoria se produz uma determinada consciência que, por suas vez, não permite a construção da Bildung, e conseqüentemente, a construção da vida reta.

Torna-se possível imaginar que, para Adorno, vai-se construindo no processo de reprodução da sociedade uma necessidade de consumir valores de troca. A partir dessas necessidades criadas socialmente, mas de forma perversa, vai se construindo uma consciência danificada que muda a relação dos sujeitos com a realidade, levando-os a viverem de maneira afirmativa em relação ao *status quo*. Essa parece ser a base do mecanismo pelo qual vai se interferir nos sujeitos, mudando a sua relação com o mundo. Desvencilha-se a relação com o valor de uso para construir uma nova necessidade hipostasiada no valor de troca dos bens, inclusive da cultura.

O risco da dominação se interiorizar nos homens por meio de suas necessidades constitui uma tendência real do capitalismo tardio. Agora a dominação das pessoas se apresenta exatamente na conversão das necessidades de uso por necessidades de troca, na produção de necessidades danificadas. Perigo esse que não diz respeito à possibilidade da barbárie após a revolução, mas a obstrução da revolução, inclusive formativa, por intermédio da sociedade cujas pessoas se integram totalmente à ela.

Passamos então a falar de uma sociedade que procura integrar totalmente os indivíduos à sua realidade opressiva e obstruir a construção da Bildung. A sociedade

integrada consegue se reproduzir, se perpetuar, porque não resta quase mais nada fora dela. Não resta quase nada que se dissocie de seu processo de integração à barbárie. Não há quase pessoas que pensem diferente das formas capitalistas de se relacionar com tudo. As formas concretas nas quais essa nova integração se dá vão ser apresentados por Adorno em dois escritos de seu período posterior: “A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas” (da obra “A Dialética do Esclarecimento”) e o ensaio “A Teoria da Semiformação”.

No primeiro texto citado, Adorno argumenta que Indústria Cultural é a acentuação da transformação de valores de uso em valores de troca. Mas esse é um mecanismo que é complexo e é explicado, também explicitado numa obra introdutória da elaboração da Indústria Cultural, que é o ensaio “*O fetichismo na música e a regressão da audição*”.

Interessante registrar aqui que a manipulação das necessidades e a criação das necessidades retroativas vão mudando os sujeitos. Eles já não são mais os mesmos. As necessidades das massas são produtos da sociedade. A sociedade inventa as suas massas.

Nessa construção de subjetividades semiformadas percebe-se uma grande influência da Indústria Cultural - mecanismo de produção e reprodução da formação danificada, da Semiformação - pois nela o duplo caráter da cultura constituído pelas dimensões da autonomia e da adaptação perdem a tensão/movimento necessários para promover a formação cultural digna.

No sentido de absolutizar a cultura em sua dimensão administrada/adaptativa, ela acaba tornando quase impossível a construção de uma sociedade de indivíduos emancipados, de seres livres e iguais.

*“Tal fato não apenas indica uma consciência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais — a humanidade e tudo o que lhe for inerente — enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas. A formação que se esquece disso, que descansa em si mesma e se absolutiza, acaba por se converter em semiformação”*o (ADORNO, 1996, p. 48).

Bruno Pucci (1997) argumenta que a progressiva impotência da cultura burguesa¹⁵ em realizar a construção de uma sociedade de homens livres e iguais fez com que ela, historicamente, satisfizesse-se de si mesma e se transformasse em um valor de mercado, ou seja, os produtos culturais, antes revolucionários, deixam de ser predominantemente valores de uso para se tornarem **apenas** valores de troca, disseminados pela Indústria Cultural. Assim unidimensionalizou-se o momento de adaptação da cultura e *"a consciência da massa, 'formada' por bens 'culturais' neutralizados e petrificados, é levada a desenvolver valores de consumo imediatos(...)"*. (PUCCI, 1997, p. 91)

Verificamos portanto que, no período liberal do capitalismo, o momento de autonomia da Cultura, formador da Bildung era buscado como reparador da deformação cultural do proletariado no sentido de apreensão insuficiente de cultura. No entanto, como predominou o momento da adaptação da cultura, faltando-lhe o princípio propulsor da formação cultural digna (o momento emancipador e de autonomia), a correção da deformação cultural e criação de uma experiência formativa digna perderam-se, foram recalçadas.

Nesse sentido, a deformação dos sujeitos não pode ser equalizada, transformando-se em semiformação cultural. Transforma-se nessa última pelo processo de mercantilização imediata da cultura, portanto, sua adulteração. A proposta da Teoria Crítica, especialmente a de Adorno e Horkheimer é o resgate da tensão entre esses dois momentos antagônicos e complementares da cultura, pois na verdade, o processo cultural formador apresenta-se como um todo: autonomia e adaptação. A hipóstase de uma das dimensões significa negar-lhe a potencialidade e mesmo a realidade. Adorno entende que:

“quando o campo de forças a que chamamos formação se congela em categorias fixas — sejam elas do espírito ou

¹⁵ Com a queda do sistema feudal e a progressiva implantação do domínio burguês (séc. XVII, XVIII, XIX), a possibilidade de usufruto dos bens espirituais e da cultura se apresenta mais concreta para a maioria da população. Porém, as conseqüências da exploração do trabalho e suas formas desumanizadas de organização excluem a massa dos trabalhadores do deleite da formação cultural. Apenas alguns poucos tinham acesso. Contudo, mesmo que a serviço de uma minoria e impotente em seus pressupostos iniciais, a cultura burguesa continuava trazendo em si uma proposta inovadora, ao mesmo tempo que representava e consolidava a nova classe dominante, criticava a

da natureza, de transcendência ou de acomodação — cada uma delas, isolada, se coloca em contradição com seu sentido, fortalece a ideologia e promove uma formação regressiva”(ADORNO, 1996)

Um aspecto muito importante em toda essa reflexão é o fato de que, com a universalização do mercado, a contradição social entre formação cultural e sociedade de consumo não apresenta como resultado a não-cultura, o não-saber e sim a semicultura (Halbbildung).

“O desenvolvimento que culminaria no conceito de Indústria Cultural e no seu correspondente no plano da subjetividade, a Semiformação, ilustra de forma exemplar como apreender a formação social contemporânea caracterizada pela globalização econômica e mundialização da cultura” (MAAR, 1997, p. 78).

Por conseguinte, defrontamo-nos com um problema a ser pensado no capitalismo tardio: a presença de uma maioria de indivíduos semiformados. Isso se coloca socialmente porque a cultura danificada bloqueia a “boa formação” e promove a Semiformação. É preciso debruçar-se nessas reflexões, aprofunda-las para, posteriormente, podermos repensar algumas questões relacionadas à Educação Física, Cultura Corporal e Concepção de Corpo na sociedade contemporânea.

A semiformação cultural, nesse sentido, difere da deformação cultural na medida em que não basta fornecer cultura aos semiformados pois "a contradição entre formação cultural e sociedade não apresenta como resultado apenas uma incultura do antigo estilo, a camponesa (ADORNO, 1996)". A Semiformação não é a carência ou falta de cultura/conteúdos culturais, mas a apreensão de uma cultura com sentido formativo prejudicado, uma falsa cultura. Nas palavras de Adorno, " O semiconhecimento e a semiexperiência não correspondem ao nível elementar de formação, mas são na verdade seus inimigos mortais" (ADORNO, 1996).

A Semicultura é um produto da experiência danificada com os fenômenos. Ela se torna perigosa para os indivíduos porque eles “pensam que sabem” e o homem só

situação existente e até apontava para o surgimento da nova sociedade mais justa. A tensão entre a dimensão conservadora e emancipadora da cultura continuava presente.

domina o existente mediante a autolimitação (que eles acham que não tem). Pucci (1997, p. 96) argumenta que *“no não-saber há uma predisposição do homem para a busca do saber”* e *“no semi-saber, a pessoa julga-se sabedora e se fecha às possibilidades da sabedoria”*, portanto,

“A não cultura, como mera ingenuidade e simples ignorância, permitia uma relação imediata com os objetos e, em virtude do potencial de ceticismo, engenho e ironia – qualidades que se desenvolvem naqueles que não são inteiramente domesticados -, podia elevá-los à consciência crítica. Eis aí algo fora do alcance da semiformação cultural” (ADORNO, 1996).

Adorno subsidia teoricamente os que trabalham com a questão do entendimento da semiformação reportando-se à necessidade que a sociedade tem de atrelar a cultura aos mecanismos de dominação subjetiva. O autor contextualiza o caráter ideológico da semicultura apontando que

“A formação cultural agora se converte em uma semiformação socializada, na onipresença do espírito alienado, que, segundo sua gênese e seu sentido, não antecede à formação cultural, mas a sucede(...) a semiformação passou a ser a forma dominante da consciência atual” (ADORNO, 1996).

Nesse contexto desvenda-se que a questão primordial da formação cultural, que é a autonomia adquirida pelos sujeitos para ter condições de desconfiar, de criticar, não teve tempo histórico nem condições para se realizar. O homem trabalhador passa diretamente de uma heteronomia para outra, ou seja, da autoridade da Bíblia no feudalismo para a autoridade da Indústria Cultural no capitalismo. *“As conseqüências são a confusão e o obscurantismo, e, pior ainda, uma relação cega com os produtos culturais não percebidos como tais, a qual obscurece o espírito a que esses produtos culturais dariam expressão viva”* (ADORNO, 1996).

A negação dos pressupostos básicos para a formação cultural digna, que passa pelas condições sociais trouxe conseqüências trágicas aos indivíduos. Bruno Pucci (1997, p. 101-102) aborda as seguintes conseqüências: *“a eliminação dos momentos de diferenciação; a poda do espírito crítico; a atrofia da espontaneidade; a adulteração da vida sensorial”*. Essas facetas serão posteriormente abordadas nas análises sobre a concepção de corpo na sociedade capitalista contemporânea.

Em relação à eliminação dos momentos de diferenciação, recorreremos aos pressupostos da Indústria Cultural que, a tudo confere um ar de semelhança a seus produtos, bem como padroniza os bens, harmonizando a palavra, a imagem, a música, reproduzindo o que é sempre o mesmo, desenvolvendo indiscriminadamente a exclusão de tudo que é diferente ou novo na esfera social. Agora assistimos esse mesmo processo se repetir em relação à semiformação pois a formação cultural digna seria o diferente para a semiformação, portanto ela é negada e em seu lugar aparece um sucedâneo, a própria semicultura.

Adorno defende que para se alcançar a *Bildung* faz-se necessária a existência da diferença qualitativa, da particularidade e da individualidade. No entanto, com o avanço da integração do sujeito no processo de reprodução material da sociedade esses pressupostos são negados, poda-se o espírito crítico, o que acarreta uma inestimável degradação em relação à criticidade dos sujeitos, pois os mesmos são cada vez mais levados a pensar segundo a ordem do mercado no capitalismo tardio.

Reiterando, Adorno entende que o pensamento crítico sustenta a capacidade de adentrar no conhecimento e não ser travado por ele. Quando o conhecimento trava o pensamento, trata-se de um semi conhecimento ou apenas informação, tão privilegiada nos dias atuais, uma vez que não possibilita a atividade crítica. A partir daí, pode-se entender a crítica realizada pelo autor em relação aos conhecimentos dados, ou seja destituídos de experiência formativa

Na concepção Iluminista de *Bildung* o sujeito poderia, a partir de si mesmo e através da experiência verdadeira com o social, pensar uma sociedade emancipada, uma vida digna, pois ele se fazia sujeito ativo na teia social, compreendendo-a e interagindo com a mesma, indo além, ousando espontaneamente.

No entanto, sabe-se que essa energia insuflada pela *Bildung* desaparece devido à estandarização da dimensão instrumental da razão na formação cultural que se torna mercadoria nas mãos da Indústria Cultural. O que Adorno chamou de a atrofia da espontaneidade seria a não liberdade de pensamento e tem como consequência

o esquema de repetição que o semiculto faz do "sempre igual" difundido pela 'mass media' porque ele também perde o sentimento e os valores da esfera intelectual. Sua percepção é 'castrada' no momento que se perde a experiência formativa com os objetos culturais. Em uma passagem da obra "Mímima Morália" de Theodor Adorno, isso fica bem claro. Nas palavras do autor: *"uma vez suprimido o último traço da emoção, o que resta do pensamento é apenas a absoluta tautologia"* (ADORNO, 1993, p.33).

Adorno adverte ainda que, na semiformação, não existe apenas a despotencialização da razão, mas outra consequência é a adulteração da vida sensorial, ou seja, a adulteração dos sentidos humanos. Essa adulteração transforma a razão em irracionalidade. O indivíduo como um todo é incapaz de estranhar, de resistir.

Com os aspectos destacados anteriormente e que retratam bem os prejuízos causados pela semiformação na vida dos sujeitos históricos, percebemos também a diferença gritante do tipo de formação pensada à época do Iluminismo kantiano e a que se engendrou no capitalismo tardio. Adorno, seguindo essa lógica de análise observa que

"A formação devia ser aquela que dissesse respeito — de uma maneira pura como seu próprio espírito — ao indivíduo livre e radicado em sua própria consciência, ainda que não tivesse deixado de atuar na sociedade e sublimasse seus impulsos. A formação era tida como condição implícita a uma sociedade autônoma: quanto mais lúcido o singular, mais lúcido o todo. Contraditoriamente, no entanto, sua relação com uma práxis ulterior apresentou-se como degradação a algo heterônomo, como percepção de vantagens de uma irresolvida bellum omnium contra omnes. Sem dúvida, na idéia de formação cultural necessariamente se postula a situação de uma humanidade sem status e sem exploração. Quando se denigre na prática dos fins particulares e se rebaixa diante dos que se honram com um trabalho socialmente útil, trai-se a si mesma"(ADORNO, 1996).

Portanto vemos nascer no processo de semiformação cultural um indivíduo que corresponde à uma sociedade também semiformada, uma sociedade reconstruída que conduz a uma falsa experiência social vivida pelo sujeito submerso na

objetividade ideológica. Os indivíduos têm uma relação com a sociedade que é falha, é danificada. A relação deles com a sociedade é uma relação de afirmação e não de entendimento dos mecanismos sociais. Walter Benjamin faz referência a esse processo de organização da sociedade a partir da constituição subjetiva do indivíduo numa reflexão contundente que diz: “*a reprodução em massa corresponde de perto à reprodução das massas*”. (BENJAMIN, 1994, p. 194).

Os sujeitos experimentam a sociedade como sendo um modelo do qual têm que participar para sentirem-se bem. Precisam consumir os valores de troca que são impostos a eles.

Os indivíduos semiformados tem experiências reais, experimentam a sociedade, mas a experimentam de maneira prejudicada. Essa, portanto, é a nova forma de sujeição da sociedade, a qual é preciso enfrentar de uma forma nova também. Não é possível pensar que a sujeição da subjetividade pode ser enfrentada fornecendo cultura a estas pessoas. A maneira de interferir nisto é interferir na maneira de inserção do indivíduo na sociedade. Pensar criticamente a própria cultura e a formação dos indivíduos. Esse é o desafio que a Teoria Crítica apresenta para os indivíduos nesta nova forma de sujeição social da subjetividade

Um fato não mudou: o indivíduo continua sendo importante para reproduzir o Capital e não pode ser eliminado em sua individualidade, mas ele precisa ter uma relação crítica com a individualidade que ele assume socialmente.

No entanto, ter uma visão crítica e reflexiva da sociedade torna-se cada vez mais difícil no momento que se privilegia a circulação de informações superficiais em detrimento de um conhecimento mais consistente. Na era da informação, o semiculto procura subjetivamente a possibilidade de formação cultural, entretanto, ele está se colocando contra ela, pois a experiência é substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero que ficará manchado rapidamente por outras informações. De maneira similar à cultura, o progresso técnico-científico possui um duplo caráter pois ao mesmo tempo que oportuniza o crescimento das forças produtivas, este não desemboca no esclarecimento, mas constantemente conduz ao seu contrário.

As solicitações por mais cultura crescem proporcionalmente ao desenvolvimento do nível de vida advinda do progresso, mas o que preocupa é que a expansão da formação cultural nas condições vigentes (a semiformação) aniquila imediatamente a formação cultural no sentido da *Bildung*. O progresso contém em si as potencialidades do avanço e do retrocesso, no entanto o retrocesso que ele causa fica esquecido mediante as maravilhas da civilização. É também esse descompasso entre avanço tecnológico e desenvolvimento humano, onde os instrumentos e as leis comerciais valem mais que a reflexão, que possibilita a formação de sujeitos cuja consciência social apresenta-se debilitada. Nesse sentido, Fabiano (1999) afirma que:

“... não se pretende relegar a importância a própria necessidade histórica na qual o processo de instrumentalização ocorre, mas evidenciar que, concomitantemente a essa conquista técnica e humana, historicamente determinada, esse processo tem centrado o seu foco de interesse nos aspectos técnicos-comerciais, em detrimento do desenvolvimento humano” (FABIANO, 1999, p. 24)

A semiformação nasce a partir da perda da experiência com os objetos formativos pela mera coisificação dos bens culturais transformados não também em mercadorias, mas somente em mercadoria. *“No clima da semiformação, os conteúdos objetivos, coisificados e com caráter de mercadoria da formação cultural, perduram à custa de seu conteúdo de verdade e de suas relações vivas com o sujeito vivo (...)” (ADORNO, 1996, p.58).*

Vale dizer que a Teoria Crítica da Sociedade não apresenta uma apologia da cultura quando apresenta uma tensão entre adaptação e emancipação, a verdadeira *Bildung*. Contudo, verifica-se que a necessidade do esclarecimento como ponte para se evitar a reprodução dos males acarretados pela semiformação é urgente. É preciso ter claro, todavia, que a formação cultural sozinha não pode garantir a racionalidade da sociedade, mas representa um momento necessário no processo de conscientização e emancipação.

Também seria preocupante o discurso de que nada escapou do controle da semicultura, pois Adorno adverte que, existem alguns poucos que não caíram no seu engodo: alguns indivíduos singulares e mesmo alguns grupos profissionais qualificados. De um lado esses grupos são exceção à regra geral e, com o tempo, podem ser contaminados. De outro lado, esses poucos não envolvidos podem significar a resistência.

Ainda, insiste Adorno, “*a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação em que necessariamente se converteu*” (ADORNO, 1996, p.62). A tentativa é a de demonstrar que a formação cultural é um longo processo histórico de mediação e continuidade que visa a humanização do homem na sua racionalidade, sensibilidade, corporeidade, materialidade. Visa humanizar o homem, suas relações e o mundo biológico e material. E que a perda da capacidade de fazer experiências formativas não é um problema imposto de fora à sociedade, acidental, e nem é provocado por intenções subjetivas, e sim corresponde a uma tendência objetiva da sociedade, ao próprio modo de produzir-se e reproduzir-se.

Um aspecto importante observado por Pucci (1997) é que o capitalismo tardio e suas crias, a Indústria Cultural e a Semicultura, limitaram o homem em suas condições sociais bem como no tempo necessário para realizar suas experiências formativas e lhes preencheram o tempo com vivências, emoções contínuas e de fácil alcance. O processo da semicultura, neste sentido, contrapõe-se a proposta de Kant, pois priva o sujeito da sua individualidade, criatividade e o despotencializa na objetivação de sua subjetividade em suas relações concretas. Ao mesmo tempo, é a semicultura como resultado da Indústria Cultural, uma realidade objetiva social onde os elementos culturais estão submetidos às leis dos sentidos econômicos e políticos vigentes.

A busca da educação/formação enquanto *Alfklärung*, em sua contraposição ao processo de semicultura não se dá, pois, apenas no campo puramente subjetivo e superestrutural; é uma busca que atinge o homem e a sociedade enquanto um todo, em sua capacidade subjetiva/objetiva, nas condições ideais e materiais de reagir, de se contrapor e de direcionar a perspectiva da emancipação.

Adorno encara a Educação num sentido mais amplo que a escolarização, mas é evidente que a escolarização é um dos momentos fundamentais no processo formativo e pode transformar-se num momento privilegiado na busca do resgate da experiência formativa. Mas não é o momento único e, para muitos que estão fora dos muros escolares, não é nem o momento privilegiado. O processo de semiformação permeia todo o processo produtivo e as relações sociais de produção. *“O chamado “saber popular”, o aparente “tempo livre”, os “democráticos” meios de comunicação, as diferentes manifestações estéticas respiram semicultura por todos os seus poros”* (PUCCI, 1997, 112-113).

É necessário entender os aspectos ligados a cultura danificada (semicultura) como elementos super-estruturais, ainda que se considerem originários dos elementos infraestruturais, estes tornam-se legitimadores desse processo, inviabilizando a sua dinâmica de transformação.

Partindo desse pressuposto, defender a educação na sociedade burguesa vigente significa antes de tudo resistir criticamente ao processo de semiformação e à própria sociedade burguesa que gerou esse processo. Nesse sentido *“percebe-se que a própria expressão consciência crítica e suas derivadas (conscientização, espírito crítico, etc) foram despotencializadas em seu sentido próprio pelo processo da semicultura”*(PUCCI et al, 1997, 113).

Entendemos, assim como Adorno, que na condição de semiformados os indivíduos participam da sociedade administrada como pseudo-indivíduos pois eles não podem ser possuidores da autonomia, da liberdade que evolui na relação com o objeto, tal como certa vez a idéia de formação conservou em si própria.

Entretanto, o processo de Semiformação não se dá de forma clara e lícita, e sim de forma autoritária e oculta, portanto, totalitária, não permitindo aos sujeitos a visão da armadilha na qual estão caindo. Tais mecanismos de manipulação funcionam sob o “manto encantado da democracia” que encobre e cega a sociedade moderna.

Sob essa estrutura de dominação no capitalismo contemporâneo, apresenta-se a “semiformação corporal”¹⁶ como resultado de um processo social objetivo, em que a dominação do momento de adaptação é superior à autonomia. Sobre essa base social observa-se que, a semiformação na educação do corpo ocorre pela forma social assumida também pela Educação Física Escolar, pelas atividades corporais desenvolvidas nas academias e clubes, pelo treinamento corporal determinado pelos esportes de alto rendimento, que são objetos de dominação reificados em bens culturais a serem transmitidos e assimilados.

E, tal como uma mercadoria da sociedade consumista, a cultura corporal danificada que está atrelada a uma educação danificada do corpo produz uma satisfação de interesses objetivos, mas que por sua vez, provoca o travamento da experiência formativa. Ao mesmo tempo, faz com que o sujeito vá perdendo gradativamente a capacidade de experimentar uma realidade diferenciada, obrigando-o, a adaptar-se à situação vigente, a aceitar a heteronomia social, provocando uma regressão na formação de sua corporeidade. (BEREOFF, 1999)

Essa regressão da construção da formação corporal dos indivíduos se manifesta por meio da diminuição dos momentos de diferenciação do conhecimento corporal. Uma educação do corpo voltada para a emancipação do indivíduo tem como condições básicas necessárias as sensações autênticas, verdadeiras e reais, proporcionadas por experiências concretas, no contato aberto com a realidade. Entretanto, as experiências autênticas foram substituídas por experiências danificadas através de bens culturais congelados, de categorias afirmativas do espírito objetivo, que já não causam mais estranhamento e admiração. (BEREOFF, 2003)

¹⁶ O termo “semiformação corporal” foi utilizado por analogia ao termo “semiformação cultural” para destacar que o sujeito é debilitado no processo de formação cultural também num plano fisiológico e biológico (percepções sensoriais/sentidos) e não somente no âmbito da subjetividade

CAPÍTULO III

CORPOS SUSPENSOS E EMOLDURADOS:

A SUBSERVIÊNCIA ESCANCARADA

*“O que não está reificado e não pode ser contado
nem medido, deixa de existir”
(ADORNO, 1993, p.39)*

Os fenômenos sociais, dentre eles o trato com o corpo, são falsa e comumente vistos pelos indivíduos na sociedade contemporânea como puramente naturais e biológicos e não como uma relação entre cultura e natureza. É por isso que o percurso teórico apresentado até o momento buscou demonstrar as condições que levaram a consolidação da situação do corpo na linha da história para entendê-lo como alvo a ser analisado e entendido na atualidade.

Partindo também das análises realizadas sobre as categorias frankfurtianas, “Indústria Cultural” e “Semiformação Cultural”, será possível demonstrar nesse capítulo, como os indivíduos são induzidos a uma determinada educação do corpo por meio das imagens corporais, onde a subjetividade incorpora a objetividade ideológica. Mais especificamente será destacado nesse momento de análise e discussão as facetas perversas que constituem uma formação danificada tais como os estereótipos e a lógica do sempre igual, a produção de necessidades, a coisificação humana e o fetiche.

Procura-se investigar, portanto, a relação entre a formação da consciência corporal humana e os possíveis investimentos formativos da Indústria Cultural assumidos pela exposição de imagens do corpo na esfera da sociedade capitalista moderna. Para isso foram examinadas imagens corporais veiculadas nos centros urbanos,

especificamente pelos '*outdoors*', no sentido de desmistificar alguns mecanismos de manipulação ideológica desse aparato.

Vale dizer que consideramos as imagens como textos a serem lidos. O contato com elas atua como uma educação visual, que se revela como uma educação política. Nessa educação há sempre um modelo para se seguir e a dominação nesse contexto começa pelos sentidos, no caso, a visão. As imagens, neste caso, são o grande trunfo da Indústria Cultural por construir símbolos, e o efeito do simbólico acaba produzindo mitos. A representação mítica exagerada converge na destruição das possibilidades de construção de uma experiência verdadeira com os fenômenos.

Ainda cabe observar que a Indústria Cultural, na sua cumplicidade ideológica com um modo de produção social que coisifica a vida humana, assume o seu caráter autoritário pela forma como impõe valores que legitimam esse modelo de sociedade. Ou seja, ela é consequência de uma sociedade autoritária que coisifica a vida humana e mantém uma cumplicidade que acaba desembocando na reprodução da sociedade. No entanto, por mais que esse processo cultural tende a homogeneidade, ele apresenta fendas onde a impossibilidade de uma formação cultural digna se transforma em possibilidade.

A escolha dos *outdoors* prende-se ao fato de que, ao contrário dos demais discursos de massa, como as revistas e programas televisivos, eles não são eletivos. Não há como evitá-los, eles se impõem ao olhar mais desatento ou desinteressado traduzindo-se em resquícios totalitários e fascistas na sua forma sutil de impor padrões comportamentais. Da mesma maneira, o formato do *outdoor* é, por si só, autoritária. Ele é gigantesco, é imenso, se impondo em todos os sentidos.

Também, seu caráter exclusivo de publicidade induz na percepção dos indivíduos uma identificação que ultrapassa o mero consumo do produto para assumir uma dimensão consumista da própria noção de corporeidade. Por sua vez, a noção de corpo assim veiculada, presta-se mais facilmente às imposições mercantis que a sociedade de consumo procura imputar às suas formas de expressão.

Nessa perspectiva, apontamos para uma reflexão de Adorno (1993) sobre a relação da propaganda com a dominação da subjetividade: "*o mecanismo de reprodução da*

vida, de sua dominação e aniquilação, é imediatamente o mesmo, e em conformidade com ele a indústria, o Estado e a propaganda se amalgamam".(ADORNO, 1993, p; 45). Segundo a linguagem de que a propaganda se vale, Adorno & Horkheimer esclarecem que:

A propaganda faz da linguagem um instrumento, uma alavanca, uma máquina. A propaganda fixa o modo de ser dos homens tais como eles se tornaram sob a injustiça social, na medida em que ela os coloca em movimento.
(Adorno & Horkheimer 1985, p.238)

Possivelmente, nesse processo engendra-se um importante canal na formação de milhares de indivíduos que, de um modo ou de outro direciona uma concepção de subjetividade e educa uma compreensão de corpo podendo impossibilitar o sujeito de se constituir como sujeito autônomo. O indivíduo vivendo numa sociedade administrada acaba nomeando na dimensão corpórea a dimensão do objeto.

Imagens da Educação no corpo

Os estudos desenvolvidos por Soares (2002) mostram claramente que o corpo é educado a todo o momento e essa educação do corpo se reflete também pelas imagens corporais apresentadas na sociedade. Nas análises da autora, essa educação do corpo se manifesta lentamente no processo civilizatório e geralmente ocorre pelo constrangimento do corpo. Esse constrangimento pode se revelar de diversas maneiras, desde os hábitos de higiene corporal até a escolha das roupas, passando pela educação das sensibilidades, pelos objetos, comidas, religiões e mídia.

Contudo, cada época fala da sua retórica corporal, e nesse sentido, o corpo pode ser encarado como um texto que traz informações relevantes para entendermos a sociedade, pois diferentes épocas elaboram diferentes pedagogias do corpo e isso é extremamente político.

Na história, a modernidade vai trazer um tipo de valorização do corpo nunca antes visto. É nesse contexto que vai se produzir em abundância tecnologias para reconstruir o corpo (as cirurgias plásticas estéticas, por exemplo) e tantas outras para mostrá-lo e afirmá-lo nos mais diversos locais (*outdoors*, filmes, revistas, televisão, embalagens de produtos). Nesse momento, e hoje mais ainda, há uma fertilidade impressionante da reprodução da imagem corporal. Cada vez mais se mostra o corpo em todos os lugares. Entretanto, o problema não é a quantidade de imagens, mas quando elas se mostram como clichês. Há nessa situação alguns progressos, mas é preciso pensar também nos infinitos problemas acarretados sobre a formação dos sujeitos por esse fenômeno.

Essa visibilidade do corpo “24 horas por dia” pode afetar o modo de ser dos indivíduos. Podemos citar alguns problemas dessa visibilidade desmedida, tais como o nascimento da exigência de ser sempre fotogênico; estar sempre dentro de padrões estéticos predeterminados; o controle do corpo para atender às exigências da moda e a naturalização do processo de exibição do corpo em todos os lugares.

Em decorrência dessa visibilidade que produz exigências estéticas, possivelmente nascerão novas necessidades nos indivíduos que reforçará a dimensão consumista na sociedade, uma vez que uma infinidade de produtos se destina a facilitar o “alcance” de determinados objetivos estéticos relacionados ao corpo. Também, a dimensão fragmentada de estabelecer uma imagem de corpo vai se fortalecendo, pois o corpo passa a assumir uma ordem alheia e isto se revela como controle do corpo no contexto mais amplo da sociedade de consumo.

É a partir da modernidade que o corpo também estará diretamente atrelado aos valores comerciais deflagrados com o nascimento da grande indústria. Do mesmo modo irá ocorrer sua associação com a máquina, ou seja, o mundo técnico da maquinaria, bem como um estreitamento com os valores burgueses em ascensão. Nesse momento ocorrerá uma separação histórica da educação do corpo quanto às suas finalidades. Sobre isso Adorno e Horkheimer enfatizam que

“Para os senhores da Grécia e do feudalismo, a relação com o corpo ainda era determinada pela habilidade e

destreza pessoal como condição da dominação. O cuidado com o corpo tinha, ingenuamente, uma finalidade social. (...) Quando a dominação assume completamente a força burguesa mediatizada pelo comércio e pelas comunicações e, sobretudo, quando surge a indústria, começa a se delinear uma mutação formal. (...) É assim que desapareceu o sentido racional para a exaltação do corpo viril; as tentativas dos românticos, nos séculos dezanove e vinte, de levar a um renascimento do corpo apenas idealizam algo de morto e mutilado,” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 217)

A relação entre a forma de se educar o corpo e a estrutura social passa a ser irracional, pois essa educação não é necessária para a produção da vida e sim para a reprodução do sistema político e econômico vigente. O que está em questão é a perpetuação do sistema e não a construção de uma concepção de corpo que contribua para a emancipação do sujeito.

Os corpos suspensos e emoldurados

As imagens dos *outdoors* analisados, em linha geral expõem corpos estereotipados e extremamente sexualizados onde o destaque principal não é o produto que se quer vender e sim um determinado padrão estético de vida que dá ao produto todas as credenciais de mercadoria a ser aceita na sociedade.

Também, nos *outdoors* selecionados para o estudo, nota-se a presença quase total de corpos femininos, já que nos centros urbanos quase não tem a exposição de corpos masculinos, com exceção daqueles *outdoors* onde se encontram casais, mas que, mesmo assim, são escassos. A análise dos primeiros *outdoors* será feita de forma mais detalhada em relação às posteriores uma vez que muitos dados se repetem e o importante será a mensagem principal.

Percebe-se uma realidade pungente nas imagens e o apelo sexual é quase sempre muito bem empregado de forma implícita e sutil, não referenciando assim a vulgaridade, que no caso causaria efeito contrário ao pretendido. Ou seja, o que é visto a todo o momento é um “aliciar” o consumidor pelos olhos e pela sedução.

Figura 01: *Outdoor* da campanha publicitária de uma loja de roupas femininas.



O corpo que se apresenta neste *outdoor* é um corpo feminino magro e torneado. Observa-se no seu colo a saliência do osso externo, ou seja, uma magreza exagerada, concatenada com os corpos de modelos profissionais, os quais são sempre longilíneos e esbeltos, portanto, diferentes dos corpos “comuns” na realidade das ruas ou das relações interpessoais. Esse corpo também lembra os corpos das adolescentes anoréxicas e bulímicas, que em função da ditadura de um padrão de corpo, quase atingem níveis de auto mutilação, como se fossem parâmetros de beleza.

A modelo está vestida de forma provocante, pois deixa ombros, colo e coxa a mostra. Os zíperes do vestido por fechar, sugerem ao observador abrí-los em dois lugares estratégicos do corpo que evocam partes íntimas, estabelecendo uma relação de apelo erótico: um convite disponível ao prazer. O olhar da modelo carrega-se de elementos sensuais, buscando atrair de forma provocante a atenção de quem passa. A posição do corpo, lateralmente deitada com a cabeça erguida pelo braço, expressa sensualidade, juntamente com o olhar “fatal”.

O cabelo solto e aparentemente bem cuidado parece estar recebendo uma brisa leve, própria dos lugares altos e abertos, onde se localiza o *outdoor*, para que a imagem possa ser mais real, como se o vento, naquele momento tivesse esvoaçando seus cabelos. A falta de cenário, além de enfatizar ainda mais o corpo que se quer mostrar, pode ser encarado como fator que sugere liberdade. A ausência de outras figuras também sugere o reinar absoluto do corpo. As sensações do observador deste *outdoor* são captadas pelo jogo de imagens que as remetem numa relação de identificação com o modelo de corpo apresentado.

Vale ressaltar que a modelo selecionada para a campanha publicitária do pôster em questão, seguindo uma tendência desse tipo de mensagem, é de uma mulher de características físicas européias, enfatizando um padrão idealizado de beleza que se impõe ao público alvo a que se destina, no caso, o público feminino brasileiro. Aqui também o imaginário de corpo feminino de um Brasil popular e miscigenado, mostrado muitas vezes na literatura e nas artes plásticas, é quase que esquecido ficando apenas imposto para quem o olha, a lembrança dos corpos que a ciência e a publicidade querem mostrar: sem traços de cultura brasileira. Podemos dizer que esse é um exemplo onde *“a experiência é substituída pelo clichê e a imaginação ativa na experiência pela recepção”* (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, 187).

Nesse ponto de análise ressalta-se uma particularidade regional já que a modelo se destoa do público alvo, entretanto o aspecto de logro é uma característica inerente a Indústria Cultural que se manifesta no mundo todo.

Na estruturação e organização espacial da propaganda, na configuração da cena descrita e nos referenciais estratégicos utilizados (olhar, intimidade a mostra, cabelo, cenário), percebe-se que a vestimenta é o que menos se destaca. Entretanto, trata-se da propaganda de uma loja de roupas femininas. O que menos se quer vender é a roupa, no caso o sempre “básico tubinho preto”, peça “indispensável” no guarda roupa da mulher moderna.

Mais do que reduzir a informação à marca de uma roupa, o anúncio relaciona o seu uso com um estilo de vida que pressupõe beleza, sensualidade e liberdade.

Evidencia-se um certo tipo de logro: quem usa as roupas dessa determinada marca torna-se tão bela ou desejada e livre quanto às sensações provocadas pela organização das mensagens no *outdoor*.

Fica implícito na mensagem uma promessa de felicidade que só pode ser alcançada mediante a aquisição do produto anunciado. E sobre essa (pseudo) felicidade que se atrela ao consumo de bens Adorno (1993) reflete a seguinte questão:

“Como se uma felicidade que se deva à especulação com a felicidade não fosse o contrário da felicidade, não fosse mais uma irrupção dos modos de comportamento institucionalmente planejados no domínio cada vez mais atrofiado da experiência.” (ADORNO, 1993, p:53).

O logro também se manifesta quando o *outdoor* apenas revela o corpo seguido das três letras T.V.Z. Apenas tais informações não permitem o observador perceber do que se trata a suposta marca “TVZ”. Provavelmente só alguns saberão que se trata de uma loja de roupas femininas e nisso configura-se um emaranhado fantasioso que aliena ainda mais o receptor.

O que se pode perceber é que esse tipo de discurso inscreve no imaginário individual e coletivo uma lista de mensagens sociais que afirmam, pelos seus mecanismos de informação, a lógica mercantil que rege a sociedade capitalista. Na análise dessa primeira imagem pode-se dimensionar essa educação tendenciosa do olhar que se converte numa educação de adaptação ideológica ao conceber o corpo como objeto dos interesses econômicos através dele mediados.

Figura 02: *Outdoor* da campanha publicitária de uma loja de roupas femininas



Seguindo o mesmo padrão da imagem corporal exposta na figura 01, temos novamente uma pose sensual com pouco cenário, evidenciando assim o corpo da modelo magra e loira. A angulação do braço permite que a mão adquira uma posição que aponte para a região do quadril e extremidade do vestido que esconde as partes íntimas. A posição do corpo desenha com bastante expressividade os seios que na mesma linha vai ao encontro das coxas bem torneadas. O recurso induz o olhar que percorre os signos de sensualidade que a organização fotográfica expõe.

Observam-se aqui as mesmas características do *outdoor* anterior já que é da mesma loja, seguindo, portanto uma linha de propaganda que evidencia um estilo de vida e não um produto. O receptor, seduzido pela imagem da modelo passa então a observar também o nome da loja evidenciado em letras garrafais, associando a mesma com as qualidades demonstradas pela imagem. Tudo parece ser uma imposição, logo uma educação danificada do sujeito, dizendo: “Seja assim!!!”

Apesar da semelhança entre essa imagem e a anterior, como o apelo sensual, vemos aqui um apelo exagerado a um estereótipo de mulher de classe alta, um “*tipo socialite*”, como é de uso definir personalidades das Colunas Sociais ou revistas voltadas ao tema. A modelo sugere estar pronta para uma festa de luxo exibindo jóias brilhantes, colocados estrategicamente ao centro do seu corpo e nos pés, explorando de maneira genérica fetiches do imaginário social. Há nuances que sugerem uma espécie de *glamour*, pois o penteado, os brilhantes, a maquiagem e a sandália da modelo apresentam características de quem se apronta para uma festa ou acontecimento que requer tal aparência.

O que parece ingênuo e discreto está certamente concatenado com a mensagem que se quer fazer internalizar: “*seja glamourosa!*”. Com isso propõe-se qualidades de requinte e luxo a um corpo condicionado a essas estereotipias como possibilidade de realização pessoal. Um investimento pessoal, todavia, que deve constituir-se dos valores consumistas de exposição corpórea e de um conceito de beleza permeado por investimentos com valor de troca: o corpo é mais desejado ou aceito, segundo os acessórios do consumo que o constituem. Nesse sentido Adorno observa que

“É de bom alvitre desconfiar de tudo o que é ingênuo, descontraído, de todo descuidar-se que envolva condescendência em relação à prepotência do que existe.” (ADORNO, 1993, p.19)

O corpo exposto fica marcado na consciência do indivíduo que vai subjetivamente aumentando suas vivências sobre uma concepção de corpo a ser vivida na sociedade. Essas imagens acabam substituindo uma série de experiências formativas que comprometem a formação cultural do indivíduo no sentido da sua emancipação. O processo, logicamente forjaria uma educação do corpo mais autêntica e consciente com uma sensibilidade para estabelecer a sua própria escolha.

Figura 03: *Outdoor* de uma campanha publicitária de lingerie.



Esse *outdoor* apresenta a mesma estrutura de uma série de outros, ou seja, a mesma exposição corpórea estereotipada. Destaca-se a falta de cenário que evidencia o corpo da modelo, agora somente com peças íntimas. O símbolo da marca da *lingerie* está estrategicamente posicionada em cima da genitália da modelo e o nome da marca envolve todo o seu quadril.

Trata-se de um corpo estereotipado em todos os sentidos, tanto na sua constituição física como nas nuances sensórias. É certo que uma propaganda de *lingerie* deva mostrar peças íntimas, mas o apelo sexual observado não está relacionado apenas com a venda de simples peças íntimas, mas a uma atmosfera sensual e sexual que se mescla a uma determinada concepção de corpo e de mulher como objeto de venda no plano mais geral da sociedade de consumo.

Figura 04: *Outdoor* de marca de bolsas



A organização espacial da imagem desse *outdoor* chama atenção do olhar pela disposição da modelo enfocada de baixo para cima, com o corpo praticamente nu e coberto pelo produto anunciado. O apelo sexual muito forte denota os mecanismos de sedução e identificação com um ideal de corpo condicionado ao uso do produto. A modelo passa a sensação de uma mulher moderna, assumida, liberada, que sabe o que quer, criando a imagem de uma mulher desejada, não sem os componentes de consumo, como as bolsas *Victor Hugo*, que anuncia. A sensualidade despertada sai do nível erótico para despertar o desejo do produto, processo pelo qual o desejo da consumidora possível se identifica. Desejo e sensações corpóreas são veiculados num plano de consumo e não de educação da própria expressão da sensualidade.

Quem reina absoluta no *outdoor* é a modelo loira com seu corpo escultural, magro e bronzeado já que o cenário que envolve a modelo é insignificante perto da grandiosidade daquele “ser humano”. A calcinha é quase cor da pele, o que num olhar rápido certamente daria a impressão de que a modelo não estaria usando a referida peça íntima. Os sapatos de salto alto deixam a perna direita da modelo bem definida e num patamar que levanta ainda mais a perna esquerda enaltecendo as coxas e glúteos. O seio, apesar de bem coberto, é bastante realçado. Mesmo com óculos escuros ela nos encara e nesse “encarar” revela uma sensação de poder e segurança. O conjunto desses elementos contribui para cercar a percepção do espectador que “compra” não apenas o produto anunciado, mas as sensações

despertadas pela “mulher-produto” que também está a venda para as fantasias do consumidor. A relação de troca, que é a marca da sociedade capitalista como um todo, aí se revela na relação de troca entre corpos tomados como objetos de venda, tão descartáveis como as demais mercadorias.

É interessante ainda observar que se trata de uma bolsa de grife muito cara, ou seja, de pouco acesso à maioria da população. E, se poucos têm acesso porque ainda colocar uma pessoa com três bolsas? Parece ainda que o acento onde a modelo está sentada é também uma bolsa, ou se assemelha muito a sua forma. É uma mensagem que afirma a sociedade da abundância e do consumismo em que vivemos, que contraditoriamente se confunde com a sociedade da exclusão e da desigualdade social injusta. Portanto,

“Seria má psicologia supor que aquilo de que se é excluído desperta tão somente ódio e ressentimento; também desperta uma espécie de amor possessivo e intolerante, e aqueles que a cultura repressiva rejeita tornam-se facilmente seus defensores mais estreitos.”
(ADORNO, 1993, p.45)

Provavelmente os indivíduos que não possuem condições financeiras de adquirir uma bolsa tão cara, ao se depararem com o nível de mensagens do *outdoor* em questão, não as percebe como logro e sim desejam também possuir uma bolsa *Vitor Hugo*, como possibilidade de mobilidade social. A “necessidade” produzida pela atmosfera grandiosa da mensagem que se desenvolveu principalmente a partir de um corpo estereotipado não satisfaz apenas pelo consumo do produto, mas pelas sensações de identificação provocadas. Ou quem sabe, as bolsas não sejam o passaporte mágico para uma vida que a sociedade priva à maioria dos indivíduos?

Figura 05: *Outdoor* da campanha publicitária de loja de roupas



Nessa imagem do corpo a modelo está sentada, o que já muda um pouco a posição mais freqüente nos *outdoors* que mostra geralmente o corpo deitado. A cor do cabelo também muda, mas permanece o esvoaçar das madeixas soltas. Entretanto, nota-se que o que não muda é a constituição física da modelo e o clima de sensualidade explicitado através do olhar que continua a nos encarar, da boca entreaberta, do cabelo bem cuidado e solto, do olhar fatal e dos braços projetados para frente.

As pregas e a luz na blusa evidenciam os seios da modelo. A calça está colada às pernas e quadril e também o jogo de luz acaba evidenciando as coxas. Assim, as partes do corpo parecem fragmentar-se para tornar evidentes somente aquelas relacionadas a uma sugestão de apelo sexual, como se a sensualidade não fosse inerente ao corpo biológico e cultural e sim a determinadas partes isoladas. A inclinação do corpo insinua que a modelo está se oferecendo ao olhar do receptor.

Associando-se a inclinação do corpo, a modelo parece emitir uma mensagem, por meio do raio amarelo, marca registrada da grife, já que este sai explicitamente da boca. Logo se percebe, com a pequena frase do lado inferior direito, que o raio trata-

se mesmo de uma “fala”, que induz ao seguinte pensamento: “quem tem Zoomp, tem tudo”. Sequer é preciso falar ou pensar, pois a marca já “*diz tudo*”. Em um mundo tão empobrecido de narrativas¹⁷ e diálogos, o *outdoor* ratifica tal empobrecimento.

Figura 06: *Outdoor* de loja de departamento



Nesse *outdoor*, além da redundância da estereotípia exposta nos gestos e insinuações das modelos, observa-se ainda que a modelo em evidência é uma personalidade já conhecida do público no mundo da moda internacional. Como se pode constatar na mídia especializada em moda, trata-se da modelo mais bem paga e requisitada na atualidade. Associa-se, portanto, à marca do produto um nome respeitado mundialmente no mundo *fashion*, como é denominado o ambiente *glamouroso* do mundo da moda.

O anúncio, mesmo revelando apenas as palavras “*primavera, verão 2005*” convence o receptor, apenas mostrando o corpo/imagem da famosa modelo, de que ele, consumidor, também deva adquirir roupas na loja que a reconhecida e sensual modelo, supostamente abastece o seu guarda-roupas. Entretanto, sabe-se que esta modelo é vestida por marcas européias famosas. Talvez, ecoe nesse fato os significados das palavras da *Dialética do Esclarecimento* em relação a pseudo

¹⁷ Sobre o assunto consultar BENJAMIN, Walter. O narrador. In: *Obras escolhidas*. V. I. São Paulo,

satisfação proporcionada pelas promessas da indústria cultural: “quando ainda se deixa uma aparência de decisão ao indivíduo, esta já se encontra essencialmente predeterminada”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.189)

O anúncio do produto parece estar subtraído em relação à personalidade famosa e ao seu modo de vida descontraído e *glamouroso*, não a qualidade das roupas. A mensagem sendo veiculada por uma manequim tão bem sucedida em termos de mercado endossa com credibilidade e bom gosto os produtos da loja que promove.

Mais uma vez o corpo se apresenta não como investimento na sua autenticidade, mas na sua importância em consonância com a lógica do mercado. A montagem da propaganda evidencia isso: é mostrada somente uma peça de roupa na sua totalidade (blusa), pois a calça está cortada pela metade na fotografia escolhida. Não se trata de evidenciar as qualidades das peças mostradas, como um bom caimento, o conforto, a beleza, a praticidade ou algo parecido e sim a postura da famosa modelo, que inclusive aparece em close do lado esquerdo do *outdoor*, para que os receptores não se enganem daquela que está recomendando o uso das roupas. Ao contrário dos outros *outdoors* analisados, o produto mostrado não se associa apenas à perspectiva estética da modelo. As roupas, da referida loja estão associadas não apenas ao seu jeito livre e atual de ser, mas ao status social que a personagem representa.

Destaca-se a crueldade da mensagem que faz o receptor se identificar com um corpo e um tipo de vida quase inalcançável a uma pessoa “comum”. O corpo muito magro e longilíneo padronizado nas passarelas acaba sendo o parâmetro para que as demais mulheres desfilem também nas ruas, nos *shoppings*, nas Academias, nas escolas, enfim, em todos os lugares. Novamente uma reflexão de Adorno e Horkheimer se ajusta a esse conteúdo de mensagens fetichizadas: “A Indústria Cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 130)

Implicações de uma educação do corpo na atualidade

Na série de imagens apresentadas e analisadas a ilusão e a aparência envolvem e seduzem o indivíduo que internaliza diversos valores explícitos e implícitos de uma educação do corpo e de uma educação do olhar. O primeiro fator a nos chamar a atenção foi o caráter estereotipado dos corpos, seguindo todos um mesmo padrão estético. A experiência por meio da estereotipia é bastante abordada nas obras dos autores clássicos frankfurtianos como sendo um oponente à formação cultural. Destacamos uma passagem da *“Dialética do Esclarecimento”* para dar mais autoridade a essa idéia.

“O que é salutar é o que se repete, como os processos cíclicos da natureza e da indústria. Eternamente sorriem os mesmos bebês nas revistas, eternamente ecoa o estrondo da máquina do jazz. Apesar de todo o progresso da técnica de representação, das regras e das especialidades, apesar de toda a atividade trepidante, o pão com que a Indústria Cultural alimenta os homens continua a ser a pedra da estereotipia.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 139)

Nos *outdoors* trazidos à cena neste estudo percebe-se que todas as modelos são jovens, o que evidencia uma sensação de juventude que o uso dos produtos projeta no consumidor. Não se vê marcas da vida como pintas, sardas, manchas ou rugas, extinguindo a possibilidade da utilização de modelos com mais idade. E sobre essa artimanha da Indústria Cultural Adorno observa oportunamente que *“faz parte dos crimes simbólicos dos nazistas liquidar anciãos”*. (ADORNO, 1993, p. 16)

Foi a partir da modernidade que essa busca incessante pela juventude, pela limpeza, pelos corpos retos, lisos e sem excessos se intensificou, pois a ordem capitalista deveria se estender a todas as esferas da vida para que os valores da sociedade burguesa se consolidassem. Essa manipulação dos corpos torna-se uma pedagogia social. A educação do corpo deve se guiar por princípios já definidos como afirmativos na sociedade. E nisso, *“zela-se pela ordem: uns tem que se conformar porque, de outro modo, não podem viver; outros, que poderiam viver de outro modo, são deixados de fora porque não querem se conformar”*. (ADORNO, 1993, p. 15/16)

Essa beleza plastificada e muitas vezes enganosa, já que atualmente quase todas as fotos são tratadas no programa de computador *fotoshop*¹⁸ antes de serem publicadas, afasta cada vez mais o caráter humano das pessoas. Tudo parece muito limpo, artificial, plastificado e alinhado, como nos referenciais de regime fascista, nos robôs e andróides dos filmes de ficção ou no mundo das *bonecas barbies*. Tudo é tão coisificado que parece que estamos a contemplar seres sem vida, ou cuja vida só tem sentido quando lhes são imputados um sentido mercantil.

Com *outdoors* que mostram um mundo de perfeição corporal, onde as modelos sempre aparentam estar plenamente realizadas por utilizarem um determinado produto, vai desvelando-se uma ideologia da felicidade e da perfeição num mundo extremamente marcado por injustiças, portanto a imagem é uma aparência falsa da realidade no mundo social. O logro torna-se quase que um imperativo nos *outdoors*.

“O olhar voltado para possíveis vantagens é o inimigo mortal da formação de relações compatíveis com a dignidade humana em geral; destas podem decorrer solidariedade e empenho recíproco, mas estes jamais podem surgir no pensamento que almeja finalidades práticas”.(ADORNO, 1993, p. 27)

Também, uma ditadura da aparência vai se disseminando através da exposição de corpos extremamente estereotipados e sexualizados, uma vez que, ao se mostrarem tão grandiosos e perfeitos acabam sendo naturalizados como padrões a serem sempre seguidos para complementar o conjunto de fatores necessários para uma pseudo qualidade de vida.

Nessa perspectiva Herbert Marcuse (1997) nos ajuda a pensar sobre esse caráter ilusório que a Indústria Cultural determina ao expor a aparência como fator de extrema importância na formação cultural. A reflexão do autor revela como os aparatos dessa cultura administrada assumem a perspectiva da homogeneidade ideológica reforçando um modo único de vida na sociedade. A constatação do autor nesse sentido é a de que

¹⁸ O programa de computador *fotoshop* é um programa que manipula as imagens de fotos com o intuito de modifica-las. No caso de fotos de modelos o costume é tirar possíveis imperfeições do corpo como estrias, manchas, rugas, pintas e outros elementos que se julga necessário tirar pois atrapalham a beleza estética. Atualmente o programa é bastante utilizado para tratar as fotos das modelos que saem em revistas masculinas.

(...) por vias da cultura, mais especificamente, da Indústria Cultural, instala-se na sociedade a verdadeira “felicidade das aparências”, assim como a liberdade, a solidariedade e a consciência da aparência. Nestas “aparências” os sujeitos tendem a “suportar” a imensa infelicidade, injustiça, autoritarismo e miséria produzidos pela ordem social do ‘ser morto’: o capital”.(MARCUSE, 1997)

A concepção de beleza, essa estética corporal da magreza produzida no imenso rodado do consumo estimulado, mostrada nos *outdoors* de uma sociedade dominada pelo princípio da troca acaba enfraquecendo a experiência formativa do indivíduo que se torna fragmentado na constituição da sua identidade. Essa identidade fragilizada vale observar, é justamente o processo pelo qual a coerção ideológica se fortalece e as possibilidades emancipatórias vão sendo danificadas pelo processo social autoritário que se instala.

As experiências visuais relacionadas a um corpo quase inalcançável desautorizam uma série de outras experiências necessárias a uma educação do corpo e a uma formação cultural mais autêntica, ou seja, a experiência, no sentido que Walter Benjamin lhe atribui, foi substituída pela vivência empobrecida.

O indivíduo acaba caindo no engodo de que tais experiências, no caso visuais, são suficientes para a elaboração de um conceito de corpo. Esse processo se assemelha a formação de uma semicultura, (*Halbbildung*) que no caso poderíamos denominar de semiformação corporal, pois o indivíduo se convence de que já detém as experiências necessárias a uma educação do corpo colocando-se ele próprio na contra-mão de uma formação autêntica. As considerações de Adorno (1998) sobre esse processo deixam claro que:

A aparência de liberdade torna a reflexão sobre a própria não-liberdade incomparavelmente mais difícil do que antes, quando esta estava em contradição com a não-liberdade manifesta”. Os indivíduos, vivendo sobre essas aparências, essas mentiras, encontram-se presos nas garras da sociedade, que aspira pela passividade, pela docilidade e pela semiformação da humanidade. (ADORNO, 1998, p. 10)

A indústria cultural e seus aparatos acabam se configurando como um totalitarismo pós-moderno que usurpa do sujeito sua potência intelectual e reflexiva, conseqüentemente reprimindo-o. É como se existisse mesmo um espraiamento fascista na vida cotidiana. Educado através de experiências danificadas, numa sociedade carregada de indiciamentos comportamentais falaciosos, o corpo tende a seguir integrado na formatação que o sistema social impõe. Recorremos aqui a uma passagem da “*Minima Moralia*”, uma das mais expressivas obras de Adorno e que remete às pequenas nuances da vida administrada.

A palavra direta, que sem delongas, hesitação e reflexão diz as coisas na cara do intelectual, já possui a forma e o timbre do comando, que sob o fascismo vai dos mudos aos calados. A objetividade nas relações humanas, que acaba com toda ornamentação ideológica entre homens, tornou-se ela própria uma ideologia para tratar os homens como coisas. (ADORNO, 1993, p. 35)

Ao constatarmos a utilização de um mesmo padrão estético de corpo em quase todos os *outdoors* vemos se configurando com força total a “lógica do sempre igual” e também a produção de uma certa necessidade de se ter um corpo como os que se apresentam, já que embutido a essas imagens corporais estão as sensações de liberdade, satisfação, sensualidade e aceitação.

Torna-se, portanto evidente nessa série de *outdoors* a maneira explícita de educar o corpo segundo um padrão de beleza e estética, o que reforça a negação do diferente, do dissonante nos produtos da Indústria Cultural. Os estereótipos corporais, explorados pela mídia, têm veiculado o corpo associado à ideologia mercadológica da sociedade contemporânea comprometendo a consciência das adequações e ajustes ideológicos feitos contra o corpo instrumentalizado.

Sublinhamos nesse padrão a estética da magreza para as mulheres e a negação de um corpo que tenha experiências do tempo e da vida, já que “*o corpo, em si mesmo, deve ser expressão da natureza dominada*”. (VAZ & BASSANI, 2003, p. 20). Pesquisas vêm comprovando que no decorrer da história as medidas do corpo feminino vêm diminuindo drasticamente, apontando para uma generalização da estética da magreza (SILVA, 1999, p.41).

Em termos ideológicos esse tipo de concepção corporal mostrado nas análises assume uma função adaptativa na sociedade e remete a um entendimento das mensagens veiculadas nos *outdoors* numa perspectiva comprometedora da educação do corpo. Cuidar do corpo na perspectiva de se ter a “melhor” aparência, ou a aparência da moda e mostrá-lo em público vai se tornando uma necessidade para os indivíduos modernos. Ana Márcia Silva chama a atenção para esse fato ao observar que,

“A aparência individual, em sua constituição e em sua mensagem, se coloca como o próprio conteúdo ético da vida humana moderna. Em sua aliança com o ideal de saúde, esta imagem idealizada de corpo parece estar se transformando no ‘novo arquétipo de felicidade’.” (SILVA, 1999, p.41)

A sensualidade é explícita em todos os casos mostrados, o que confirma uma tendência forte da sociedade atual de banalização do sexo. O corpo sempre é colocado como a mercadoria principal onde sem ele a campanha não se realiza, uma vez que o produto que se quer vender perde o sentido se não estiver relacionado diretamente a uma imagem, na maioria das vezes, associada a um conteúdo erótico.

A intimidade é mostrada quando o sujeito se projeta grandioso. Passa-se a sensação que ele existe em evidência e em primeiro plano. O corpo é valorizado, entretanto, quando a evidência torna-se absoluta da realidade, a reflexão deve ser condição indispensável para apreender aquilo que as evidências ocultam. O *outdoor* coloca a intimidade em evidência. *“Num tempo em que a intimidade é solapada no processo de objetificação do sujeito, evidenciar o culto à intimidade que é despojada torna-se o evidenciamento de uma intimidade falida”¹⁹.*

Esse corpo que se fala nos *outdoors* é subliminarmente constituído de um conjunto de atividades adaptativas, pelas quais a grandeza do corpo tende a compor o capital simbólico. Nesse sentido ganham força os processos de menoridade vinculados à sociedade administrada. Os corpos que se apresentam são definitivamente expressão de uma educação do corpo que vem se configurando com a

¹⁹ Anotação literal da fala do professor Luiz Hermenegildo Fabiano na disciplina “Mídia, Estética e Educação” oferecida pelo programa de pós graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá no ano de 2003.

modernidade, mas ao mesmo tempo é mais um canal que educa os corpos na atualidade no caminho da semiformação. Entenda-se, portanto, corpos dependentes que perdem a exigência de sua autonomia para acatar o comando alheio.

Estão implícitos nos anúncios, fatores como a imposição de valores e comportamentos humanos, a disseminação de uma determinada estética corporal, a afirmação de uma sociedade que valoriza o comércio de bens culturais coisificados, a produção de necessidades perversas. Uma sociedade que vende um produto sem, no entanto, evidenciar as qualidades do mesmo; de ser honesto com o consumidor. Utiliza-se uma determinada estética corporal como mediação no processo de semiformação.

. (...) tudo é percebido do ponto de vista da possibilidade de servir para outra coisa, por mais vaga que seja a percepção dessa coisa. Tudo só tem valor na medida em que se pode trocá-lo, não na medida em que é algo em si mesmo.(ADORNO, 1993, p. 35)

A posição "sem concessões" de Adorno (COHN, 1990, p.18) o leva a identificar, na indústria cultural não apenas a ideologia do conformismo em substituição à consciência: que promete enganosamente as satisfações que não podem ser satisfeitas e resolve aparentemente os problemas que não podem ser por ela resolvidos. Para o autor, o objetivo central da indústria cultural é o de submeter os homens à condição de dependência e servidão, como massa passiva (ADORNO, 1986:99).

As imagens corporais expostas testemunham a própria não-identidade dos corpos. Pois, identidade segundo o pensamento crítico frankfurtiano seria aquilo que se constitui no sujeito a partir de experiências formativas com fenômenos sociais não danificados. Os corpos emoldurados mantêm a ilusão individual de que, por não ter livre escolha, não passa de uma pseudo-individualização. E, nesse sentido Vaz (2003, p. 07) reflete sobre a identidade burguesa afirmando que "*no contemporâneo, as imagens corporais são importantes como portadoras de identidades*".

O receptor dessas imagens simbólicas é levado a se identificar com uma concepção falaciosa de corpo que o levam à não-identidade autêntica e, por sua vez, não fazem vingar na vida social uma existência esclarecida e emancipada. A atrofia da consciência ou como poeticamente se expressa Fabiano (1999), “*a taxidermia das consciências*”, definitivamente se espraia sobre a humanidade.

Como tudo o que está no mundo nos educa, com as imagens corporais não poderia ser diferente. Os corpos presentes nos *outdoors* demonstram que a veiculação de figuras corporais, sobretudo estereotipadas, está relacionada a um determinado tipo de educação que pode levar a uma perda da sensibilidade para a formação corpórea autêntica no sentido do indivíduo ter consciência da educação do seu corpo, pois o corpo ganha uma dimensão alienada de si mesmo.

O indivíduo vem apreendendo a discursividade ideológica de uma educação do corpo danificada e com isso se fragilizando ainda mais no que diz respeito à formação de uma vida social para a emancipação. E Horkheimer já evidencia que: “*a crise da razão se manifesta na crise do indivíduo, por meio da qual se desenvolveu.*” (HORKHEIMER, 1975, p.19).

O corpo dos *outdoors* e que transita no imaginário do corpo social, é realçado pelo poder de investimento que lhe permite um valor de troca em todos os sentidos. Através deles são vendidos os velhos valores capitalistas do consumo e do falso bem-estar, supostamente obtidos pela obediência aos estereótipos veiculados. Esse processo propicia a incorporação de valores perversos, dificultando que o sujeito se dê conta ou tenha consciência de outras possibilidades de consciência sobre o próprio corpo e os seus limites individuais.

A vida sendo reproduzida em larga escala nos grillhões de uma sociedade que poda o espírito humano e estabelece experiências formativas danificadas, possivelmente forjará um indivíduo que não questiona, não critica, ou melhor, um indivíduo que está alheio para o entendimento social. Essa formação humana vai ao encontro do que foi chamado pelos frankfurtianos de semiformação cultural. E para encerrar nossas reflexões recorreremos a uma reflexão que Adorno faz no último dos aforismos de sua obra, “*Prismas – crítica cultural e sociedade*”, no qual indica que a reprodução

da vida na forma como a Indústria Cultural fomenta é a própria morte. A morte do indivíduo. Entretanto, isto não quer dizer que o indivíduo está morto, que não há mais possibilidade de reação ou de negação dessa estrutura. O autor reflete apenas demonstrando que o indivíduo ao se resignar apenas reproduzindo a vida, impede-se de viver a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“O cisco em teu olho é a melhor lente de aumento”
(Theodor Adorno, 1993, p.42)*

Vários fatores podem levar o indivíduo a uma formação cultural regressiva: aquilo que Adorno chamou de semiformação cultural. A principal delas seria a perda da experiência formativa digna que, cada vez mais, é substituída por símbolos ociosos e experiências danificadas. Entretanto, segundo a proposta da dialética negativa (obra capital do autor), deve-se investir na análise crítica dessa formação para convertê-la numa educação no sentido autêntico do esclarecimento (*Aufklärung*) e da emancipação. Nisso a área da Educação formal deve contribuir, pois embora ela sozinha não seja a resposta para a erradicação da semiformação (*Halbbildung*), ela pode se constituir como momento privilegiado no caminho para alcançar a vida justa.

Essa contribuição deve ser no sentido de estabelecer uma reflexão crítica dos fenômenos sociais no sentido do resgate da dimensão emancipatória da razão, pois cada vez mais esse tipo de reflexão se deteriora no interior das relações humanas, no âmbito da formação escolar e também na formação de professores. Apesar da escola ser um fruto do seu tempo, hoje uma atitude pedagógica mais crítica coloca em questão a sociedade. A tensão/conexão entre a dimensão instrumental e a dimensão emancipatória da razão se torna urgente em todas as esferas da formação dos sujeitos e deve também se constituir como preocupação pedagógica.

Nesse estudo, a referência de um tipo de mídia – *outdoors* - constituiu uma trama de informações necessárias para o entendimento do corpo e sua inter-relação com a situação paradoxal vivenciada hoje pela humanidade, uma vez que a Indústria Cultural parece constituir-se como parte significativa no processo formativo de milhões de pessoas. É nesse sentido que se torna urgente, necessária e fundamental uma reflexão crítica dos conteúdos disseminados por essa “indústria”, visto que atualmente tais reflexões parecem ausentes na sociedade.

A mediação do sujeito com os corpos veiculados pela Indústria Cultural, que determinam um certo padrão estético e a redução das experiências, é grande colaboradora no embotamento dos sentidos que acabam por desembocar na legitimação dos processos produtivos da reificação do sujeito e, conseqüentemente, das relações humanas. Sobretudo, porque educar através de estereótipos impede o exercício de uma experiência formativa autêntica para o processo de emancipação social.

Na atualidade, quase todos os *outdoors* espalhados pelos grandes centros urbanos utilizam imagens corporais. Qualquer produto, de qualquer característica e natureza pode se atrelar a um corpo, ou melhor, a uma determinada concepção de corpo para que seja vendido. Essa relação entre as mercadorias e os corpos demonstra como esse último adquiriu, desde a modernidade, o empobrecimento necessário a inseri-lo nas relações fetichizadas e manter a ordem social vigente. A coisificação do corpo parece ser parte da educação dos sentidos humanos na sociedade moderna e conseqüentemente de uma formação corporal danificada.

A relação entre os indivíduos e os “corpos emoldurados” produz uma experiência danificada com a dimensão corporal que leva ao enfraquecimento do indivíduo como sujeito capaz de ter consciência do seu corpo porque tem experiências falsas com os fenômenos sociais. Além disso, os estereótipos corporais estão relacionados com a reprodução de uma estrutura social que prioriza o ajustamento do indivíduo numa perspectiva fetichista. Por meio da análise das imagens corporais demonstrou-se o comprometimento de uma determinada educação do corpo para manter a lógica da barbárie da sociedade contemporânea.

Na exposição em larga escala de imagens corporais, bem como o direcionamento das imagens para corpos estereotipados, engendra-se a imposição de um padrão corporal no qual o indivíduo é levado a se identificar sem, no entanto entender ou questionar a mensagem cultural que está sendo veiculada. Instala-se, portanto um culto às aparências, às mensagens imediatas.

As imagens corporais utilizadas nos *outdoors*, em sua maioria, enunciam a “grandiosidade” da “pequenez” do corpo na modernidade, pois o corpo está tão enfraquecido na sua inteireza que há necessidade de um reforço exagerado da sua existência. Também os signos utilizados em campanhas publicitárias são em sua maioria signos destituídos de substância humanística.

A criação de necessidades se realiza de forma sutil. Por exemplo, no contato com as imagens do corpo expostas pelas várias faces da Indústria Cultural o indivíduo é levado a uma identificação forçada com determinada estética corporal levando a uma necessidade implícita de satisfazê-la. Revela-se aqui que esse tipo de cultura corporal é uma mediação que passa a ter um valor afirmativo da sociedade. Assim, percebe-se que a Semiformação trabalha no âmbito da subjetividade e encontra na Indústria Cultural um meio privilegiado de sobrevivência.

Com a cultura danificada sendo produzida e reproduzida em larga escala na sociedade do capitalismo tardio, a possibilidade de emancipação social torna-se cada vez mais comprometida com os princípios ideológicos desse modo de produção social. A formação mais consistente no sentido do fortalecimento da identidade do sujeito na sua dimensão social tem sido substituída por uma espécie de *simplismos* culturais de entretenimento como forma de adestramento da subjetividade. Essa formação danificada, no entanto, já expressa resultados preocupantes em termos educacionais da sociedade atual: perda de reflexão das condições objetivas da produção da vida social, sujeitos acríticos na reprodução da ocultação dos interesses que perpassam tal forma de produção social.

A educação do corpo vista a partir dos reducionismos que a ela são agregados em termos ideológicos é um canal de eficiência constatável para que a semiformação se instale nos processos formativos alienantes da atualidade. Esse processo é difuso, impreciso, mas de eficiência inegável para que os valores dominantes de uma determinada sociedade sejam disseminados em larga escala.

A História nos mostrou que desde a modernidade o corpo vem sofrendo as conseqüências drásticas de uma organização social que tenta se manter. E é nesse sentido que a subjetividade torna-se comprometida com a objetividade ideológica,

reproduzindo na sua particularidade uma totalidade social que exclui o seu direito de existência.

Nesse contexto, o corpo passa a ser suscetível às sujeições que lhe são impostas pelo modo moderno de produzir a vida e, principalmente, pelos ditames da Indústria Cultural que através dos mecanismos de manipulação ideológica impossibilitam o corpo de entender-se enquanto ação histórica e estabelecer sua identidade. A inconsciência do corpo (de sua identidade autêntica) é, portanto, parte da inconsciência de sua ação e intervenção no mundo social e inconsciência da ação social no seu mundo existencial.

O corpo moderno tornou-se aquele que se afirma como identidade de uma sociedade que glorifica o sistema econômico. Assim, o sujeito não consegue agir de forma consciente permitindo uma identidade corpórea para a possibilidade de existência na produção da história que o determina enquanto ser social.

Figura 07: *Campanha de promoção de troca de óleo em posto de gasolina*



Um dentre os outdoors analisados no corpo desse estudo reforça a dimensão corporal coisificada na sociedade capitalista atual. A interioridade do corpo é mostrada na sua condição de máquina. A musculatura revela na intimidade corpórea a incorporação do ambiente técnico sob o qual se ordena vida humana na sociedade industrial. Numa espécie de raios-X nota-se uma série de engrenagens e peças mecânicas que dão ao corpo humano o desempenho preciso e eficiente; a dinâmica necessária para a sua sobrevivência no sistema produtivo enquanto instrumento de produção.

É hipostasiada uma visão do corpo nos seus aspectos mecânicos e não no entrelaçamento entre cultura e natureza. Como bem observou Karl Max, nesse sistema produtivo, além de produzir mercadorias o sujeito não só as produz, mas passa a reproduzir as condições sociais que o tornam também mercadoria, ou seja, uma máquina produtiva, um motor.

Sobre as máquinas pode-se exercer todo o domínio e aqui também esse domínio se torna legítimo quanto ao corpo que tanto se assemelha à máquina. A interiorização dessas imagens pelos sujeitos revela não somente a percepção de que o corpo pode-se traduzir em máquina no seu desempenho eficiente, mas a sua própria expressão enquanto máquina. A lógica do capital pautada pela produção industrial passa a determinar também a lógica da produção da existência. Lembremos que a máquina é algo morto, sem vida. Ao estabelecer analogia direta com o corpo, como se ele fosse realmente uma máquina, ratifica-se a tendência social de fazer os sujeitos encararem o corpo como coisa morta, objeto subordinado e sem autonomia.

As análises realizadas neste estudo não têm a pretensão de sobrepor-se à perspectiva pedagógica que a formação humana deve submeter-se. Elas se somam enquanto mais um elemento formativo no imaginário social e por isso se faz importante a dimensão crítica que possa desocultar dos seus recursos informativos, os mecanismos de manipulação e de dominação social que legitimam e perpetuam.

Como historicamente a Educação Física também foi um instrumento de legitimação desta concepção de corpo útil nas relações sociais, é nela também que se torna possível fazer com que o sujeito tenha uma experiência formativa digna, capaz de

levar à percepção das contradições imanentes ao modelo de organização social estabelecido.

A educação do corpo não é uma educação onipresente, mas uma forte mediação para a formação dos sujeitos. Entretanto, como nos ensina o pensamento frankfurtiano, os fenômenos sociais são ambíguos e nesse caso seria a Educação Física, sobretudo a escolar, um contraponto para realizar uma educação do corpo digna ao se comprometer com a possibilidade de experiências formativas verdadeiras e autênticas com os conteúdos da cultura corporal.

Acreditamos que uma educação do corpo, assim danificada pelo conjunto de processos informativos que resultam em semiformação cultural compromete aquilo que o ser humano poderia construir enquanto uma vida justa e de rejeição à barbárie. Ou seja, a educação do corpo danificada por tais princípios de manipulação, tanto da consciência corpórea quanto de sua situação no mundo social, torna-se um obstáculo para o *esclarecimento (Aufklärung)* e este é peça fundamental para uma sociedade de indivíduos emancipados.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

1. ADORNO, Theodor. W. Cultura y Administración. P. 69. In: ADORNO, T. W. & HORKHEIMER, M. Sociologia (Tradução de Victor Sanches de Zavala). Madrid: Taurus, 1966.
2. ADORNO, Theodor W. Educação e Emancipação. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995 (Tradução: Wolfgang Leo Maar)
3. ADORNO, Theodor W, & HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento – fragmentos filosóficos (Tradução de Guido de Almeida). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
4. ADORNO, Theodor W, & HORKHEIMER, Max. O Conceito de Iluminismo. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1991.
5. ADORNO, Theodor W. Palavras e Sinais: modelos críticos 2. Trad. De Maria Helena Ruchel. Petropolis, RJ: Vozes, 1995.
6. ADORNO, Theodor W. A Industria Cultural. In: COHN, Gabriel. Comunicação e Industria Cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971. p. 287-295.
7. ADORNO, Theodor W. Televisão, Consciência e Industria cultural. In COHN, Gabriel. Comunicação e Industria Cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971. p. 346-354
8. ADORNO, Theodor. W. Introdução à discussão sobre “Teoria da Semicultura”. (Tradução de Antonio Alvaro Soares Zuin– Grupo de Estudos e Pesquisas “Teoria Crítica e Educação” – UNIMEP/UFSCar), 1998, Impresso.
9. ADORNO. Theodor W. Mínima Morália: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1993.
10. ADORNO. Theodor W. Teoria da Semicultura. (tradução de Newton Ramos de Oliveira, Bruno Pucci, Claudia Abreu de Moura) In: Revista Educação & Sociedade. Ano XVII, n. 56, Campinas: Papirus, dezembro, 1996
11. ALMEIDA, Erica C. Movimento Estudantil e Cultura: reflexões a partir da teoria crítica da sociedade. Piracicaba, Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba (Dissertação de Mestrado), 2001.
12. BASSANI, Jaison J. VAZ, Alexandre Fernandes. Comentários sobre a educação do corpo nos “textos pedagógicos” de Theodor W. Adorno. In: Revista Perspectiva. Florianópolis, v.21, n.01, p.13 – 37. jan./jun., 2003.
13. BENJAMIN, Walter. O narrador. In: Obras escolhidas. V. I. São Paulo, Brasiliense, 1985.

14. BEREOFF, Paulo Sérgio. Experiência formativa e Educação Física. São Paulo: UNISA, 1999.
15. BEREOFF, Paulo Sérgio. A arte de exercitar o corpo nu: resistência à regressão corporal. Piracicaba, Faculdade de Educação, Universidade Metodista de Piracicaba (Tese de Doutorado), 2003.
16. BRACHT, Valter. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo... capitalista. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho de. Fundamentos pedagógicos - Educação Física II. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1987 (180-1890).
17. BRACHT, Valter. Esporte - Estado - Sociedade. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.10, n.3, p. 69-93, jan. 1989.
18. CARMO, Apolonio Abadio do. Educação Física: uma ordem para manter a desordem. In: Fundamentos pedagógicos - Educação Física II. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1987 (180-1890).
19. CASTELLANI FILHO, Lino. Educação Física no Brasil: a história que não se conta. Campinas: Autores Associados, 1994.
20. CHAUI, Marilena. Indústria Cultural. In: Convite à Filosofia, São Paulo: Ática, 1996.
21. COELHO, Teixeira. O que é Indústria Cultural. São Paulo: Brasiliense, 1998.
22. COHN, Gabriel. Teoria Crítica e formação do indivíduo. Palestra proferida no I Encontro de Teoria Crítica e Psicologia no Instituto de psicologia da USP no período de 8 e 9 de novembro de 1999. (transcrito por: Prof^a. Ms. Erica Cristina Almeida)
23. COHN, Gabriel. Theodor Adorno. (Coleção Grandes Cientistas Sociais - n.º 54). São Paulo. Ática, 1994.
24. COHN, Gabriel. Comunicação e Indústria Cultural. São Paulo: Companhia Editora Nacional e Editora da USP, 1971.
25. COSTA, Belarmino César Guimarães. Comunicação mediática no processo de mundialização da cultura. In: A Educação danificada: contribuições à Teoria Crítica da Educação. Petrópolis/RJ: Vozes. São Carlos/SP: Universidade Estadual de São Carlos. 1997.
26. DOWBOR, Ladislav. Os novos espaços do conhecimento. 1997. (Internet: <http://www.ppbr/ld/conhec>)
27. DUARTE, Rodrigo. Adorno/Horkheimer & a Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

28. ENGELS, Friedrich. Do socialismo utópico ao socialismo científico. São Paulo: global, 1980.
29. ENGUITA, Mariano Fernandez. A face Oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo. São Paulo: Artes médicas 1989.
30. FABIANO, Luiz H. Industria Cultural: da taxidermia das consciências e da estética como ação formativa. São Carlos, SP. Universidade Federal de São Carlos (Tese de Doutorado), 1999.
31. FABIANO, Luiz H. Publicidade e erotismo: as armadilhas do desejo. (material apresentado em palestra realizada ao curso de Publicidade e Jornalismo na faculdade XY – Pontaporan/PR. 2002.
32. FERREIRA, Marcelo Guina. Esporte e Ideologia. In Caderno de Debates da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física. Pelotas, v.1, p. 5-9, set. 1996.
33. FREITAS, Francisco Mauri de Carvalho Ilusões e Devaneios: contribuições a crítica da Educação Física. Vitória: Centro de Educação Física e desporto da UFES. 1995.
34. FREITAS, Francisco Mauri de O corpo e o filósofo – temas proibidos. Vitória: Centro de Educação Física e desporto da UFES. 1994.
35. GIROUX, Henry. Os professores como intelectuais. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
36. GRIFFI, G. História da Educação Física e do Esporte. Porto Alegre: Luzzoto, 1989.
37. GUILLHERMETI, Paulo. Do corpo medieval ao corpo moderno. In: Motrivivência, janeiro, 1990.
38. GUIRALDELLI JR. Paulo. Educação Física progressista. São Paulo: Loyola, 1988.
39. HEROLD JÚNIOR, Carlos. Do corpo treinado pela necessidade à necessidade do treino: uma análise histórica do corpo no processo de construção da antiga sociedade grega. X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Anais, 1997.
40. HESÍODO. Os trabalhos e os dias. São Paulo: Iluminuras, 1991.
41. HOMERO. Ilíada. São Paulo: Ediouro S. A., s.d.
42. HORKHEIMER, Max. A eclipse da razão. Trad. de Sebastião Uchoa Leite. Rio de Janeiro: Labor do Brasil, 1976.
43. KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: O que é esclarecimento? In: Textos Seletos, Petrópolis: Vozes, 1985.

44. LOCKE, John. Segundo tratado sobre o governo. São Paulo: abril cultural, 1978. (Os pensadores)
45. MAAR, Wolfgang L. A formação em questão: Lukács, Marcuse e Adorno. A gênese da indústria Cultural. In: PUCCI, Bruno et al. A Educação danificada: contribuições à Teoria Crítica da Educação. Petrópolis/RJ: Vozes. São Carlos/SP: Universidade Estadual de São Carlos, 1997.
46. MAAR, Wolfgang. L. "Teoria Crítica e formação do indivíduo". I Seminário de Teoria Crítica e Psicologia – Universidade de São Paulo – 08e 09 de novembro de 1999.
47. MARCUSE, Hebert. Cultura e Sociedade. V.I, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
48. MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.
49. MATOS, Olgária. Escola de Frankfurt. São Paulo: Brasiliense, 1993.
50. MATOS, Olgária. Filosofia a polifonia da razão: filosofia e educação. São Paulo: Scipione, 1997.
51. NAGEL, Lúzia H. Avaliação, sociedade e escola. Curitiba: SEED, 1986.
52. OLIVEIRA, Vítor M. O que é Educação Física. São Paulo: Brasiliense, 1983.
53. PUCCI, Bruno & ZUIN, Antonio A. S. A teoria da resistência de Henry Giroux e a questão cultural. In: Revista Impulso. v. 9, n. 19, Piracicaba: UNIMEP, 1995.
54. PUCCI, Bruno, RAMOS – DE – OLIVEIRA, Newton, ZUIN, Antonio A. S. Adorno: o poder educativo do pensamento crítico. Rio de Janeiro: Vozes, 1999
55. PUCCI, Bruno, RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. ZUIN, Antônio A. S. A Educação Danificada: contribuições à Teoria Crítica da Educação. Petrópolis/RJ: Vozes; São Carlos/SP: Universidade Estadual de São Carlos, 1997.
56. PUCCI, Bruno. A Teoria da Semicultura e suas contribuições para a Teoria Crítica da Educação. In: PUCCI, Bruno, RAMOS-DE-OLIVEIRA, Newton. ZUIN, Antônio A. S. A Educação Danificada: contribuições à Teoria Crítica da Educação. Petrópolis/RJ: Vozes; São Carlos/SP: Universidade Estadual de São Carlos, 1997.
57. PUCCI, Bruno. Teoria Crítica e Educação – a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis: Vozes; São Carlos: EDUFSCAR, 1994.
58. RAMOS, Jair Jordão. Os exercícios Físicos na História e na Arte – do homem primitivo aos nossos dias. São Paulo: Ibrasa, 1982.

59. SANCHES, Eduardo O. Sempre magras, sempre belas: a educação do corpo pelos estereótipos. Monografia de Graduação – Licenciatura em Educação Física. Universidade Estadual de Maringá. Maringá/PR, 2003
60. SÃO BENTO, A regra de São Bento. Petrópolis: Vozes, 1992.
61. SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. In: Corpo e Educação – Cadernos Cedes 48. Unicamp, Campina/SP, 1999
62. SILVA, Ana M. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo de felicidade. Campinas/SP: Autores Associados, Florianópolis/SC: editora da UFSC, 2001.
63. SOARES, Carmem L. Imagens da Educação no Corpo Campinas/SP: Autores Associados, 2002
64. SOARES, Carmem L. Educação Física – raízes européias e Brasil. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.
65. VAZ, Alexandre Fernandes. Anais do Colóquio Nacional – tecnologia, cultura e formação... ainda Auschwitz. Piracicaba: UNIMEP, maio, 2002.
66. VAZ, Alexandre Fernandes. Da polifonia do corpo à multiplicidade de sua formação. In: Revista Perspectiva. Florianópolis, v.21, n.01, p.07/11. jan. jun., 2003.
67. ZUIN, Antônio Álvaro S. Seduções e simulacros – considerações sobre a Indústria Cultural e os paradigmas da resistência e da reprodução em educação. In: PUCCI, Bruno et al. Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP:EDUFISCAR, 1994, p 155.

- Ao querido menino anjo de Ubatuba, **Gabriel**, que me encanta cada vez mais por ser assim tão iluminado, doce, especial, sensível e meigo. Sua voz habita meus ouvidos, sua imagem habita meus sonhos, sua força me encoraja e sua história me comove... Por entrar na minha vida de uma forma tão peculiar e simplesmente por existir. E por acreditar que: *“se as coisas são inatingíveis, ora, não é motivo para não querê-las. Que tristes os caminhos se não fosse a mágica presença das estrelas”* (Mário Quintana).

ANEXO

Outdoor da campanha publicitária de marca de Jeans



Outdoor da campanha publicitária de uma loja de bolsas e sapatos



Campanha Publicitária de uma modalidade de academia



Campanha Publicitária de uma modalidade de academia



Campanha Publicitária de um modelo de automóvel

